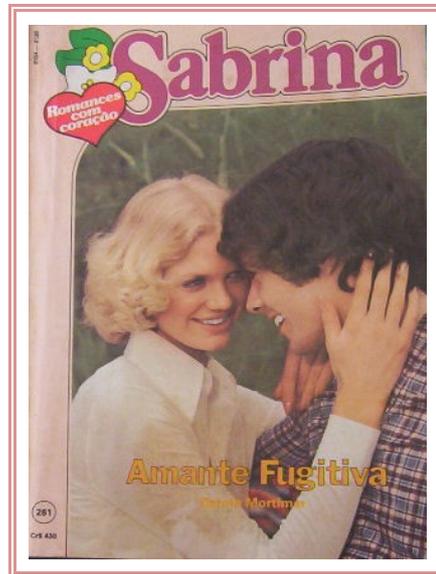


Amante Fugitiva

"Elusive Lover"

Carole Mortimer



Copyright para a língua

Digitalizado e revisado por

portuguesa: 1983

Gisacb4

Perdida no interior do Canadá, sem dinheiro, Erin não tinha como voltar para Londres. E sua beleza despertava a cobiça de tipos inescrupulosos! Até que apareceu um homem disposto a ajudá-la: Josh Hawke. Sem alternativa, Erin entregou seu destino nas mãos daquele enigmático desconhecido. Mas Josh pediu um alto preço pela sua proteção... A situação da frágil Erin se agravou quando foi forçada a ir viver com ele, numa fazenda isolada, até o momento de viajar para a Inglaterra. Aquela aproximação encerrava muitos perigos e Josh não escondia sua intenção de receber algo em troca por sua ajuda! E Erin ficou à mercê dele, sem ter a quem apelar...

CAPÍTULO I

Erin suspirou, exausta. Mais um quarto e daria por terminada sua tarefa diária. Afinal de contas já eram quatro e meia! Como o hóspede tinha acabado de sair, levaria pelo menos meia hora para deixar o quarto em perfeitas condições.

Abriu a porta e ao presenciar a enorme desordem suspirou, desanimada. Seu ocupante, pelo visto, tinha feito uma farra. Dos cinzeiros desprendia-se o cheiro forte de cigarro e garrafas vazias de cerveja espalhavam-se pelo chão.

Erin abriu a janela, a fim de arejar o cômodo e começou a remover as garrafas. O quarto encontrava-se em piores condições do que os demais e não terminaria de arrumá-lo até a noite! Quando Mike Johnston, o proprietário do hotel, a empregara havia duas semanas, não lhe dissera que sua mulher, que também ajudava a arrumar os quartos, passava a maior parte do tempo fora, fazendo compras. Também não a prevenira de que ela teria de suportar suas constantes cantadas!

Tudo aquilo lhe parecera bom demais; porém, o que não a deixaria contente depois de servir hambúrgueres gordurosos em um bar de terceira categoria, durante um mês e meio? Em comparação, limpar e passar o aspirador de pó em quartos de hotel lhe parecera bem mais fácil. O horário era puxado: das oito da manhã às quatro e meia da tarde, com dois dias de folga na semana. No entanto, com certa frequência suas folgas eram canceladas, e além do mais Erin tinha de repelir os avanços dos homens que se hospedavam lá. Eles pareciam acreditar que o preço da diária incluía uma aventura com a arrumadeira, pela manhã.

O fato mais recente se dera ainda naquele dia, com um rapaz da idade de Erin, que tentara levá-la para a cama. Até que ele era bonito, mas Erin não se interessava, em absoluto, pelas aventuras passageiras que aqueles homens lhe ofereciam.

A idéia de vir para o Canadá a deixara muito animada. Queria visitar o lugar em que nascera e onde vivera até os três anos de idade, quando seus pais emigraram para a Inglaterra. Além do mais o Canadá era um país belíssimo, sobretudo a Província de Alberta, onde fora morar. No entanto, o custo de vida na cidade de Calgary era um dos mais altos do país, e os dois empregos que ela se vira obrigada a arranjar davam-lhe muito pouco tempo para sair e se divertir.

Mike Johnston, seu patrão, oferecia-lhe aquilo que ele considerava uma forma de divertimento, mas que não coincidia com o que ela imaginava. Erin achava cada vez mais difícil repelir seus avanços sem perder o bom humor, e o homem já havia insinuado que se Erin não lhe desse o que ele pretendia, ela poderia procurar outro emprego.

- Meu bem, este aqui é o quarto trinta e seis?

Erin voltou-se surpreendida, ao ouvir aquela voz tão agradável. Arregalou os olhos ao notar a aparência do homem que lhe falava. Usava botas de couro, jeans desbotados e uma camisa xadrez, vermelha e preta. Seus cabelos muito negros eram em parte escondidos por um chapéu de vaqueiro.

Erin contemplou seu rosto queimado de sol. O queixo era firme e decidido, tinha uma covinha no centro e os lábios bem-feitos abriam-se em um sorriso. O nariz era recurvado como o bico de uma águia e tinha os olhos muito fundos, abrigados sob sobrancelhas espessas. A distância era difícil reconhecer sua cor, mas eles eram possivelmente azuis ou verdes.

Sua presença parecia encher o quarto tão acanhado e Erin estremeceu, apreensiva. Havia algo naquele homem que a deixava nervosa. Tinha certeza de que não era um playboy e muito menos um daqueles rapazes agressivos e desrespeitosos que se hospedavam lá. Não conseguia encaixá-lo em nenhuma categoria, o que a deixava preocupada, sem saber como deveria agir em relação a ele. Aparentava uns trinta e poucos anos, era bonito e, pelo visto, não era do tipo de homem que gostava de dar em cima de todas as mulheres. Talvez trabalhasse em alguma das fazendas da região e tivesse vindo à cidade a negócios.

— E então?

O rapaz interrompeu os pensamentos de Erin e colocou sua mochila no chão.

— Desculpe...

— E aqui o quarto trinta e seis?

— Sim... — declarou Erin, sentindo-se um tanto tola e não sabendo como remediar a situação.

Percebeu que devia estar um tanto suja, pois trabalhava desde a manhã, e sua camiseta de algodão estava toda manchada. Os cabelos já escapavam do elástico com que ela os prendera, o que a fazia aparentar menos do que seus dezenove anos. Naquele momento Erin sentia-se como uma adolescente de quinze, e sabia que devia estar aparentando aquela idade.

— E então por que está marcado trinta e nove na porta? — indagou o rapaz. Entrou e jogou a mochila sobre a cama, olhando com evidente desagrado a desordem que ainda reinava no quarto.

— E mesmo?

Erin foi até a porta e, pegando o número nove, girou-o. Assim que ela se afastou, o número voltou à posição anterior.

— Acho que... o parafuso caiu...

— É exatamente o que pensei. Você por acaso é inglesa?

— Sim...

— Muito bem, minha jovem senhorita inglesa. Reservei o quarto para hoje.

— É mesmo? — ela indagou, desanimada. Sabia que levaria algum tempo para limpá-lo, e não conseguiria dar conta de sua tarefa se aquele homem ficasse olhando para ela. Agora conseguia distinguir a cor de seus olhos. Eram profundamente verdes, da cor de esmeralda, e contrastavam profundamente com sua pele queimada de sol.

— Sim — ele confirmou, tirando o chapéu e revelando os cabelos mais negros que ela jamais vira.

— Mas é que ainda não acabei de arrumá-lo...

Ele olhou atentamente à sua volta, notando as pontas de cigarro nos cinzeiros e as garrafas vazias.

—Meu bem, espero que você ainda nem tenha começado. Não aceito ocupar um quarto nessas condições.

—É que... hoje me atrasei um pouco...

—Você leva jeito de se atrasar todos os dias — ele disse, com amável ironia, contemplando o rosto afogueado de Erin.

— Eu quis dizer que ainda não terminei o meu trabalho.

— Sei muito bem o que você quis dizer, querida...

- Não sou sua querida! — explodiu Erin. O dia tinha "sido muito cansativo e ela não agüentava mais arrumar camas, limpar banheiros imundos, e não iria permitir que aquele sujeito zombasse dela.

—Vou arrumar o seu quarto o mais rápido possível, mas acho que vai levar alguns minutos.

—Não se desculpe, senão você estraga o efeito de sua cena. — Efeito?

—Cheguei a pensar que você fosse uma molenga, incapaz de qualquer reação. Esse pequeno ataque de temperamento mostrou que me enganei. Não recomece a resmungar como uma idiota.

O rapaz sentou-se na cama, apoiando-se na cabeceira, e colocou os pés sobre os lençóis.

— Não me chame de idiota! E tire os pés da cama!

— Mas você ainda não mudou a roupa, não é mesmo?

— Sabe muito bem que não!

—Pois então deixe os meus pés permanecerem onde estão. Pelo menos assim terei certeza de que você mudará os lençóis.

Indignada, Erin apertou os punhos e sentiu-se capaz de esbofeteá-lo naquele momento, sem se importar com as conseqüências.

—Eu sempre mudo os lençóis!

O rapaz esticou-se na cama e pôs as mãos sob a cabeça.

— Não quero impedi-la de trabalhar.

— Não está impedindo coisa alguma!

Erin, irritada, foi para o banheiro e começou a limpá-lo. Que homem mais arrogante! Só faltava aquilo, depois de um dia tão exaustivo! Ele estava parado na porta e bloqueava a saída.

—Estou perfeitamente calma.

—Dá para notar... — O rapaz entrou e sentou-se na borda da banheira, enquanto Erin limpava a pia.

Ela ficou incomodada diante daquela proximidade. Do corpo dele desprendia-se o odor de água de colônia e um cheiro bem másculo, que a deixou perturbada. Sentiu que devia tomar cuidado com aquele homem. Percebia que era por demais perigoso...

Fez questão de ignorá-lo, enquanto continuava a limpar o banheiro. Não era nada fácil, com aquele par de olhos verdes a vigiá-la constantemente.

Passou por ele quando foi para o quarto e esbarrou em suas coxas musculosas, o que a deixou intensamente ruborizada. Ele seguiu-a e sentou-se em uma das duas camas de solteiro.

— O que uma garota bonita como você está fazendo num lugar como este?

— Não acho a sua cantada nem um pouco original.

—E nem eu pretendia que fosse. Fiz uma pergunta sincera. Garotas inexperientes como você acabam se envolvendo com gente perigosa e nunca mais se tem notícias delas.

Erin não duvidava nem um pouco. Desde que viera para o hotel, não fizera outra coisa a não ser repelir os homens, mas não tinha a menor certeza de que aquele era diferente dos outros, apesar de suas atitudes brincalhonas.

— Saiba que não sinto o menor apetite por garotas inglesas magricelas.

— Sou tão canadense quanto você!

— E mesmo?

— Perfeitamente. Nasci em Calgary.

— E então por que fala com todo esse sotaque?

—Porque fui criada na Inglaterra. Lá pelo menos me ensinaram boas maneiras, o que não parece ter acontecido com você, aqui no Canadá!

O rapaz riu, mostrando dentes alvos e perfeitos.

— Qual é o seu nome, garotinha?

— Erin Richards.

—Joshua Hawke. Para você, Josh — disse o rapaz, estendendo a mão.

Erin sentiu-se hipnotizada por aqueles olhos verde-esmeralda, e um arrepio percorreu-lhe a espinha de ponta a ponta. De repente, percebeu que ainda segurava a mão de Josh e desfez rapidamente o gesto.

— Prefiro chamá-lo de sr. Hawke.

— Não duvido, querida, isto é, meu bem...

— Não gosto que me chamem de querida e muito menos de meu bem ela declarou com firmeza, decidindo que já era mais do que tempo de modificar o rumo da conversa.

— Você volta a agir como uma tola.

— E o senhor volta a ser grosseiro!

— Está certo, Erin, conceda-me uma trégua.

— Bem, agora preciso terminar de arrumar o quarto. Trabalharei com maior rapidez se não falar.

— Pois então eu a ajudarei.

Josh foi até o carrinho e pegou lençóis limpos, estendendo-os sobre a cama.

— Mas o senhor... não pode fazer uma coisa destas.

— Pois está feito. — Imperturbável, Josh continuou a arrumar a cama. Você está com jeito de quem já trabalhou o suficiente. — Contemplou seu rosto pálido e o corpo muito magro. — Costuma comer?

— Mas é claro que sim!

— E com que frequência?

Erin não se alimentava como devia. Por um lado não tinha tempo e, por outro, faltava-lhe o dinheiro que lhe permitisse adquirir uma comida adequada e nutritiva. Batatas fritas e hambúrgueres eram muito baratos, mas após servi-los durante um mês e meio não conseguia mais olhar para eles.

— E então? — insistiu Josh.

— Como toda vez que sinto fome...

— E isso acontece sempre?

— Bem, algumas vezes faço duas refeições por dia.

— E hoje, já comeu?

— Ainda não — ela confessou, incapaz de sustentar o olhar penetrante de Josh. O que ele tinha a ver com aquilo?

— E pretende comer?

— Provavelmente eu...

— Já vi tudo. Não vai comer coisa alguma. Há quanto tempo trabalha aqui?

— Há dois meses.

— E quanto peso perdeu durante esse tempo?

— Eu...

— Quanto, Erin?

— Seis quilos.

— Que lhe devem estar fazendo muita falta...

— Mas o que tem a ver com isto? Que lhe importa se eu como ou deixo de comer?

— Importa-me muito, Erin — ele disse com ternura.

Erin sentiu-se completamente desarmada. Engoliu em seco e de repente pôs-se a soluçar, relatando toda a infelicidade que havia sentido durante aquele tempo.

— Agora sossegue, querida!

Josh tomou-a nos braços e começou a acariciar seus cabelos louros. Erin encostou o rosto no peito dele, sentindo-se muito protegida.

— Eu não pretendia chatear você, querida... Conte-me o que está sentindo...

— Há tanto tempo que não me diziam uma coisa dessas...

— O que, meu bem?

— Que você se importa comigo! — ela declarou, soluçando.

— Chore à vontade, querida. Em seguida conversaremos.

— Conversaremos?

— Sim. Quero saber o que uma criaturinha como você está fazendo num lugar desses. Ainda deveria estar estudando, e não trabalhando como escrava em um hotel de segunda categoria.

— Deixei de estudar há alguns anos.

— Há quanto tempo?
— Três anos.
— Três?
— Não acredita em mim?
— Não.
— Bem, pelo menos é honesto! — disse Erin, rindo.
— Você fica engraçadinha quando ri.
— Apenas engraçadinha?
— Bonita!
— Já melhorou.
— Está bem. Arrebatadoramente bela!
— Prefiro o termo bonita. Deixei mesmo a escola há três anos. Estou com dezenove anos.
— Puxa!
— Só porque você é velho...
— Olhe que fico zangado, mocinha... Tenho trinta e quatro anos e nem por um milhão de dólares voltaria aos meus dezenove anos.
— É uma idade difícil, não? — indagou Erin, sentindo-se feliz pela primeira vez, após tantos meses penosos.
— É terrível. — De repente, Joshua consultou o relógio. — Já passa das cinco. Tenho um encontro às seis. Podemos continuar a nossa conversa depois que eu voltar?
— Já dissemos tudo o que tínhamos a nos dizer. Desculpe por ter molhado a sua camisa com as minhas lágrimas. Agora preciso sair. Já devia ter dado conta de minha tarefa há muito tempo.
— Erin...
— Foi muito gentil, sr. Hawke. Não costumo aborrecer os hóspedes com os meus problemas.
— Sei disso perfeitamente! — ele disse, irritado. — Erin, não estou querendo me descartar de você. Acontece que alguém está à minha espera por volta das seis, mas poderemos nos encontrar assim que eu ficar livre.
— Já não estarei mais aqui.
Erin recusou-se a encará-lo, pois sentia-se constrangida devido ao modo como se descontrolara na frente dele. Não tinha o hábito de chorar diante de pessoas estranhas. Josh, no entanto, era a primeira criatura a demonstrar bondade desde que ela regressara ao Canadá, e, assim, pôs paia fora todas as emoções reprimidas.
— E onde se encontrará?
— Em casa.
— Onde mora?
— Isto não lhe diz respeito. Olhe, já me desculpei por incomodá-lo. Agora, por favor, vá atender o seu compromisso e me deixe acabar de arrumar o quarto.
— Erin, quero...
— Não me importa!
Erin afastou-se dele e foi até a porta.
— Terminarei com o quarto assim que o senhor sair — disse, fechando a porta e indo rapidamente em direção ao almoxarifado.
— Erin!
Joshua alcançou-a no meio do corredor e obrigou-a a encará-lo.
— Quero falar com você agora mesmo. Se não quer me contar onde mora, então me encontre aqui. Podemos jantar juntos e você me falará a seu respeito.
— E por que quer tomar conhecimento da minha vida? Já não lhe disse o suficiente? Já não o aborreci bastante?
— Você não me aborreceu nem um pouco. Está perdida e, além disso...
— Pois saiba que não tenho a menor intenção de cometer suicídio.
— Está bem, Erin. Já que você quer assim...
Joshua deu-lhe as costas e saiu do hotel, entrando em uma perua marrom, com os pára-lamas sujos de barro. Ligou o motor e, sem olha para ela, partiu.

Oh, como era possível que ela lhe tivesse dito coisas tão desagradáveis! Esperava nunca mais revê-lo. Havia se comportado como uma perfeita idiota.

Limpou os quartos com tamanha rapidez que quase bateu um recorde! Aterrorizava-lhe imaginar que ele voltasse antes que ela tivesse terminado. Isso não aconteceu, porém, e Erin conseguiu retirar-se a tempo.

Somente Mike encontrava-se no escritório quando ela foi se despedir. Francês provavelmente se encontrava nos fundos do hotel, fazendo as unhas. Sabe-se lá o que mais ela estaria aprontando! Era uma loura escultural e que não desprezava oportunidades...

Mike levantou os olhos do jornal.

—Você está um pouco atrasada hoje, não?

Era um homem alto, de cabelos arruivados, e achava que todas as mulheres que cruzavam com ele sentiam profunda atração por sua pessoa. Mike e Francês faziam um belo par, se bem que, pelo visto, nunca tinham muito tempo um para o outro. E que ambos possuíam outros interesses...

—Tive muito o que fazer.

—Eu notei mesmo... — comentou Mike, despindo-a com o olhar. — Você não é paga para flertar com os hóspedes.

— Flertar?

— Exatamente. Eu a vi com Joshua Hawke. Sente atração por ele, é?

— Não! Não! Eu...

— Mentirosa! Espero que não esteja a fim dele, Erin, pois não permito este tipo de coisa no meu hotel.

— Não estou a fim dele, conforme o senhor diz. Eu estava arrumando o quarto e...

— Não quero saber dos detalhes. — Aproximou-se de Erin e enlaçou-lhe a cintura. — Apenas quero que não esqueça que sou o primeiro da fila quando você se decidir...

Tamanho cinismo a deixava enojada, e ela não suportava seu toque. — Apenas vim lhe comunicar- que terminei a minha tarefa — disse Erin, afastando-se. — Agora vou para o meu quarto.

— Quer que eu vá com você?

— Não, obrigada.

— Como você é bem-educada... Costuma agradecer depois de...

Erin tinha de sair imediatamente dali, pois se sentia mal diante daquele sujeito.

Eu... Boa noite.

— Boa noite, Erin. Amanhã é um outro dia, não?

Erin retirou-se e a risada obscena de Mike a seguiu. Tinha caído em uma armadilha e Mike sabia disso muito bem. Se não tivesse sido tão tola, tão confiante... Quando Mike anunciou que podia alugar-lhe um quarto, ela deixou imediatamente o apartamento pelo qual pagava um aluguel exorbitante e mudou-se para o hotel. O quarto era mínimo e o aluguel quase tão alto quanto o do apartamento. Além do mais, Mike tinha uma chave do aposento. Ela trocou a fechadura, mas ele exigiu uma cópia da chave, em caso de incêndio, conforme explicou com cinismo, Erin não tinha como recusar e agora vivia atemorizada, pois ele podia invadir seu quarto sem mais nem menos.

Até agora ele não o fizera, mas Erin sabia muito bem que, mais cedo ou mais tarde, aquilo acabaria por acontecer. Vivia aterrorizada à espera desse dia.

Não era de imaginar que houvesse perdido seis quilos; ficava surpreendida por não ter emagrecido ainda mais, e mal ousava dormir durante a noite, devido à ameaça que Mike representava.

Olhou-se no espelho assim que entrou no quarto. Sua aparência era lastimável: magra demais, muito pálida e sem a menor vitalidade. Era difícil acreditar que se tratava da mesma garota que havia chegado há dois meses, cheia de esperança.

Bastaram-lhe quinze dias para perceber que seu pai não a queria perto dele, e mais uma semana para compreender que levaria uma eternidade até conseguir dinheiro suficiente para comprar uma passagem de volta para a Inglaterra. Até agora tinha apenas cem dólares, e nesse ritmo precisaria trabalhar mais uns seis meses.

Erin gemeu e enterrou a cabeça no travesseiro, derramando as poucas lágrimas que lhe restavam, após chorar no ombro de Josh Hawke.

Há seis meses tudo lhe parecia tão fácil! Mal pôde acreditar quando Bob se ofereceu para comprar-lhe uma passagem aérea, para que ela fosse visitar o pai, que havia regressado para o

Canadá quando Erin tinha apenas cinco anos. Quando a recebeu, constatou que era um bilhete só de ida!

Sua mãe morrera há um ano, deixando Erin aos cuidados do homem que se tornara seu padrasto quando ela tinha oito anos. Sua mãe gostava demais da Inglaterra e decidiu ficar lá. Seu pai odiava o lugar onde moravam e decidiu regressar ao seu país. Divorciaram-se dois anos mais tarde e, decorrido um ano, sua mãe trouxe Bob Walker para morar com elas. .

Ele não tinha a menor paciência com crianças e gostava muito de sair à noite, na companhia da mãe de Erin. Durante a maior parte do tempo, simplesmente ignorava a existência da menina. A mãe dela sempre dizia que ele precisava de tempo para ajustar-se à nova situação e, no entanto, quando ela morreu, logo depois de Erin completar dezoito anos, Bob ainda implicava com sua presença.

Ela tentou cuidar de Bob, exatamente como sua mãe havia feito. Procurou amá-lo, mas era extremamente difícil amar alguém que jamais havia demonstrado o menor gesto de afeto durante os dez anos em que tinham vivido sob o mesmo teto.

Após um ano em que cozinhou para ele e tomou conta de tudo, sem receber a menor palavra de gratidão, Erin sentiu-se derrotada. De repente, sem mais nem menos, Bob deu-lhe a passagem aérea para que ela fosse visitar seu pai. Erin não pensou duas vezes no assunto e escreveu ao pai, prevenindo-o de sua chegada. Apesar de não ter recebido a menor resposta, ainda assim viajou, certa de que, decorrido tanto tempo, ele haveria de querer revê-la.

Não foi o que aconteceu. O pai de Erin voltara a se casar, tinha um filho e uma filha de dez e onze anos, respectivamente, e sua segunda mulher não escondeu seu desagrado pelo fato de a garota aparecer em sua casa sem ser convidada.

Mesmo assim seu pai permitiu que ela ficasse, e colocou-a no mesmo quarto que Ronnie, a outra filha. Era uma garota muito viva e falante, que aproveitava todas as oportunidades para dizer a Erin que sua presença era indesejada naquele ambiente.

A situação explodiu certa noite em que ela ouviu seu pai e a madrasta discutindo a respeito dela. Graças a algumas palavras cruéis, tomou conhecimento de que seu pai estava tão pouco satisfeito com sua presença quanto sua madrasta, e que ela tinha sido o resultado do esforço de seus pais, no sentido de fazer com que seu casamento funcionasse.

Ainda agora não gostava de pensar no assunto. Não era nem um pouco surpreendente que semelhantes pais a tivessem destruído.

Claro que sua mãe havia feito várias tentativas e amava Erin à sua maneira, mas era Bob quem sempre vinha em primeiro lugar, mesmo que ele não tivesse razão.

Erin deixou a casa paterna após ouvir a discussão, e o fato de eles não a impedirem de partir apenas serviu para realçar a evidência de que ela não era querida naquele ambiente.

Partiu com muito pouco dinheiro e sem saber exatamente como iria sustentar-se. Tinha certeza de que conseguiria um emprego, pois Calgary era uma cidade bem grande, que crescia a cada dia. Se tivesse condições de esperar durante duas ou três semanas, até ser entrevistada, acabaria por arranjar algo interessante. Isso já lhe tinha acontecido na Inglaterra, mas agora não dispunha de meios para poder esperar tanto tempo. Pegou o primeiro emprego que apareceu, sem se dar conta de que, uma vez que começasse a trabalhar, teria muito pouco tempo para conseguir uma outra situação mais favorável.

Erin passou a noite lavando sua roupa e, quando deitou, percebeu que mais uma vez não tinha comido. Joshua Hawke provavelmente havia saído e comera um bife suculento, esquecendo completamente a criatura infantil a quem havia convidado.

Por que teria agido assim? Não parecia ser exatamente o bom samaritano. No entanto ouvira Erin, enquanto ela desabafava. O pobre coitado não tivera muita escolha, pois Erin usou-o como se ele fosse o muro das lamentações!

Bem, aquilo não aconteceria nunca mais. Não queria e não precisava que se preocupassem com ela, muito menos aquele homem desconhecido e arrogante, que caçoava dela quase o tempo todo.

Quando saiu de seu quarto, na manhã seguinte, Erin não soube dizer se experimentava alívio ou desapontamento, ao notar que a peruca marrom não se encontrava mais lá. Joshua Hawke devia ter partido muito cedo, pois agora eram oito e meia. Quem sabe trabalhava mesmo em uma das fazendas da região. No entanto, quando ele a tocara, Erin não sentira sua mão calosa e áspera. Qual seria sua verdadeira ocupação?

Mas por que não conseguia deixar de pensar naquele homem? Era muito pouco provável que voltasse a vê-lo ou ter notícias suas. Agora que havia voltado para casa, Joshua provavelmente a esquecera por completo.

Será que era casado? Erin achava que não. É claro que não sabia por que, mas ele não tinha a aparência de um homem casado. Provavelmente ela se enganava e ele talvez tivesse uns seis filhos! Talvez fosse por isso que ele se mostrara tão paciente, diante de suas lágrimas.

Erin tinha de parar de pensar naquele homem, pois, com toda certeza, ele jamais voltaria. Raramente um hóspede voltava duas vezes para aquele hotel, pois os quartos ofereciam um conforto muito precário.

—Está sonhando de olhos abertos? — indagou Francês, que naquela manhã usava uma blusa e uma saia muito justas e provocantes.

— Não... não... estava pensando...

— Não acha que é um pouco cedo demais?

— Talvez...

Erin exprimiu-se com secura, pois sabia que a criatura estava tentando partir para uma discussão. Francês não gostava dela, pois percebia o interesse de seu marido por Erin. Se ela soubesse o quanto Erin odiava as atenções de Mike e como ele aproveitava todas as oportunidades para encostar-se nela e lhe fazer as propostas mais indecorosas! Aquilo a deixava indignada, mas Francês parecia gostar de desempenhar o papel da esposa ciumenta e atormentava Erin, sempre que estavam a sós.

—Tenho de tomar conta do escritório durante umas duas horas. Pode começar a arrumar os quartos e irei ajudá-la mais tarde.

Sabia perfeitamente o significado daquilo: mais uma vez teria de trabalhar sozinha e a perspectiva de, pelo segundo dia consecutivo, limpar quarenta quartos sem a ajuda de ninguém a deixou desanimada.

Erin já não conseguia mais suportar aquela situação, pois faltavam-lhe energias para tanto. Pela centésima vez prometeu a si mesma que naquela mesma noite procuraria um outro emprego nos jornais, mas sabendo, por outro lado, que naquele momento estaria por demais cansada e desinteressada.

Começaria primeiro pelo quarto trinta e seis, pois tinha certeza de que ele estava vazio. Será que Joshua Hawke teria deixado uma parte de sua personalidade no quarto?

Joshua Hawke de novo! Ele não significava absolutamente nada para ela. Como ela podia sentir falta de alguém a quem conhecia muito mal, uma pessoa que concedera alguns minutos de sua existência a fim de ouvi-la? Não era possível. No entanto, sua bondade e sua ironia a perseguiram durante toda a noite e, quando ela finalmente conseguiu dormir, o sono foi agradável e reparador.

O quarto estava às escuras e o cheiro de bebida era muito forte. Joshua Hawke não somente havia marcado o quarto com sua personalidade, como também o deixara na mais completa desordem, exatamente como o encontrara!

Erin suspirou fundo. Afinal de contas, ele não era tão diferente dos demais hóspedes. Talvez a "conversa" que desejara ter com ela tivesse como finalidade uma outra coisa. Ainda bem que havia recusado.

Erin foi até a janela, a fim de afastar as cortinas e deu um grito, quando subitamente alguém agarrou-a pelo pulso.

—Sr. Hawke!

—Bom dia, meu bem — ele disse com um sorriso cheio de simpatia. Joshua sentou-se na cama, com o lençol pela cintura, e Erin não precisou de muita imaginação para saber que o restante de seu corpo estava inteiramente nu!

CAPÍTULO II

—Eu... bom dia... Desculpe-me por incomodá-lo...

Erin desviou o olhar daquele peito nu e musculoso e das coxas atléticas que se delineavam sob o lençol.

—Meu bem, é o tipo do incômodo que eu aprecio...

Erin preferia que ele não sorrisse daquele jeito, pois aquilo lhe proporcionava uma sensação esquisita no estômago e fazia com que ela respirasse com dificuldade.

— Achei que o quarto estivesse vazio...

— Estaria, se eu não me encontrasse nele.

— Eu...

Subitamente, Erin percebeu que ele ainda segurava seu pulso. Quando ela tentou desvencilhar-se, Josh aumentou a pressão e obrigou-a a sentar-se a seu lado.

— Por favor, solte-me!

— Daqui a pouco.

Josh pôs-se a acariciar o rosto de Erin com a mão livre e ela reagiu.

—O que foi? Eu a machuquei?

Joshua mostrara-se extremamente gentil e ela sabia disso muito bem. Mas Erin não se aventurava mais a julgar o caráter de quem quer que fosse. Na véspera ele revelara um grande interesse por ela, até demonstrar que o seu compromisso era mais importante que ouvir as lamentações de uma jovem desconhecida. Agora a obrigara a sentar-se em sua cama e, evidentemente, estava nu...

—Erin?

Pelo menos Joshua lembrava de seu nome!

—Não, o senhor não me machucou — ela declarou, desviando-se daquela mão que a acariciava. Levantou-se e tentou desprender-se dele. — Voltarei quando o senhor tiver ido embora.

— Você se alimentou ontem à noite? — ele indagou, sem soltá-la.

— Não.

— Por que não? — perguntou Joshua, irritado.

— É que... esqueci.

— Esqueceu! Mas como pode esquecer de comer?

— Não sei. Acontece o tempo todo.

—É que você fica cansada demais para poder pensar com clareza. A que horas acabou de trabalhar, ontem?

— Lá pelas seis e meia.

— Então tinha tempo de sobra para ir jantar comigo.

Subitamente Joshua inclinou-se e seus lábios pousaram selvagememente sobre os dela. Erin ficou por demais chocada para reagir e ele a beijava com ousada insistência. Subitamente ela começou a se debater e ele imobilizou seus braços. Erin sentia-se sufocar, não conseguia respirar e seus gemidos de angústia levaram-no finalmente a separar-se dela e a encará-la.

Erin não sabia o quanto parecia vulnerável naquele momento. Seus olhos expressavam o terror que sentia e seus lábios tremiam. A expressão de Josh suavizou-se, ao contemplá-la.

— Erin... você não merecia isto. Aceita as minhas desculpas?

— Eu... eu...

— Você está gaguejando, como um nenê...

— Claro que estou gaguejando!

Erin repeliu-o, pois o calor da pele de Joshua queimava sua mão. Naquele momento, tinha plena consciência de que apenas um lençol de fino algodão a separava da nudez daquele homem. Levantou-se e o acusou.

—O senhor não devia ter me beijado!

—Concordo. Não pense, entretanto, que me excedi na bebida, ontem à noite. Tomei algumas cervejas com amigos, mas de modo algum cheguei a ficar bêbedo.

—Não mesma?

Erin levantou do chão o jeans de Joshua, todo amarrotado, e lançou-lhe um olhar significativo, antes de colocá-lo sobre uma cadeira.

—Não faça isso!

Joshua afastou o lençol e levantou-se. Usava uma diminuta cueca e suas pernas eram tão queimadas de sol quanto o resto de seu corpo. Voltou a colocar o jeans no chão, esticando-o.

—Deixei aí para secar. Está com um cheiro insuportável de cerveja. Joshua abriu a mala e tirou um outro jeans, vestindo-o. Erin, perturbada, mantinha os olhos baixos. Era a primeira vez que via um homem quase nu, e ele parecia não se importar nem um pouco com o fato. Não ousava encará-lo e não conseguia disfarçar o quanto estava encabulada.

—E eu sequer tinha a intenção de tomar cerveja. Dave, que é muito desajeitado, derramou uma garrafa em cima de mim. Pronto, menina, pode olhar!

Erin encarou-o e virou-se rapidamente noutra direção. Ele ainda estava sem camisa e seu peito era coberto de pêlos negros. O estômago era musculoso e coberto por pêlos que iam até mais abaixo. Joshua tinha um corpo magnífico, esguio e ao mesmo tempo atlético, e só de olhar para ele Erin corava intensamente.

Ele segurou seu queixo e obrigou-a a encará-lo.

— Nunca vi ninguém tão encabulada!

— Pois sou mesmo! Atribua isto à minha educação inglesa!

— Você não perdoa mesmo, não é?

— Preferia que não caçoasse tanto de mim.

—Mas quem disse que estou caçoando? Nunca sou irônico, quando quero uma mulher. Mas você ainda é uma menina e eu, com toda certeza, a deixei muito assustada, não?

—Sim... um pouco.

—É o que imaginei. Bem, desta vez eu a estou prevenindo. Você tem dois segundos para ir embora, caso contrário vou beijá-la novamente.

Erin não conseguia se mexer. Bem que tentava, mas havia algo que a detinha. Talvez fosse o calor do hálito de Joshua, bem junto a seu pescoço, ou seus olhos verdes, que a hipnotizavam... Ficou imobilizada, enquanto ele inclinava a cabeça e procurava sua boca pela segunda vez.

Tomou-a nos braços e seus lábios colaram-se apaixonadamente aos dela. Enquanto isso, suas mãos a acariciavam com ternura e delicadeza.

Erin sentia uma profunda necessidade de afeto e desejava que alguém a amasse. Há tanto tempo que não era beijada... Sentiu-se vítima de sua própria fraqueza e colocou o braço em torno do pescoço de Joshua. ficando na ponta dos pés, a fim de aumentar a pressão de seus lábios sobre os dele.

— Erin...—ele murmurou, afastando-a.

— Muito bem! — Uma voz irônica chegou aos ouvidos de ambos.

Erin, confusa, voltou-se e notou Francês parada na porta. Desprende-se dos braços de Josh e saiu correndo do quarto.

— Erin...

— Não se incomode com ela!

Francês colocou-se na frente de Joshua, barrando-lhe o caminho, t colocou a mão em seu peito.

—Erin é um tanto emotiva — disse com voz rouca e convidativa. — A juventude encara essas coisas de modo um pouco diferente...

Erin voltou-se a tempo de perceber Francês quase abraçada com Joshua, empurrando-o de volta para o quarto. Não podia permanecer mais nem um minuto naquele lugar. Preferia ficar sem emprego e sem ter onde dormir, mas depois daquela cena sabia que não tinha mais condições de continuar a trabalhar no hotel.

Assim que entrou no seu quarto, colocou todas as suas coisas em uma velha mala de couro, enquanto lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. Joshua provavelmente colhia os benefícios da grande experiência de Francês, naquele momento... Certamente chegaria à conclusão de que ela tinha muito mais coisas a lhe oferecer...

Meu Deus, como o odiava! Como odiava aqueles dois! Como tinha deixado Joshua beijá-la? Tinha até mesmo retribuído a seu beijo! Normalmente aquilo jamais teria acontecido, mas é que se sentia tão solitária e infeliz... Não era suscetível ao charme com que Joshua a seduzira. Sentia saudades da Inglaterra, queria voltar para lá...

Erin não estaria mentindo a si mesma? Aquele homem era dotado de suficiente charme e atração sexual para atraí-la novamente para seus braços. Ele provavelmente havia percebido que Erin tinha necessidade de calor humano, e decidira tirar vantagem da situação.

Ela era uma tola. Um homem como Joshua jamais poderia se interessar seriamente por uma garota como ela. Ele tinha vindo à cidade à procura de diversão e isso a incluía. Francês seria perfeitamente capaz de substituí-la e Joshua, com toda certeza, se divertiria muito mais com ela.

De repente a porta de seu quarto abriu-se e Mike entrou, fechando-a em seguida.

—Vejam só! — ele disse, encarando-a com malícia e insolência. — Aonde é que você pensa que vai?

Erin continuou a fazer a mala, sem se importar com a presença de Mike.

— Estou indo embora agora mesmo.

— Ah, é?

— Sim! — ela afirmou, indo até o banheiro, a fim de pegar seus poucos objetos de toalete.

— Você não pode me deixar desse jeito — declarou Mike, seguindo-a e segurando-a.

— Pois vou embora. — Tentou desvencilhar-se dele, mas sem sucesso. — Solte-me, Mike!

— Só se você me der o que eu quero, aquilo que você deu para o sujeito do quarto trinta e seis, ontem à noite...

Seus lábios molhados grudaram-se aos dela e ele imobilizou brutalmente seus braços.

— Não! — ela gemeu, lutando para se livrar dele.

— Sim!

Mike apertou-a com tanta força de encontro a ele que Erin não conseguia quase respirar, ficando momentaneamente tonta. Ele a empurrou em direção à cama e obrigou-a a deitar-se, caindo por cima dela.

Depois de seu encontro com Josh, aquele homem lhe parecia grotesco e nojento. Não conseguia mais lutar contra Mike e ele começou a desabotoar sua blusa.

—Eu bem lhe disse que seria o primeiro da fila... — ele declarou, excitadíssimo ao contemplar seus seios. — Francês me contou que você dormiu com aquele sujeito.

— Francês lhe disse isso?

— Sim, agora mesmo — ele declarou, beijando os seios de Erin.

Isso queria dizer que Francês havia se afastado de Josh quase imediatamente. Ele com toda certeza a teria rejeitado!

Erin começou a debater-se, mas sem pensar que a falta de interesse de Josh em Francês a levava a ter aquela reação.

—Solte-me, Mike! — disse com firmeza. — Solte-me!

Entrou em pânico, pois ele se recusava a se afastar e seu peso quase zesmagava.

Subitamente, alguém agarrou-o com violência e atirou-o de encontro a parede.

—Você ouviu o que ela disse!

Josh estava lá e se exprimia com calma enganosa. Seus olhos brilhavam como duas esmeraldas muito verdes, enquanto ele mantinha o sujeito encostado na parede.

—Ela não gosta que você a toque.

Mike sorriu, acovardado, pois Josh era muito mais forte do que ele.

—Ela é toda sua, não se preocupe. Pessoalmente, nunca achei que essa garota valesse grande coisa...

— Guarde os seus comentários nojentos para você mesmo — disse Josh em tom ameaçador, apertando a garganta de Mike.

—Josh! — interveio Erin.

— Ponha-se já daqui pra fora! — ordenou Mike. — Pegue os seus troços e retire-se!

— Não se preocupe — disse Josh. — Não tenho a menor intenção de deixá-la aqui, com você.

Soltou Mike e limpou as mãos no jeans, como se o fato de tocai naquele homem o tivesse contaminado.

Subitamente Mike deu um soco em Josh, que se desviou, reagindo imediatamente e golpeando Mike na boca do estômago. Gemendo, ele caiu no chão, dobrando-se em dois.

— Saia já daqui! — ordenou Josh.

— Este lugar é meu! Você não tem o direito de me dar ordens!

— Pois acabo de dar.

— Mas...

— Fora!

— Quero que você vá embora — disse Mike, dirigindo-se a Erin.

— Ninguém vai ficar aqui — respondeu Josh por ela. — Assim que Erin acabar de arrumar as suas coisas, partiremos.

— Isto me poupará o trabalho de pô-la daqui pra fora! — ameaçou Mike, retirando-se rapidamente.

— Meu Deus! — disse Erin, sentando-se na cama e cobrindo o rosto com as mãos.

- Já passou, meu bem. — Josh sentou-se ao lado dela e reconfortou-a.
- Sim, até a próxima vez — ela murmurou, levantando-se e fechando a mala.
- O que quer dizer com isso?

— Os homens são todos iguais. Não têm o hábito de dar. Apenas tomam...

- Onde foi que você aprendeu isso? — perguntou Josh, com ar divertido.
- Com homens como você, como Mike... como... como...
- Como quem?

—Como meu pai, como Bob... Meu pai me teve só para ver se conseguia estabilizar o seu casamento e, vendo que isto não aconteceu, ele não se importou mais comigo. Quanto a Bob, jamais me quis bem. Mal pôde esperar o momento de me mandar embora.

—O que foi que você fez a ele?

—Nada! Fiz tudo o que podia a fim de agradá-lo. Cuidei dele, até mesmo tentei lhe querer bem, e no fim ele acabou se livrando de mim. Agora está vivendo com uma criatura chamada Mary.

Erin havia escrito a Bob, contando-lhe que ia sair da casa de seu pai e ele respondeu, comunicando que não havia mais lugar para ela em sua casa, pois estava vivendo com uma mulher. Desde então nunca mais mantivera contato com ele.

—Está pronta? Podemos ir?

— Sim, mas não creio que deva sair comigo. Por que haveria de fazer uma coisa dessas?

— Talvez não goste de imaginar que aquela piranha pode entrar no meu quarto toda vez que quiser. Ou talvez não me agrade saber que esse cafajeste possa tentar levar para a cama as garotas que trabalham para ele.

— As garotas, não. A garota. Sou a única que trabalha aqui.

— E a piranha?

— É a mulher de Mike, Francês.

— Esses dois são casados?

— Sim.

— Puxa! E têm filhos?

— Não, graças a Deus.

— Sabe que aquela mulher estava disposta a tudo?

— Está querendo me dizer que não gostou dela?

— Se gostasse, não estaria aqui:

— É... creio que não.

— Bem, vamos indo. Vou levá-la para tomar o café da manhã.

— Não...

— Você vai se alimentar — declarou Joshua com firmeza. Espere aqui, que vou buscar a minha mochila.

Erin esperou até ele entrar no quarto e foi para a recepção do hotel Frances não se encontrava lá e provavelmente estaria arrumando os quartos, o que era um verdadeiro milagre.

Mike encarou-a com desprezo e, pelo visto, ainda lhe doía o estômago.

— O que você quer?

— O pagamento da semana passada.

— Você está brincando! Seu amante que a sustente...

Erin mordeu os lábios, disposta a dizer àquele sujeito o que pensava dele. Mas não iria perder a calma, pois ele não merecia.

— Quero o meu salário, e agora mesmo!

— Pois não vai receber.

— É a sua última palavra?

— Perfeitamente.

— Muito bem. Meu advogado virá procurá-lo.

— Só por causa de alguns dólares? — perguntou Mike, muito surpreso.

— Não é por causa do dinheiro, e sim pelas suas propostas indecentes e os seus avanços.

— Avanços... Sua vagabunda!

— Estou falando a sério.

—Sua maldita! — Mike abriu a gaveta e jogou alguns dólares no balcão. — Tome, vamos! E nunca mais ponha os pés aqui, ouviu?

—Nem pretendo.

Erin pegou o dinheiro, a mala e preparou-se para partir. Josh já estava à sua espera na porta e a encarava com admiração.

—Você correu um risco, menina — disse, assim que saíram. — Eli podia ter ficado violento.

—E eu também. Além do mais, só sairia de lá depois de ser paga.

—Você falou em avanços. Isto quer dizer que ele já vinha agindo assim?

— Não com essa intensidade. Não pode andar mais devagar? Sinto dificuldade em acompanhá-lo. Onde está a perua?

— Na oficina, passando por uma revisão. Deve ficar pronta hoje à tarde. O que você quer dizer com "intensidade"?

— Oh... Ele passava a mão em mim, fazia insinuações, coisas do gênero. — Erin detestava ter de tocar naquele assunto, sobretudo com um homem que a havia beijado com tanta paixão. — Mas eu consegui controlar a situação.

—Menos hoje de manhã.

— Foi sua culpa. Foi, sim. Francês disse a Mike que nós tínhamos passado a noite juntos e ele não gostou nem um pouco.

— Aquela piranha fala mais do que deve. Precisei fazer de tudo para ela me dizer onde era o seu quarto. Aquele sujeito forçou a sua porta?

— Está insinuando que eu o deixei entrar?

— De modo algum. Como foi que ele entrou, se você não permitiu?

— Usando uma chave.

— Que você lhe deu...

—Não dei coisa nenhuma! — retrucou Erin, explicando como Mike se havia apoderado da chave:

— Que sujeito mais indecente! — murmurou Josh.

— Sem dúvida. Para onde vamos?

—Tomar café, já lhe disse. Bem, chegamos. Espero que esteja com fome — declarou Josh, antes de entrarem num pequeno restaurante.

Josh foi recebido como um velho freguês pela garçonete, que os levou a uma mesa.

—Marie, você pode guardar a mala desta moça até acabarmos de comer?

—Claro...

— Prefiro ficar com a mala — declarou Erin com ansiedade, pois não queria perdê-la de vista. Era tudo o que lhe restava no mundo.

— Pois então, Marie, uma mesa para dois e uma mala... — disse Josh, zombeteiro.

— Caçoe de mim o quanto quiser — disse Erin, depois que Marie serviu o café —, mas tudo o que possuo está dentro desta mala.

— Mas ela não pesa muito.

— E porque não tenho muita coisa!

— Tome o seu café. É bom e forte. Você se sentirá melhor, em seguida.

— Como é que sabe? Talvez não goste de café. Isto não lhe ocorreu, enquanto fazia o pedido?

—Devia ter dito...

Para dizer a verdade, gosto de café, sim. Apenas não tolero que alguém tome decisões por mim.

Desculpe, majestade. Será que este lugar é do vosso agrado? Erin enrubesceu diante da ironia de Josh. Comparado com o restaurante do hotel, aquele lugar era excelente e muito limpo.

E então? — insistiu Josh. Erin encarou-o. Entre todos os presentes, ele era o homem mais bonito. Havia tirado o chapéu e seus cabelos pareciam ainda mais negros. Usava um paletó de camurça, já meio surrado, jeans e botas que estavam cobertas de poeira; no entanto, ele se destacava entre os demais homens.

- Gosto deste café, sim — admitiu Erin, aborrecida consigo mesma pela atração que sentia por Josh. Muitos homens a haviam magoado ultimamente, e não pretendia se apaixonar por ele.

Marie veio até eles e Erin pediu ovos com bacon. Josh mostrou-se com mais apetite e pediu ovos, bacon, salsichas e pão.

- Finalmente encontramos um lugar do agrado da senhorita — comentou Josh, com bom humor.

Desculpe se não sou muito boa companhia. Não é todo dia que perco o emprego e sou expulsa do meu alojamento.

- Mais tarde veremos que providência iremos tomar. Agora pretendo levar adiante aquela conversa que você evitou ontem à noite. Vamos pelo começo. Conte-me como foi que chegou até aqui.

De avião!

Engraçadinha! Quero saber como você conseguiu o dinheiro. A julgar pelas roupas que usava, Erin não tinha meios de pagar a passagem e mais uma vez ela corou, encabulada.

O que lhe parece? Pensa que consegui o dinheiro rodando a bolsinha na rua?

- Você é quem sabe. Foi assim?

—Claro que não!

- Por que tamanha indignação, Erin? Você tocou no assunto e eu estou apenas fazendo -uma pergunta. Foi assim que você conseguiu o dinheiro para chegar até aqui?

Não era possível! Josh estava falando a sério!

De modo algum! Bob comprou uma passagem de ida.

—Puxa! Ele parecia mesmo disposto a se livrar de você. Isso não depõe muito a seu favor, não acha? — brincou Josh.

Erin fuzilou-o com o olhar.

- Que foi que o senhor disse?

- Estava brincando. Deixe pra lá. Você até que sabe como colocar um quarto em ordem.

- Conseguirei outro emprego, se é isso que está querendo insinuar.

—Tenho certeza que sim, meu bem. Você é talentosa e, portanto, deverá ser muito solicitada.

—Voltou a ser irônico...

—De modo algum! Conheço muitos homens que morreriam de vontade de poder contar com alguém como você, a fim de manter sua casa limpa durante o dia e sua cama quente durante a noite...

— Como ousa?

— O café da manhã chegou, Erin...

Joshua não a deixou prosseguir e sorriu para Marie, enquanto ela os servia.

Erin notou o efeito que aquele sorriso produzia sobre a garçonete e desviou o olhar. Josh achava que bastava sorrir para ter Marie na palma da mão. Talvez com a outra desse certo, mas em relação a ela seu charme não funcionava. Erin tomaria o café da manhã e partiria, pois sabia que tinha de encontrar outro emprego antes de anoitecer. Caso contrário, teria de dormir na rua. Não sabia como a polícia daquele lugar se comportava em relação às pessoas que dormiam nos bancos de jardim. Em Londres elas costumavam passar a noite no xadrez. Não faltava mais nada!

— Não entendi muito bem o seu comentário — disse Erin, assim que a garçonete se afastou.

— Não estava querendo fazer nenhuma insinuação, apenas constatei um fato. E que você pode voltar a enfrentar outras situações desagradáveis.

—Mas eu não escolhi ser importunada por Mike!

—Como também não escolheu ser mandada embora por Bob. Agora tome o seu café e não fale mais, até eu acabar de comer. Detesto discutir com uma mulher bonita quando estou me alimentando.

—Você...

Estou falando a sério, Erin. Coma, vamos. Ela obedeceu com certa relutância, mas logo sentiu que seu apetite voltava e alimentou-se muito bem.

—Ótimo — disse Josh, após terminar. — Tem certeza de que não quer mais nada? Você acha que comeu o suficiente?

— Creio que sim.

— Não é possível! Acho que deveria consultar um médico. — Não seja tolo. Já estou acostumada a comer pouco.

— Nunca teve anorexia nervosa?

— Claro que não!

Erin já tinha ouvido falar daquela doença que atacava as pessoas sujeitas a regimes muito rigorosos, e da qual podiam morrer, se não fossem medicadas logo.

—Bem, talvez ainda não. Acho que está caminhando para isso. Você precisa se alimentar bem, e deveria comer pelo menos três vezes ao dia.

-Depois disso provavelmente ficaria enorme como um elefante... Sempre tive tendência a engordar com facilidade.

-Contrariamente à crença popular, a maioria dos homens preferia mulheres com um pouco de carne acolchoando os ossos...

-Mostre-me um deles...

-Basta olhar para mim!

-Mas hoje em dia as mulheres magras estão na moda... Não adianta ficar elegante em uma roupa, se acontece o contrário quando você está despida... Mas não é o meu caso.

-De acordo. Do pouco que vi, quando aquele sujeito quase lhe arrancou a saia, diria que você tem um corpinho bem bonito. Acho apenas que devia se preocupar com o fato de que se alimenta realmente muito mal.

Erin corou fortemente com a observação de Josh. O fato de ele ter notado seu corpo foi para ela uma enorme surpresa, e mais ainda; declaração de que o apreciava.

-Assim que eu voltar para a Inglaterra, tudo se normalizará — declarou Erin.

-E para quando é a viagem?

-Não tenho certeza. Talvez para o mês que vem.

-E por que não para já? Não há nada que a obrigue a ficar aqui.

-Pois é. Vim para ver meu pai, mas acabou não dando certo.

-Conte-me o que aconteceu.

- Não há muito o que contar. — Erin ainda sentia muita mágoa por; falar sobre aquele assunto, sem se emocionar.

-Conte de qualquer maneira. Ela narrou por alto a visita a seu pai, pois notou que Josh era suficientemente sensível para perceber o que estava por trás de sua: palavras,

-Quer dizer, então, que está sozinha em Calgary? Sim.

-E por que não volta para casa?

-Por que não tenho dinheiro! Desculpe, não tinha a intenção de gritar. A vida em Calgary é tão cara! Vou levar meses até conseguir juntar o dinheiro para comprar a passagem.

- Não necessariamente.

-Claro que sim! Não esperava regressar, e o pouco dinheiro que havia economizado gastei em roupas. Bem, preciso ir andando. Obrigada pelo café, sr. Hawke, mas agora tenho de procurar outro emprego, Josh segurou o braço de Erin, impedindo-a de se levantar.

— Que tipo de emprego?

— Creio que igual ao anterior.

— De arrumadeira?

—Sim. As pessoas estão sempre precisando de alguém para realizar este tipo de trabalho.

—É mesmo. Eu, por exemplo, conheço alguém nessas condições.

—Não diga! Onde... Não, não posso importuná-lo mais. Já foi suficientemente gentil comigo. Na realidade, sou eu quem deveria convidá-lo para o café.

Tirou do bolso as notas que Mike lhe dera e começou a rir.

—Acho que devo ter deixado Mike assustado. Ele me pagou a mais!

— Guarde o seu dinheiro, Erin. Quando convidado alguém sou eu quem paga. Estou falando sério a respeito do emprego. Você se interessa?

— Creio que sim. Seria o mesmo tipo de emprego, isto é, arrumar quartos?

— E por aí. Você apenas tem que decidir se não achará os meus avanços sexuais mais aceitáveis do que os de Mike Johnston...

CAPÍTULO III

Erin engoliu em seco e encarou Josh, imaginando que ele estivesse caçoando. Enganou-se, porém. Ele a olhava fixamente e esperava uma resposta.

— Eu... O que foi mesmo que o senhor disse?

— Creio que você me ouviu perfeitamente, Erin.

— Sim, mas... não compreendo.

- Então acho melhor eu me explicar. Moro sozinho e passei todo o inverno cozinhando e limpando a casa, além de estar privado de companhia feminina...

—Não acredito!

Aquele homem tinha um charme incrível, que atraía as mulheres, assim como as abelhas atraem o mel.

— Mas é verdade. Trabalhei demais....

— Em quê?

—Falaremos nisso mais tarde. O fato é que acabei sozinho, sem uma mulher a meu lado. O nosso encontro me fez decidir que já é tempo de eu mudar inteiramente. Você sabe arrumar uma casa muito bem, e cozinhar é a coisa mais simples que existe. Suas referências como amante não são lá essas coisas, mas...

—É que...

—É que você andou escolhendo o homem errado. Quanto a mim reagi muito bem...

—Que absurdo!

—Estou falando sério. Com mais algumas lições você ficará perfeita. Erin ficou muito pálida, imaginando quando aquele pesadelo chegaria ao fim.

—Quem está louco, sr. Hawke: o senhor ou eu?

—Nenhum dos dois, meu bem. Ainda não terminei de explicar Preciso ir a Londres dentro de duas semanas.

-Londres?

—Sim. Gostaria de ir comigo?

—Com o senhor?

—Desse jeito você acaba virando um papagaio, garota! Você toma conta de minha casa e, em compensação, dou-lhe uma passagem de volta. O que me diz?

De repente Erin tinha a oportunidade de voltar para Londres dentro de duas semanas, mas o preço a pagar era alto demais!

Mas, afinal de contas, por que não? Joshua Hawke era um homem incrivelmente atraente, já dera demonstrações de que podia ser um amante fantástico e, assim sendo, por que não aceitaria seu oferecimento? Pelo menos conseguiria algo, em troca daquilo que os homens queriam ter gratuitamente...

No entanto, dividir a mesma cama com aquele homem, que afinal era um estranho... regressar a Londres valeria tanto assim?

— E então? Sim ou não? -

— Não sei. Tudo isso me parece um pouco... forçado.

—Nunca nenhuma mulher se queixou de que eu a forcei a ir para a cama...

— Há uma primeira vez para tudo.

— Certamente. Isto, porém, não se aplica a você, não é mesmo?

Erin arregalou os olhos, ao perceber o sentido das palavras de Josh. Se dissesse sim, ele retiraria sua oferta?

— Não — declarou, trêmula. Josh enfiou a mão no bolso e tirou uma folha.

— Tem uma caneta, Erin?

— Sim, ha minha bolsa. Josh escreveu algo e entregou o papel a ela.

—Aproveite o resto do dia e pense em meu convite. Deixe um recado para mim neste telefone, até às quatro. Depois desse horário, não me encontrará mais na cidade.

Josh pegou o chapéu e preparou-se para partir.

—Que telefone é este?

—Pertence a um amigo, o mesmo que está revisando a perua para mim. Ele estará lá o dia inteiro e, se quiser que ele a venha buscar, é só avisar.

— Aonde é que o senhor vai?

— Tenho de resolver alguns negócios na cidade.

— Não me contou em que trabalha.

—Se decidir aceitar o meu oferecimento, teremos tempo suficiente para conversar a esse respeito. Caso contrário, não tem a menor importância. Até mais.

Erin, frustrada, observou-o dirigir-se ao balcão, onde pagou a conta. Marie, muito excitada, ria descontroladamente, enquanto Josh lhe falava baixinho.

Odiava aquele homem! Havia feito uma proposta e agora retirava-se de sua vida como se ela não significasse nada para ele! Talvez não significasse mesmo, e sua importância se resumisse em

cozinhar, limpar a casa e ir para a cama com ele. Depois de passar por uma experiência dessas durante duas semanas, ficaria ainda mais assustada do que já eslava.

No entanto, só de pensar em Londres seu coração disparava. Gostava do Canadá, mas apesar de ter nascido ali, sentia-se uma estrangeira. Sentia saudades da agitação da capital, dos ônibus vermelhos, de dois andares, e dos pombos de Trafalgar Square. Independentemente de onde tivesse nascido, Londres era seu lar e ela ansiava por aquela cidade com um desespero que chegava aos limites do pânico.

Isso seria suficiente para ela se tornar amante de Joshua Hawke? Devia encarar aquilo apenas como um emprego, igual a qualquer outro, e não se deixar envolver emocionalmente. Seu salário seria uma passagem de volta para Londres.

No entanto, para uma garota que tivera apenas três namorados durante toda a vida, aquilo lhe parecia uma decisão por demais grave. Tinha de tomar uma decisão.

Marie lançou-lhe um olhar carregado de curiosidade no momento em que ela se retirou. Erin ergueu o queixo, aparentando grande dignidade. Se aceitasse o oferecimento de Josh, teria de se acostumar com aquelas manifestações.

Estava pensando seriamente em concordar. Talvez já fosse tempo de Conseguir uma retribuição por parte dos homens. É claro que lhe daria algo de volta, mas, se tinha de perder a virgindade, que fosse com um homem como Joshua Hawke. Ele havia demonstrado ternura e até mesmo paixão nos breves momentos em que estivera em seus braços e certamente aquilo era melhor do que qualquer declaração de amor falsa.

Passou a maior parte do dia andando pelas ruas de Calgary, mas no fundo do coração sabia que já havia tomado uma decisão. Não se sentia Chocada com o rumo dos acontecimentos. Havia passado por tanta coisa terrível, ultimamente, que suas emoções estavam até certo ponto amortecidas, e aceitava seu destino tal como ele se apresentava. Devia sentir-se lisonjeada por partilhar a cama de Josh, após um inverno de abstinência da parte dele. Muitas mulheres com toda certeza gostariam de estar em seu lugar.

Discou o número que Josh lhe havia dado e logo um homem atendeu.

— Quem fala?

- Dave. Você é Erin, não? Josh me avisou. Como percebeu que sou Erin? - Josh me disse que você era inglesa.

—Posso deixar um recado com você?

—Os planos mudaram, Erin. Josh talvez se atrase e pediu que você viesse encontrá-lo aqui.

Erin ficou irritada, pois lhe pareceu que Josh lhe dava ordens. Por outro lado, não lhe estaria concedendo aquele direito? A solidão lhe pesava e ela se sentia exausta por ter de cuidar de si mesma, em um mundo que subitamente parecia ter-se tornado estranho, confuso... Tanta coisa lhe acontecera naquele último ano: a morte de sua mãe, a traição de Bob, a rejeição de seu pai, a brutalidade de Mike... Sentiu-se aliviada por entregar-se aos cuidados de Josh. Ele a levaria de volta para Londres e jamais se encontrariam. Com certeza acabaria por esquecer que um dia se tinha vendido àquele homem...

—Erin. você ainda está na linha?

—Sim.

— Achei que tivesse desligado. Josh não gostaria nem um pouco.

— E onde é que ele se encontra?

Dave informou-a e ensinou como ela deveria chegar à sua casa.

—Obrigada, senhor..

—Dave — ele insistiu. — Qualquer amigo de Josh é também meu amigo. Até já, Erin.

Ela não foi imediatamente para a casa de Dave, e preferiu sentar-se em um bar ao ar livre, tomando um refrigerante.

O que Josh teria dito a seu amigo? Como explicaria o fato de ela levar uma mala, o que indicava que pretendia ficar com ele? Talvez não achasse necessário fazer nenhum tipo de comunicação, pois era o tipo do homem independente, que não prestava contas a ninguém.

As primeiras palavras de Dave contradisseram tudo o que ela vinha imaginando.

—Puxa, como eu gostaria de ir com você e Josh... se bem que não sei se seria acolhido com boa vontade... Detesto ficar na cidade nesta época do ano. Calgary fica repleta de turistas. E um inferno. Você não é turista, não é mesmo?

—Não!

Erin riu e gostou imediatamente do rapaz. Tinha por volta de trinta anos e, ao contrário de Josh, não aparentava a idade. -

—E a primeira vez que passa o verão aqui? — indagou Dave, sentando-se diante dela sem se importar com as suas roupas, sujas de graxa.

Dave acabara de provar que não era casado. Nenhum marido ousaria sentar-se naquela bela poltrona usando roupas tão sujas. O fato de ele ser solteiro deixou-a surpreendida, pois a casa parecia ter sido decorada por mãos femininas. Quem sabe ele era divorciado...

—Sim, é o meu primeiro verão aqui.

—Pois então terá de assistir ao grande rodeio anual. Peça a Josh que a traga até a cidade.

— Talvez. Quando é o rodeio?

— Há quanto tempo você disse que se encontra em Calgary?

— Não disse nada, mas creio que já estou aqui há uns dois meses.

— E ainda ignora a data do rodeio? Que vergonha!

— Desculpe — ela disse, rindo. — E que ainda não tive muito tempo

— Pois saiba que dentro de duas semanas esta cidade estará um inferno. Haverá um desfile no centro da cidade...

— É mesmo? — Erin não conseguia imaginar as ruas do centro livres do trânsito tão congestionado.

— Inacreditável, não? No dia seguinte começa o rodeio.

— Com vaqueiros e cavalos ariscos?

- Exatamente. Durante a noite haverá uma corrida, da qual participam velhas carroças. É muito divertido! E haverá também exposições de gado e um parque de diversões. Como vê, é uma festa completa! Tenho certeza de que Josh a trará. As comemorações duram dez dias e ele costuma comparecer pelo menos um dia.

—Viajaremos para a Inglaterra dentro de duas semanas.

- Eu sei, mas terão tempo de participar. Puxa, sou um péssimo anfitrião. Quer tomar café? Ou prefere limonada?

- Sim, obrigada.

Dave voltou da cozinha daí a pouco, com um copo na mão.

- Com licença. Vou tomar banho e fazer a barba. Não se incomoda de ficar sozinha durante alguns instantes?

— Claro que não. Fique à vontade.

— Não demoro.

— Não se apresse por minha causa. Dave.

Erin achou agradável conseguir relaxar durante alguns minutos, pois sentia-se tensa, diante da chegada de Josh. Subitamente sentiu-se muito constrangida por voltar a encontrá-lo. Sua presença indicava que ela aceitava partilhar seu leito.

Levantou-se, agitada, e andou pela sala. Uma fotografia emoldurada chamou-lhe a atenção. Era o retrato de Dave e de uma garota de cabelos muito negros. Os dois se olhavam com grande ternura.

Erin levou um susto no momento em que Dave voltou para a sala, barbeador com roupas limpas. Sua expressão tornou-se sombria, ao notar a foto nas mãos de Erin.

—Desculpe... Ela é muito bonita!

-Foi bonita.

-Como assim?

—Ela morreu. — Dave desviou o olhar, e de repente aparentava mais idade do que tinha. — Josh está atrasado — murmurou, consultando o relógio. Já passava das cinco.

Meu Deus, ela era uma perfeita idiota! Tocara em um assunto muito delicado e voltara a abrir uma ferida.

—Prefere que eu espere lá fora, Dave?

— Mas é claro que não. Desculpe, acho que a morte de Sharon ainda me atinge. Aconteceu o ano passado e ainda não consegui me equilibrar.

— Compreendo. Minha mãe também morreu há um ano e sinto muita falta dela, sobretudo estas últimas semanas.

— É duro, não?

— Não tão duro quanto perder a mulher...

—Não éramos casados. Sharon morreu um mês antes da cerimônia. Julgou que fôssemos casados devido à aparência da casa, não é mesmo?

— Sim...

— Nós a mobiliamos e decoramos juntos. Desde então não alterei nada.

— Acho tudo de muito bom gosto.

— Sharon sabia como escolher. Era muito talentosa.

— Não tive a intenção de magoá-lo, Dave.

—E não magoou. E bom falar sobre ela. Não sei por que isso acontece, mas as pessoas pensam que, quando uma pessoa morre, não se deve mais falar dela. Não me lembro quando foi a última vez que alguém tocou no nome de Sharon.

— Talvez as pessoas não queiram reavivar a sua dor.

— Prefiro falar dela a guardar sua lembrança só para mim.

— Eu sei como é.

—Imagino que sim. Você era muito ligada à sua mãe? - Sim.

—Pois então sabe como me sinto. Eu... — Dave interrompeu-se. -Acho que Josh está chegando.

— E mesmo? — perguntou Erin, sentindo que ficava novamente tensa.

— Sim. Conheço os seus passos.

— Pois eu não estou ouvindo.

— E Josh, não há dúvida.

Instantes depois ele entrava na sala. Erin prendeu a respiração e encarou. Fazia o possível para ignorar sua intensa masculinidade, sensualidade que transpirava de seu corpo e seus olhos verdes, que pareciam desnudá-la. De repente ele ficou com uma expressão estranha, ao notar que os cabelos de Dave ainda estavam molhados.

O que estaria pensando? Acaso imaginava que, pelo simples fato de passar uma hora na companhia de Dave, ela teria ido para a cama com seu amigo? Ficou indignada e corou.

- Você chegou bem, Erin?

— É evidente.

— Aceita uma cerveja, Josh? — ofereceu Dave, sem perceber a súbita tensão que havia entre eles.

—Obrigado — disse Josh, sem tirar os olhos de Erin. E você, Erin, quer mais limonada?

—Não, muito obrigada.

Ela exprimiu-se com muita ternura, ignorando Josh, e sorriu para Dave.

—Com licença. Não demoro.

Dave deixou os dois a sós e, pelo visto, parecia já perceber o que estava acontecendo.

Josh veio sentar-se ao lado de Erin, no sofá, e colocou o chapéu no chão.

—Como foi que você passou o dia?

Ele agora se mostrava amável, mas sua proximidade a deixava nervosa.

-Não passei o dia na cama de Dave, se é isto que quer saber!

-Eu sei — ele disse, com um sorriso que a deixou furiosa.

-Não vejo por quê...

-Erin, você ainda não me deu um beijinho... — Josh veio para bem perto dela e seus rostos quase se tocavam.

-Pois fique esperando! Eu... -Erin interrompeu o protesto pela metade, pois Josh beijou-a com decisão.

Pelo visto ele pretendia tirar o máximo prazer daquele beijo, pois obrigou-a a abrir os lábios e a aceitar a intimidade que ele lhe propunha.

Para uma garota sedenta de afeto, era impossível resistir àquele convite. Erin passou o braço em torno do pescoço de Josh e começou a acariciar seus cabelos, o que o excitou e o animou a aprofundar a intimidade. Josh afastou-a ligeiramente e sorriu.

-Aproveite, Erin. Entregue-se. Faça como eu.

-Mas Dave...

-Aproveite!

Josh voltou a beijá-la e Erin começou a ficar tonta. Finalmente ele interrompeu o beijo, e parecia muito perturbado.

-Lição número um — murmurou, sorrindo.

-Como foi que me saí?

Josh parecia ter ficado muito surpreso com a calma com que Erin recebeu suas palavras. Sem dúvida esperava que ela reagisse às suas ironias, mas ela se controlou. Naquele dia havia decidido aceitar o destino, e manteria sua decisão.

-Dou-lhe nota sete...

— Apenas sete?

— Teria ganho oito, se não tivesse recuado quando eu...

— Quando você me beijou — ela disse, corando, pois sabia perfeitamente o que ele tinha em mente. Jamais ninguém a beijara com tamanha intimidade e durante alguns instantes ficou muito surpreendida.

— Erin, vamos deixar tudo muito claro. Você concordou em vir ao meu encontro e, ao agir assim, aceitou os termos do nosso relacionamento. Se mudou de idéia, saiba que não a obrigo a ficar. O que não aceito é que você pretenda me fazer sentir culpado.

—Mas eu não agi assim...

—Agiu, e saiba que não funciona. Ninguém a está forçando a fazer o que quer que seja.

— Está certo. Desculpe.

— Aqui está a cerveja! — anunciou Dave, antes de entrar na sala.

— Você foi muito discreto e ficou lá dentro o tempo suficiente disse Josh, sorrindo. — Obrigado.

— Não há de que, rapaz. Quanto à minha demora, achei que devia mesmo esperar um pouco. Afinal de contas Erin é uma linda mulher.

— Com efeito... Será que podemos partir, meu bem?

— Quando quiser...

Josh tomou um gole de cerveja e limpou a boca com as costas da mão.

— Obrigado por ter revisado a perua, Dave. Estou em dívida com você.

— Deixe pra lá. Quando voltar, terei muito prazer em fazer nova revisão no carro.

— Ótimo!

— Nós ainda nos veremos antes de você viajar para a Inglaterra?

— Talvez. Não sei se terei tempo.

— Erin gostaria de assistir à festa do rodeio.

— E mesmo?

—Todo mundo deve participar desta festa, pelo menos uma vez vida.

—Eu a trarei — prometeu Josh.

— Não é preciso — disse Erin, constrangida. Josh talvez não quisesse sair com ela, sobretudo porque correriam o risco de encontrarem seus amigos.

— Minha palavra está dada e não volto atrás. Dave, a gente concede a uma mulher aquilo que ela deseja e em seguida recebe uma recusa! Jamais compreenderei essa raça!

— De fato. Você é um principiante, Josh — disse Dave, caçoando do amigo.

— Nisso é que não concordamos, Dave — observou Erin. — Se ele fosse um principiante, eu não estaria aqui.

Encarou Josh com ar de desafio. Se ele se permitia ridicularizá-la diante de seu amigo, ela se via no direito de agir da mesma forma.

—Sua língua está muito afiada, meu bem, mas hoje de manhã, na minha cama, você não se comportou assim...

Erin corou fortemente e em seguida empalideceu. Devia saber perfeitamente que ele tinha resposta para tudo! Josh já havia demonstrado que tinha muito mais presença de espírito do que ela. Será que jamais aprenderia a lição?

Não conseguiu encarar Dave no momento da despedida, pois estava muito encabulada. Sentiu dificuldade em subir na perua, pois a cabine lhe parecia muito alta.

- Precisa de ajuda? — ofereceu-se Josh.

—Claro que não!

Ele sentou-se a seu lado e sorriu para Dave.

— Esta mocinha é muito independente.

— Dá para perceber. Boa sorte na Inglaterra!

— Obrigado!

Josh deu a partida e logo enfrentavam o tráfego congestionado.

—Creio que independência é a última coisa que você me concederá — observou Erin.

- Não seja tão amarga!

Não sou amarga! No entanto, preferia que não tivesse dito a Dave que... insinuado que...

—Não se preocupe, Erin. Dave sabia muito bem do que eu estava falando.

Naquele momento ele parecia um verdadeiro vaqueiro, rude e viril. De certo modo era lisonjeiro pensar que um homem tão bonito tivesse escolhido a ela, Erin Richards, para partilhar sua cama e sua vida durante duas semanas. Era melhor aquilo do que uma falsa declaração de amor eterno!

Erin voltou-se e contemplou a paisagem. Estavam deixando a cidade e dirigindo-se para o oeste, rumo às montanhas. Elas surgiam na linha do horizonte, e muitas ainda tinham os cimos cobertos de neve. Era um alívio admirar tamanha beleza, e Erin sentiu que parte de sua tensão diminuía.

Onde é que você mora exatamente?

—A uns quarenta quilômetros da cidade.

- Apenas quarenta quilômetros? Mas, se mora tão perto, por que se hospedou no hotel ontem à noite?

-Você já esqueceu que Dave estava fazendo uma revisão na perua.

- Eu... Olhe um bichinho na estrada! Cuidado!

Erin agarrou no braço de Josh e um esquilo parou em plena estrada, diante deles, não se mexendo, a fim de evitar ser atropelado.

—Nunca mais me agarre desse jeito, quando eu estiver guiando! — vociferou Josh, evitando por pouco o esquilo.

—Desculpe!

Erin voltou-se, com o objetivo de ver se o bichinho havia escapado, e o viu correndo para o mato.

— Era um esquilo, não? — indagou.

— Sim — ele disse lacônico, ainda zangado com ela.

— Que bonitinho!

— Você diz isso por que não tem fazenda.

— Ah, sim?

—Esse tipo de esquilo vive debaixo da terra, e os buracos que cavocam podem prejudicar muito os cavalos e vacas.

— Que pena! E... vocês costumam atirar neles?

— Alguns fazendeiros atiram, outros os envenenam.

— Que crueldade!

—Mas você vem de um país onde enviam vinte cães no encalço de uma raposa, que é estraçalhada diante de todos, sem que ninguém mexa um dedo para impedir que isso aconteça.

—Eu também não aprovo a caça às raposas.

—Talvez seja cruel matar os esquilos, mas é mais cruel deixar o gado quebrar a perna nos buracos. Os animais podem agonizar durante horas, antes de serem descobertos.

—Você até parece falar com conhecimento de causa.

—E falo, sim. Acredite em mim. E um espetáculo de cortar o coração.

—Oh, veja lá... Mais um esquilo!

— Acalme-se! Quase tenho um ataque do coração, quando você grita desse jeito.

— Desculpe! Mas por que eles vêm para a estrada? Podem ser atropelados.

— O calor do asfalto os atrai. Se um deles for morto, seus amiguinhos o devorarão!

— Que horror!

— Ainda os acha engraçadinhos?

— Não acredito. Está dizendo essas coisas só para me chocar.

—Eles se alimentam sobretudo de vegetais, mas não recuam diante de um esquilo morto.

— Quer dizer que se devoram entre si?

— Claro.

— Que nojo!

—É a luta pela sobrevivência. Os seres humanos fazem a mesma coisa.

—Que crueldade da sua parte dizer semelhante coisa!

— Mas eu não estava me referindo a você! Pelo amor de Deus, não seja tão sensível! Afinal de contas, você não vai viver às minhas custas, sim trabalhar para mim.

— É o que você diz.

— Não acredita em mim?

— Se isso pode ser chamado de trabalho...

—Vamos deixar de lado esse aspecto da questão. De certa forma isso parece preocupá-la.

Como ela poderia deixar de pensar no assunto? Aproximava-se momento em que teria de deitar na mesma cama com Josh, e aquilo tornava uma realidade que a aterrorizava! Devia estar fora de si para concordar com semelhante coisa!

—Talvez isto a ajude a se alegrar um pouco — Josh tirou um envelope de dentro do bolso e o entregou a Erin. — Abra, vamos. - ordenou.

Dentro do envelope estavam duas passagens aéreas, de Calgary Londres.

— Isso é para lhe mostrar que eu cumpro a minha palavra.

— Acho melhor guardar as passagens, até eu cumprir a minha...

— De acordo.

Erin, profundamente perturbada, olhava para fora sem perceber lealmente a paisagem, e não notou o quanto ela havia mudado. A planície agora dava lugar a um terreno ondulado e dos lados da estrada surgiam bosques de pinheiros. As montanhas pareciam estar cada vez mais perto.

— Seu amigo Dave sabe de alguma coisa? Você lhe falou sobre...

— Sobre o nosso trato? Por quê? Acha que eu deveria ter falado?

— Como posso saber? É que vocês dois me parecem tão íntimos...

—E verdade, mas a minha vida particular pertence unicamente a mim. Por que pergunta? Gostaria que Dave soubesse?

— Bem... Quer dizer então que ninguém sabe nada a nosso respeito?

— Acertou. Você gostou de Dave?

— Ele me pareceu um bom rapaz, apesar de um tanto triste.

— Triste? Por que diz isso?

— Por causa da namorada. Deve ter sido terrível para ele.

— Dave lhe falou a respeito de Sharon?

Erin engoliu em seco. Subitamente, Josh parecia ter ficado indignado por ela ter mencionado a noiva de Dave.

— Acha que ele não devia ter falado?

— Depende do que ele lhe contou.

— Que ela morreu um mês antes do casamento.

— Sharon suicidou-se.

— Ela... o quê?

— Suicidou-se!

— Que terrível! — murmurou Erin, sem conseguir acreditar que aquela linda garota tivesse cometido tamanha loucura.

— É mais do que terrível. Ela era maravilhosa, Erin, por dentro e por fora. Ainda sinto muita falta de Sharon.

—É mesmo?

—Por quê? Acha que eu não deveria sentir? Ele estava sendo muito sincero. Dave saberia que Josh, seu melhor amigo, também tinha amado Sharon? Não era de admirar que tivesse reagido com tamanha violência, quando Erin zombou dele, achando que Josh temesse a possibilidade de ela se suicidar!

CAPÍTULO IV

Prosseguiram a viagem em silêncio, pois Erin estava muito chocada com o que Josh acabara de lhe dizer. Concentrou-se de tal forma em seus pensamentos que não percebeu que Josh havia deixado a estrada principal e tomara um caminho que serpenteava por entre os bosques de pinheiros. Subitamente, viraram à direita e seguiram uma trilha esburacada. A perua avançava aos solavancos e Erin não conseguia parar no lugar. Josh começou a rir, ao notá-la naquele estado.

-Não acho a menor graça! — ela disse, quase sufocando diante da poeira que entrava pela janela.

-Eu devia tê-la prevenido.

-Mas para onde vamos?

-Para a minha casa.

- Já sei. Mas onde estamos?

-Juro que não estamos penetrando na mata virgem.

-Você não me disse que morava em um lugar tão retirado! A sua volta havia unicamente árvores e, provavelmente, a casa de Josh.

-E isso faz alguma diferença?

-Não... creio que não — afirmou Erin, sem muita convicção.

-Não se preocupe. Eu a ajudarei a realizar as tarefas mais leves, tais como cortar lenha e tirar água do poço...

-Como? Mas você não precisa de lenha nesta época do ano. Afinal de contas, estamos em pleno verão!

-É, mas à noite costuma esfriar. Além do mais, agora é o momento de estocar lenha para o inverno.

-E você passará o inverno aqui?

-E a melhor época do ano. Há menos gente na cidade e muita neve para se praticar esqui. Você esquia?

-Não — ela disse, rindo. — Não há muitas oportunidades de se esquiarem em Londres.

-Pois deveria aprender. Acabaria gostando.

— As condições de vida que se tem por aqui não são um tanto primitivas?

— Creio que sim, mas eu gosto muito, sobretudo agora, que você fará a maior parte do trabalho...

Erin sentiu-se desanimada. Imaginou que iria cozinhar, lavar a roupa e manter a casa em ordem, mas não lhe ocorreu que aquele lugar fosse tão desconfortável.

— Você acaso tem máquina de lavar roupa?

— Não, aqui não temos luz...

— O quê?

Erin engoliu em seco. Isso significava que não poderia contar nem mesmo com um fogão elétrico.

— E como você faz para cozinhar?

— Tenho um velho fogão a lenha...

As coisas estavam ficando cada vez piores! Ela deveria ter verificado a situação, antes de concordar em vir com ele. Não conseguiria trabalhar direito naquelas condições. Tinha pela frente tarefas exaustivas e ele ainda esperava que ela dispusesse de energia suficiente para partilhar sua cama, à noite!

Erin encarou Josh com ar de suspeita, certa de que ele devia estar caçoando dela. Ele retribuiu seu olhar, demonstrando grande firmeza.

Ela desistiu de qualquer protesto, e agora arrependia-se por ter assumido aquele compromisso. Quando Josh lhe fez a proposta, achou que estava sendo muitíssimo bem paga, mas agora já não tinha tanta certeza.

Subitamente surgiu uma clareira por entre os pinheiros, no meio da qual erguia-se uma grande casa, estábulos e paióis. Os cavalos pastavam a relva muito verde, e eram tantos que Erin mal conseguiu contá-los.

—É a sua fazenda?

—Não! — disse Josh, parando diante da casa. — Tenho amigos que moram aqui. Vamos, desça. — Erin fez conforme ele indicava.

— Não prefere que eu o espere?

—Você gostará de Jim e Martha. Ela com toda certeza está em casa. Vamos.

Josh tomou Erin pelo braço e bateu na porta, antes de entrar.

— E se... — disse Erin, ainda hesitante.

— Josh!

Nesse momento, uma jovem muito loura atirou-se nos braços de Josh, beijando-o com muito afeto.

Martha parecia ter uns vinte e poucos anos. Era mais graciosa do que propriamente bonita. Naquele momento usava shorts e uma camiseta azul-clara, e tinha a pele queimada de sol.

—Martha, quero lhe apresentar Erin Richards. Erin, Martha Halliday. Somos primos.

— Primos em segundo grau! Prazer em conhecê-la!

— Igualmente.

—Espero que vocês fiquem para o jantar. Jim vai fazer um churrasco e não faltará comida.

—Acho que não dá — declarou Josh, penalizado. — Onde está Jim?

—Sabre estava mancando um pouco e ele foi dar uma espiada. Sheba está com ele, e ela provavelmente não ouviu vocês chegarem.

Erin não tinha a menor idéia de quem fosse Sabre ou Sheba. Não compreendia por que Josh havia escolhido viver em condições tão primitivas, ao passo que Martha tinha luz elétrica e água corrente. A casa era bastante confortável, por dentro e por fora, e não tinha comparação com as verdadeiras caixas de fósforos que eram as residências na Inglaterra.

— Eles estão lá no pasto de cima?

— Sim. Jim vai trazer Sabre para a cachoeira. Não deve demorar.

— Irei ao encontro dele. Tudo bem com você, Erin?

— É claro!

Seria muita infantilidade de sua parte dizer o contrário, apesar de ela se sentir um tanto intimidada na presença de Martha.

—Assim é que eu gosto de ver!

Josh beijou-a ligeiramente nos lábios, o que a deixou bastante constrangida, e a casa ficou no maior silêncio, enquanto ele saía.

Erin não sabia para onde olhar, e tinha plena consciência de estar sendo observada. Josh não era o tipo do homem que dava explicações de seus atos, mas ela achava que devia uma satisfação.

—Josh e eu...

—Vocês se gostam. Não precisa me dizer nada, Erin. Basta você estar na companhia dele. Aceita um café?

—Sim, por favor.

Sentiu-se aliviada, e imediatamente começou a gostar da prima de Josh. Até agora havia gostado de todos os amigos dele, apenas sentia-se pouco à vontade na presença de Josh.

Conversaram despreocupadas, enquanto aguardavam a volta dos rapazes, e Erin falou muito a respeito da Inglaterra.

— Sempre tive vontade de conhecê-la — declarou Martha, com ai sonhador. — Alberta é uma beleza, e jamais terei de querer viver fora daqui, mas acontece que é uma terra muito nova. Sabe que completou setenta e cinco anos em 1980? A Inglaterra tem uma história tão antiga...

— Detesto lhe dizer isto, mas a maior parte dos lugares históricos da Inglaterra estão se transformando em pó...

—Não estrague os meus sonhos! Quase consegui convencer Jim a me levar para lá no ano que vem, contanto que ele tenha a coragem de se afastar dos seus queridos cavalos... Criamos cavalos árabes, e Jim acha que ninguém tem suficiente competência para cuidar dos animais, a não ser ele, evidentemente. Passar um mês longe dos cavalos lhe parece um crime.

— Os cavalos são belíssimos! — Erin ignorava tudo o que dizia respeito a esses animais, e queria vê-los a metros de distância. Isso, provavelmente, era quase um pecado em um país onde praticamente todo mundo sabia montar, mesmo não tendo um cavalo.

— São a nossa fonte de renda.

— E igualmente a profissão de Josh?

—Josh? — Martha parecia ter ficado muito surpreendida com a pergunta. — Mas Josh é... — Nesse momento os rapazes entravam na casa. — Com licença! — Martha levantou-se e foi recebê-los.

A curiosidade de Erin em relação à profissão de Josh estivera a ponto de ser satisfeita. No início aquilo não a incomodava, mas a relutância de Josh em lhe dar qualquer tipo de informação acabou por deixá-la intrigada. Parecia ser fazendeiro, agia como se o fosse, mas aquelas mãos longas e bem cuidadas a intrigavam demais. Erin havia colocado seu destino nas mãos de um enigmático desconhecido!

Martha voltou de braços dados com um homem de cabelos ruivos e olhos azuis. Josh vinha atrás e olhou atentamente para Erin, dando-lhe a impressão de que não desconhecia suas tentativas no sentido de saber mais coisas a seu respeito.

— Sentiu falta de mim, meu bem? — indagou zombeteiro, sentando-se a seu lado no sofá e passando o braço em torno do ombro dela.

— Por quê? Era para sentir? — ela perguntou com toda a calma, decidida a não dar demonstrações de constrangimento.

— Acho que gosto de você, Erin — declarou Jim, rindo. — Não é sempre que alguém coloca Josh em seu lugar. Finalmente parece que encontrei uma mulher capaz de fazê-lo!

— Quanto a mim, estou mais interessado em pôr Erin no lugar dela — declarou Josh com malícia.

Erin corou violentamente, pois sabia o que ele queria dizer com aquilo. Aliás, era apenas uma questão de horas, e naquela mesma noite...

— Bem, precisamos ir andando — declarou Josh.

— Voltará com Erin antes de viajar? — perguntou Martha. — É tão bom ter uma mulher com quem conversar. Já estou cansada de papo de homem...

— Obrigado! — disse Jim, irônico. — Por que não aparecem no sábado, Josh?

— Veremos. Você me conhece. Nunca faço planos.

— Dê um jeitinho, Josh! — disse Martha, encorajando-o.

— Veremos, veremos. Não force a barra, priminha.

— Josh, como você é irritante! Erin, quando chegar ao ponto de sentir vontade de gritar, obrigue Josh a trazê-la até aqui.

— Farei o possível...

— Muito bem. Vamos indo — declarou Josh, quase empurrando Erin em direção à perua.

— Meu Deus do céu!

Subitamente, um enorme cachorro avançou na direção deles e Erin, apavorada, escondeu-se por detrás de Josh, que começou a rir.

— Erin, quero lhe apresentar Sheba.

— De onde foi que ela surgiu?

A cadela começou a cheirar as pernas de Erin, que não escondia o pavor que sentia. Josh, pelo visto, se divertia imensamente com aquilo.

— Martha e Jim tomaram conta dela para mim enquanto estive fora.

- Quer dizer que ela é sua? — perguntou Erin, engolindo em seco. Encarou Josh, mas no mesmo momento se arrependeu, pois seus rostos quase se tocavam.

— Sim. Você não gosta de cachorros?

Erin olhou aterrorizada para Sheba, que naquele momento lhe lambia as mãos.

- Achei que gostava...

— Não me diga! Que oportunidades você tinha de estar com cachorros em Londres?

— É claro que num apartamento era muito difícil! — declarou Erin com irritação. Percebeu que Martha e Jim a encaravam com ar divertido.

- E pare de caçar de mim, Josh.

- E você pare de ser ridícula. Claro que eu não teria deixado Sheba se aproximar de você, se acaso ela fosse brava. — Josh agachou e começou a fazer carinhos em Sheba. — Que cadela mais linda! Venha dizer alô pra Erin.

Josh pegou as patas dianteiras de Sheba e colocou-as sobre os ombros de Erin, que ficou horrorizada.

- Erin, ela está cumprimentando...

- É mesmo?

- Sem dúvida! — Josh olhou-a com impaciência e soltou a cadela. — Você acabará se acostumando com ela.

Puseram-se a caminho, e Sheba sentou entre eles. Erin em nenhum momento conseguia ficar inteiramente à vontade, e tinha a impressão de que estava sendo constantemente vigiada pelo animal.

— Ela consegue captar o seu medo, Erin.

— Não consigo evitar. Você devia ter me prevenido...

— Concordo, mas como iria saber que você tem medo de uma simples cadelinha?

— Cadelinha? Ela é enorme!

— É mestiça de pastor alemão e labrador. Não existe cruzamento melhor.

— Já que você diz... No entanto, devo reconhecer que os labradores são cães muito bonitos.

— Sheba é mansa como um carneirinho.

— Só que os carneirinhos não têm dentes assim...

— Imagino que você também não goste de cavalos.

— Por quê? Na sua fazenda também existem cavalos?

— Sim, alguns. Gosta deles ou não?

— Claro que sim! — mentiu Erin.

— Sabe montar?
— E evidente! Na Inglaterra também temos cavalos!
— Não duvido. Ótimo. Amanhã cedinho poderemos cavalgar juntos, conforme eu faço todos os dias.

— E mesmo? — ela disse, quase gaguejando.
— Claro! Assim você ficará um pouco mais corada.
— Acho que prefiro dormir até mais tarde.
— Boa idéia! Eu também!

— Eu... Talvez dar um passeio a cavalo me faça muito bem... — Durante alguns momentos havia esquecido que estaria na mesma cama com Josh!

— Qualquer solução me convém — ele declarou. E agora, que atitude ela tomaria?

— Ainda falta muito para chegarmos? — A estrada esburacada começava a deixar Erin irritada.

— Pouco mais de um quilômetro. Está com pressa? Ela corou fortemente diante da insinuação.

— Achei que você quisesse que eu cortasse um pouco de lenha, antes do jantar.

— Hoje à noite não será necessário.

— Quanta gentileza de sua parte! — ela disse, com evidente ironia. Sheba ergueu a cabeça e ficou olhando para Erin, com a bocarra aberta.

Isso foi mais do que suficiente para que ela não dissesse mais nada. Estava começando a ficar com muita fome, e esperava que a fazenda não fosse muito longe. Talvez, chegando lá, pudesse preparar uma sopa ou uma refeição leve.

Martha falou em churrasco e eu fiquei com vontade de comer carne. E você, Erin?

— Sem dúvida!

Meu Deus, daquele jeito acabariam por jantar lá por volta da meia-noite!

Assim que chegaram diante da sede da fazenda, Erin percebeu que Josh havia zombado dela. Era um bangalô todo de madeira, de linhas muito modernas e com janelas estilizadas. Um gramado verdejante, com vários canteiros repletos de flores, cercava a casa por três lados. O quarto lado continha um cercado onde se encontravam dois magníficos cavalos.

Era como encontrar um oásis em pleno deserto. Erin não pôde deixar de reconhecer que aquele lugar era simplesmente maravilhoso.

— Você mentiu para mim!

Erin voltou-se para Josh, indignada e, enquanto isso, ele apertava um botão e a porta da garagem se abria.

— É mesmo? — ele disse, com ar de inocência, descendo da perua. Sheba seguiu-o imediatamente.

Erin também desceu, e estava por demais zangada para conseguir admirar o Porsche preto estacionado na garagem.

— Você sabe muito bem que mentiu! — reafirmou, seguindo Josh, que se dirigia para o cercado.

— Como fui fazer uma coisa dessas? — ele disse, distraído, enquanto acariciava o focinho dos cavalos.

— Você agiu de propósito e me levou a acreditar que...

— Você acreditou apenas naquilo em que queria acreditar! Pois saiba que não estamos no fim do mundo. Na realidade, aqui na fazenda existe mais conforto do que na sua adorada Inglaterra!

— Eu...

— Você tomou ares de superioridade! E quanto ao poço, saiba que não menti.

Erin arregalou os olhos, no momento em que viu o pequeno poço de tijolo aparente, coberto por telhado de zinco. Não se conteve e foi até lá olhá-lo.

— Mas ele funciona de verdade?

— Não, é apenas para impressionar. Claro que lá embaixo tem água, mas ela foi canalizada e é mais pura do que a de qualquer reservatório inglês.

— Saiba que eu não quero competir com você. E sinto muito, se assumi ares de superioridade. Acontece que você não entrou em muitos detalhes sobre a fazenda e fiquei surpreendida quando viemos para um lugar tão isolado.

— Aceito as suas desculpas — disse Josh, passando afetuosamente o braço em torno do ombro de Erin. — Não a devia ter provocado, mas dificilmente resisto à tentação...

Erin relaxou, percebendo que o bom humor de Josh havia voltado. Preferia tê-lo como amigo do que como adversário.

—Fale um pouco mais sobre o poço. É daqui que tira a água?

—Sim. A água fica a uns dez metros de profundidade. É limpa, fria e cristalina, e pode ser bombeada para dentro de casa.

—E costuma ser tratada?

Erin não conseguia imaginar que alguém bebesse água não tratada, pois, segundo sempre soubera, em caso contrário poderia provocar determinadas doenças.

—Não é necessário. Algumas vezes ela contém muito ferro e só então a tratamos, mas, em geral, é bebida como se apresenta. Vamos entrar. Acho que você vai gostar da casa.

Disso Erin não duvidava. Mesmo que a casa não fosse bonita, ainda assim a apreciaria, só porque tinha água corrente e eletricidade. Depois de tudo o que imaginara, sentiu imenso alívio ao ver a cozinha tão bem equipada, com fogão elétrico, geladeira, lavador automático de pratos, armários e tampo de mármore sobre a pia. De lá passaram para a sala de estar. No centro encontrava-se uma lareira de tijolos, e os móveis eram extremamente confortáveis.

—Os quartos ficam nos fundos — informou Josh. Erin estava impressionada com o que vira até então.

Pararam ao pé da escada, no corredor.

— E lá em cima, o que é?

— Minha sala de trabalho — ele disse, mudando de assunto.

Erin esperava apenas uma cabana modesta e aquela casa deixou-a agradavelmente chocada. Apesar da simplicidade da aparência, era uma residência extremamente confortável. Cada um dos quatro quartos, mobiliados com muito bom gosto, dispunha de um banheiro. Dentre eles sobressaía o quarto de Josh, o mais agradável de todos. A enorme cama de casal era coberta com um belo acolchoado de pele, e junto ao aposento havia um banheiro. Erin não pôde disfarçar a admiração. A banheira, imensa e redonda, era embutida no chão.

—Se preferir, aqui há um chuveiro.

Josh abriu as portas de vidro temperado e havia no box espaço suficiente para duas pessoas.

Por que ela pensou exatamente nisso? Jamais, em toda sua vida, havia tomado banho com alguém, e não iria começar logo agora!

Erin encarou Josh com novos olhos. Em Calgary ele lhe parecera apenas um homem muito atraente, que lhe oferecera ajuda e por um determinado preço. No entanto, aquela casa luxuosa indicava que ele era um pouco mais do que isso.

Sua casa... é muito bonita! — ela admitiu. Obrigado! Eu mesmo ajudei a desenhá-la. Bem, deixe-me ver. Josh abriu as gavetas de uma cômoda, esvaziando duas delas.

—Pode guardar as suas coisas aqui.

—Não é preciso! Afinal de contas, não ficarei aqui tanto tempo assim. Posso deixar a minha roupa guardada na mala.

—Guarde-as aqui, Erin.

Josh não modificou o tom de voz, e isso bastou para Erin perceber que seus protestos não tinham a menor importância. Josh abriu a porta do guarda-roupa e afastou os ternos para o lado.

— Pendure o resto das suas coisas aqui.

— Josh...

— Vou buscar a sua mala lá na perua.

Erin estudou aquele ambiente luxuoso, evitando cuidadosamente olhai para a cama. Em outras circunstâncias até que seria divertido hospedar-se numa casa como aquela, mas, na qualidade de amante de Josh, tinha certeza de que passaria por momentos terríveis.

Não havia pensado no lado emocional da situação, quando aceitou seu oferecimento. Achava que iria simplesmente dormir com um estranho e que nem por isso deveria experimentar qualquer sentimento de culpa. Josh seria facilmente esquecido assim que ela voltasse para a Inglaterra. No entanto, começava a conhecê-lo aos poucos. Não era o tipo de homem que se pudesse arquivar. Tinha uma personalidade forte e, quanto mais se aproximava dele, mais constrangida ficava diante da situação.

—O que há?

Josh havia entrado no quarto sem fazer o menor ruído e ficou a contemplar seu rosto muito pálido.

—Josh, acho que não conseguirei...

— Não volte atrás justamente agora — ele disse, pondo a mala no chão. — Não pretendo voltar para Calgary, e você não ficará aqui sem ir para a cama comigo.

— Mas creio que não será possível... — Erin olhou para ele com ar de súplica e naquele momento estava totalmente sem defesa.

— Para mim é impossível ficar aqui sem levar você para a cama. Eu t desejo.

— Mas...

— Eu te desejo, Erin! — ele repetiu, aproximando-se e segurando se rosto. — Eu te desejo... — Subitamente abaixou a cabeça e a beijou apaixonadamente.

Erin permaneceu em seus braços, inteiramente passiva. Durante a tarde mostrara-se por demais chocada para ter qualquer reação e correspondeu aos beijos ardentes de Josh, mas agora, que se encontrava na iminência de cumprir seu compromisso, não conseguia deixar de pensar nos homens que a haviam usado, embora por diferentes razões, e sua mágoa era maior do que tudo.

— Foi outra lição? — indagou com frieza, quando finalmente Josh se afastou.

— Não! — Josh repeliu-a. — Não é de admirar que o tal de Bob a tenha mandado embora de casa, caso você tenha reagido a ele como está reagindo agora!

—Bob? — ela indagou, muito espantada. — Mas ele...

—Bob deve ter tido muito mais paciência do que eu. Não gosto nem um pouco desse tipo de jogo, Erin. Quando você concordou em vir para cá, sabia muito bem o que havíamos combinado. Agora não adianta recuar. Este é o meu quarto, esta é a minha cama e logo mais você irá; partilhá-la comigo!

Josh retirou-se, irritado, batendo a porta com toda força, e daí a pouco a casa estava mergulhada no mais completo silêncio.

Erin olhou à sua volta, sem conseguir acreditar no que acabara de ouvir. Josh achava que Bob tinha sido seu amante! Mas será que tinha tanta culpa de pensar assim? Afinal de contas, ela estivera por demais mergulhada na autopiedade e não explicara com clareza qual a verdadeira natureza de sua relação com o marido de sua mãe.

Josh achava que, se ela tinha vivido com um homem durante um ano, não deveria ter qualquer hesitação em passar duas semanas em sua companhia. Tinha sido uma idiota, e era preciso que Josh ficasse sabendo de toda a verdade em relação a Bob.

Erin, entretanto, não conseguiu localizar Josh em nenhum lugar. Sheba também estava ausente e possivelmente os dois tinham ido dar um passeio. Erin deixou a mala no quarto de Josh, mas não a desfez. Depois do que lhe dissera, ele poderia decidir-se a levá-la de volta para Calgary. A idéia de ter de dormir em um banco de jardim tornou-se para ela uma realidade assustadora.

Foi até a cozinha e serviu-se do café que se encontrava na garrafa térmica. Se Josh fosse demorar muito, ela precisaria daquele café a fim de se animar. Bem que gostaria de comer um sanduíche, mas naquelas circunstâncias não tinha a menor vontade de servir-se.

Após tomar duas xícaras de café bem forte, começou a ficar inquieta e pôs-se a andar pela casa. Josh talvez estivesse zangado com ela, mas não tinha o direito de retirar-se e deixá-la sozinha. Afinal de contas, onde ele estaria? Erin tornava-se cada vez mais irritada com sua ausência e tinha certeza de que ele agia de propósito, a fim de puni-la.

De repente ouviu barulho no andar de cima. Josh dissera que lá se localizava sua sala de trabalho. Seria ele ou alguém que tivesse invadido a casa? Erin censurou-se, pois sua imaginação ia além dos limites. Claro que era Josh, mas o que estaria fazendo lá? Trabalhando, evidentemente. Mas em quê? Diante das circunstâncias em que se haviam separado, não achava que ele fosse receber muito bem sua curiosidade.

Talvez pudesse aprontar o jantar e, assim, fazer uma surpresa. Se demonstrasse o quanto poderia ser útil, ele acabaria por consentir com a sua permanência...

No entanto, não conseguiu localizar a carne que Josh mencionara, pois a geladeira estava mais ou menos vazia e, assim, teve de deixar seu plano de lado.

Erin estava com calor e de muito mau humor. Seu futuro era absolutamente incerto, e dependia dos caprichos de um homem que podia ser encantador, mas também extremamente arrogante e até mesmo cruel, em determinados momentos.

Voltou para o quarto e tirou algumas roupas da mala. O jeans e a blusa estavam sujos de poeira e ela morria de vontade de tomar um banho, Josh, pelo jeito, estava por demais ocupado para conversar com ela, e não tinha mais nada a fazer.

A ducha estava uma verdadeira maravilha. Descobriu um vidro de xampu, que não era da mesma marca que usava; mesmo assim, decidiu usá-lo.

Erin estava massageando os cabelos quando subitamente a porta do box se abriu. Ela voltou-se, piscando, pois o xampu havia entrado em seus olhos e ardia um bocado.

— Josh? — indagou Erin, estendendo as mãos.

— Claro que sim!

—Eu... Por favor, ajude-me. Entrou xampu nos meus olhos e... Você está olhando para mim?

— Não tenho mais para onde olhar, meu bem.

Erin percebeu que ele sorria e corou intensamente.

— Quer me dar a toalha... seu... seu... idiota!

— Pois eu tenho uma idéia muito melhor...

A porta do box fechou-se. Meu Deus, ele tinha ido embora, deixando-a naquele estado? De repente, Erin sentiu que agarravam em seu braço. As mãos de Josh removeram cuidadosamente o xampu de seus olhos e cabelos.

—Melhorou? — indagou Josh com ternura.

Os olhos de Erin não ardiam mais, mesmo assim ela não os abriu.

— Vá embora... Por favor... Você não devia ter entrado aqui.

- Ouvi o chuveiro aberto e achei que seria divertido tomar banho com você. Abra os olhos, Erin.

— Eu... Não! — Erin sacudiu a cabeça, teimosamente, e o contato do corpo de Josh a fez tremer.

— Abra os olhos! — ele ordenou, impiedoso.

Erin obedeceu com muita relutância e voltou a fechar os olhos, até perceber que ele ria. Encarou-o com ar de desafio, torcendo para não corar, embora soubesse que devia estar vermelha como um pimentão.

Josh agora estava tão molhado quanto ela e seu corpo era queimado de sol. Cabelos negros e macios cobriam todo seu peito e prolongavam-se para baixo da cintura. Erin não ousou olhar mais longe. Além do mais, os ventres de ambos estavam colados um ao outro!

—Devia ter avisado que ia tomar banho de chuveiro. Gostaria de ensaboar todo o seu corpo, Erin...

—Por favor, saia ou então eu terei de sair. Eu...

Josh interrompeu-a, erguendo-a, e os seios ficaram à altura de seus lábios sensuais.

—Não... — ela gemeu, e o prazer invadiu todo seu corpo.

Se Josh ouviu seu protesto, não tomou o menor conhecimento e pôs-se a beijar os seios de Erin, demonstrando evidente prazer.

Ela apoiou as mãos em seus ombros e jogou a cabeça para trás, excitada. Josh beijou-a lentamente, até que seus lábios se encontraram.

Continuou a beijá-la enquanto saía do chuveiro. A água escorria de seus corpos molhados e ele levou-a para a cama, deitando-se por cima dela.

Excitado, ele beijava-lhe a nuca e o pescoço, e suas mãos acariciavam o corpo de Erin, dos seios até as coxas, demorando-se nessa última região, como se ele quisesse conhecê-la na intimidade.

Para Erin o tempo havia cessado de existir. No momento só conseguia pensar no corpo de Josh e na magia que seus lábios evocavam. Suas pernas haviam entrelaçado as dele, e a carne daquele homem, que palpitava contra a sua, falava mais do que as palavras.

—Você é uma amante silenciosa, Erin. Isto me agrada — ele murmurou.

Josh começou a beijar todo seu corpo, deixando um rastro de fogo por onde seus lábios passavam e arrancando dela gemidos de prazer.

—Josh! — ela murmurou, agarrando sua cabeça e impedindo-o de prosseguir. — Pare com isso, por favor! Eu não agüento mais!

— Está certo, meu amor. Somente queria lhe proporcionar prazer...

— Pare com isso!

—Só que ainda não terminei... — ele declarou com voz rouca, acariciando seus seios.

—Terminou sim, Josh. Isso precisa ter um fim.

— Não seja ridícula, Erin. Você e eu ainda temos muito o que fazer... Nós...

— Josh, Bob era apenas meu padrasto! Apenas meu padrasto! — Pronto, acabara confessando algo que muito lhe pesava!

— Seu padrasto? — repetiu Josh lentamente. Encarou-a e percebeu o quanto ela estava pálida.

— Sim...

— E depois que sua mãe morreu, você viveu com ele durante um ano?

— Sim.

Josh fechou os olhos e respirou fundo, antes de se levantar. Havia em sua fisionomia uma expressão de desprezo.

—Agora é tarde demais para você se mostrar recatada — declarou, afastando-se.

Erin não tirou os olhos dele e corou, ao notar o quanto seu corpo era magnífico. Tinha ombros largos, cintura fina, coxas musculosas e pernas compridas, cobertas por pêlos negros. Josh era tão bonito que ela quase soluçou.

—Aonde é que você vai?

—Volto para o chuveiro e desta vez tomarei um banho frio. Se tiver algum juízo, acho melhor pegar as suas roupas e sair do meu quarto, antes que eu regresse!

CAPÍTULO V

Erin devia ter batido um verdadeiro recorde, pois vestiu-se às pressas. Como não tinha se enxugado, a roupa colou-se a seu corpo.

Ainda conseguiu ouvir o barulho do chuveiro quando saiu do aposento e levou a mala para um dos outros quartos. Afinal de contas, Josh tinha-lhe dito para retirar-se de seu quarto, e não da casa.

Encará-lo novamente seria extremamente constrangedor, mas não havia outra solução. Já estava exausta de fugir das situações, e havia mergulhado naquele relacionamento com os olhos muito abertos.

Caminhou em direção à sala de estar, e de repente sentiu um cheiro forte de fumaça. Fogo! Meu Deus! A casa estava pegando fogo!

— Josh! — gritou, apavorada.

— O que você quer? — ele perguntou, ainda no chuveiro.

— Josh, a casa está pegando fogo!

Ele apareceu completamente nu diante dela, e Erin o empurrou em direção à sala.

—Como?

Josh entrou rapidamente no quarto e mal teve tempo de passar uma toalha em torno, da cintura.

—Onde?

—Naquela direção! — Erin apontou para a sala, de onde vinha a fumaça.

—Lá? — ele indagou, com infinita paciência.

—Sim! Venha ver! Josh, achei que o fato de sua casa estar pegando fogo iria deixá-lo um pouco mais interessado! Venha, rápido!

—Não, você é quem irá olhar.

Josh foi à porta que dava para a varanda e abriu-a.

—Aqui está o seu fogo.

Erin quase morreu de vergonha, ao ver a churrasqueira em pleno funcionamento. Caíam alguns pingos de chuva e o carvão aos poucos se apagava.

— Acendi a churrasqueira, para preparar a carne, mas acabou não dando certo — disse Josh, como se estivesse dando uma explicação a uma criança. — A chuva pôs um ponto final nos meus planos.

— Ah, sei... — Erin sentiu-se uma perfeita idiota. Por que não havia investigado de onde vinha a fumaça, antes de recorrer a Josh? — Desculpe... Achei que a casa estava pegando fogo.

— Você é a garota mais surpreendente que conheci até hoje... Acho que as duas próximas semanas não serão nem um pouco aborrecidas...

—Quer dizer que vai me deixar ficar?

—Claro. Talvez eu lhe passe umas cantadas, de vez em quando, mas já a havia prevenido das minhas intenções, antes de você vir para cá.

— Com efeito...

— Acha que conseguirá enfrentar a situação?

— Posso tentar.

—Quem sabe até acabará gostando, não? — perguntou Josh, passando o braço em tomo do ombro de Erin.

—Talvez... — ela declarou, corando muito.

—Pois, quanto a mim, não tenho a menor dúvida a respeito. — Josh afastou-se e deu-lhe uma leve palmada no traseiro. — Os bifés estão lá na cozinha. Vamos ao trabalho, menina!

—Sim, senhor!

Erin entregou-se à sua tarefa com muita disposição. Os bifés se encontravam na geladeira. Cozinhar certamente não era a especialidade de Josh. Legumes congelados e pacotes com batatas fritas ocupavam quase todas as repartições. Decidiu recorrer a eles por uma questão de conveniência, mas não faria daquilo um hábito.

Josh entrou na cozinha e agora usava uma camisa limpa e jeans.

—Hum, que cheirinho bom...

— Ainda bem... Estou estranhando um pouco o fogão. Josh tirou a tampa de uma panela e cheirou.

— A aparência está ótima. Ainda demora muito?

— Penso que uns cinco minutos.

— Não tem certeza?

— Não.

Josh sentou-se e começou a tomar o café que Erin lhe fizera.

—Quer conversar agora ou mais tarde?

—Conversar? — indagou Erin, empalidecendo.

—Sim, acho que é muito necessário. A situação mudou e você se dá conta disso, não?

—E por que eu não dormirei mais com você?

—Sim. Eu estava animado diante da perspectiva de você partilhar a minha cama, e agora preciso pensar no que fazer com você.

— Mesmo assim eu poderei arrumar a casa e cozinhar — disse Erin, que achava aquele diálogo extremamente constrangedor.

— Sim, mas você percebe que aqui não há serviço suficiente para o salário que irá ganhar, não é mesmo?

— Pois é... E o que quer que eu faça? Se ainda me quiser, mesmo sabendo que é o primeiro homem...

— Não. Conceda isso ao homem a quem você amar. Não tenho a menor idéia do que você poderá fazer, mas... Ei, meu bem, está saindo fumaça do forno!

Ambos precipitaram-se para o fogão, e Josh retirou do forno a bandeja que continha os bifés.

—Não faz mal... — declarou, ao constatar que estavam queimados. — Gosto de carne bem passada.

—É mesmo?

—Sem dúvida. Vamos comer. — Josh foi até à geladeira. — Quer uma cerveja? Se preferir vinho, devo ter uma garrafa no armário. Sharon gostava muito.

Sharon era a noiva morta de Dave. O que seria ela para Josh? O amor secreto?

—Prefiro água.

A carne estava tão queimada que chegava a estalar, as batatas fritas tinham muita gordura e as ervilhas estavam duras, mas Josh comeu sem reclamar.

— Amanhã as coisas irão melhorar — ele declarou, ao notar que ela não tocava na maior parte da comida.

— Espero que sim. Josh, depois que você me deixou, foi até o seu local de trabalho?

—Sim.

Erin não agüentava mais de curiosidade e arriscava-se a desagradar Josh, caso se mostrasse muito indiscreta.

—Por quê?

—Você vai ter de ficar sabendo, e acho melhor que seja agora. Venha comigo, que lhe mostrarei.

— Se acha que não deve...

— Não. Você precisa concordar com a minha sugestão.

— E essa sugestão tem algo a ver com o seu trabalho?

— Sim.

Josh lhe estendeu a mão e eles foram direção à escada, aos pés da qual se encontrava Sheba, como se estivesse disposta a proibir o acesso ao andar de cima.

—Não se importe com ela, Erin. Sheba está emburrada porque nunca a deixo subir comigo.

—Talvez ela não goste que eu suba com você...

A última coisa que Erin desejava no mundo era criar inimizade com Sheba!

—Acabará se acostumando.

O sótão era enorme e cobria toda a superfície da casa. O que viu deixou Erin muito surpreendida. Era um estúdio de pintor, com um cavalete e várias telas encostadas nas paredes. Nestas últimas não havia nada, a não ser o retrato de uma jovem, de cabelos negros e olhos castanhos e sorridentes. Sharon!

Josh caminhou até o retrato, como se fosse atraído por ele.

—É o único retrato que fiz de Sharon. Eu a pintei depois de sua morte.

Josh mal disfarçava a emoção que sentia.

—É... muito bom... — reconheceu Erin, imaginando se Dave algum dia o vira e percebera o amor com que ele tinha sido realizado.

—Concordo — disse Josh, sem a menor sombra de convencimento.

—Ela era uma modelo perfeita. Penso que você também será.

— Quer me pintar?

— Sim. Até já escolhi o título do quadro: Inocência.

—Eu... Meu Deus, você é o pintor Hawke! — murmurou Erin, examinando a assinatura ao pé do retrato. — Você é o pintor Hawke... — repetiu, admiradíssima.

—Já ouviu falar de mim?

Erin havia admirado seus quadros com fervor, desde que vira uma reprodução de uma tela de Josh, em um livro. Ele costumava pintar as montanhas do Canadá e os campos cobertos de neve, mas os quadros que ela preferia eram os retratos dos índios canadenses. Aquela gente bela e orgulhosa parecia adquirir vida, graças ao pincel de Josh.

Agora Erin percebia o porquê de sua riqueza e compreendia a reação de Martha, quando lhe perguntara se Josh era fazendeiro. Aquele homem era um gênio, e destacava-se entre os demais artistas de seu país.

—Mas por que você se hospedou naquele hotel de terceira categoria?

—perguntou, olhando-o com profunda admiração.

— Detesto ser reconhecido. E bem provável que isso aconteça em um hotel de classe. Quer você acredite ou não, sou muito conceituado neste país.

— Isso não acontece somente no Canadá, mas no mundo inteiro. Mal consigo acreditar que estou conversando com você!

— Pois ainda sou o mesmo homem com quem você acaba de jantar. E continuo sendo o mesmo homem que quer ir para a cama com você...

— Eu sei, mas é que... adoro os seus quadros! Tinha duas reproduções de quadros seus, mas tive de deixá-las na Inglaterra.

— De que quadros?

— Não acredita em mim?

— Estou apenas perguntando, Erin.

— Pôr-do-sol e Paisagem índia.

— São dois dos meus quadros favoritos. Pois agora você poderá ter um original.

— Então quer mesmo me pintar?

— Sim.

— Meu Deus! Quanta honra! Nem sei o que dizer...

— Mas você ainda não sabe como quero pintá-la, Erin.

— Eu... e como será?

— Quero fazer um nu.

— Um nu? — ela repetiu, muito surpreendida.

— Sim.

— Mas sem as roupas?

— Sim, é isso o que um nu costuma significar. Você há de concordar comigo que uma passagem de avião custa um bom preço.

— Julguei que a maior parte dos seus modelos estaria disposta a pagá-lo.

— Acontece que eu não quero a maior parte das mulheres, mas apenas você, Erin.
Ele estava falando a sério. Joshua Hawke queria pintá-la nua! Jamais poderia prestar-se a semelhante coisa. Aquela idéia era simplesmente impensável.

— Não tocarei em você. Quando pinto fico completamente entregue ao meu trabalho.

Erin não conseguia acreditar que o homem que demonstrara tamanha paixão ainda há pouco pudesse alterar tão rapidamente suas emoções.

— Não sei o que poderá acontecer quando pintar um nu. E a primeira vez que o faço, mas se eu a tocar, não poderei mais chamar o quadro de Inocência, não é mesmo?

— Não...

— Pois então estamos combinados?

— Não sei se vou conseguir... Creio que nua, jamais...

— Posso pintar de memória...

— Josh...

— Não, creio que não. Tenho certeza que o seu corpo não é tão bonito quanto o imagino... Neste exato momento em que lhe falo, tenho cada visão... Quero retratar a realidade, e não aquilo que ocupa a minha imaginação. Como é? Você consente?

— Eu... E se não concordar?

— Nunca espero respostas negativas.

— Foi por isso que disse a Dave para esperar o meu telefonema?

— Preferia que ele não soubesse quem você é?

— Não, mas...

— Erin, vamos esclarecer tudo de uma vez por todas. Você está aqui e eu quero pintá-la. Será a primeira vez que o faço.

— Sei que deveria sentir-me lisonjeada, mas...

— Mas não tem certeza se conseguirá. Bem, pense no assunto e dê uma resposta amanhã.

— Amanhã?

— Claro! Dispomos de apenas duas semanas, Erin. Se eu quiser terminar o quadro a tempo de expô-lo em Londres, teremos de começar amanhã.

— Então vai fazer uma exposição? É por isso que viaja para a Inglaterra?

— Sim. Posso ter unia resposta agora ou devo esperar até amanhã?

— Posso... manifestar-me amanhã?

— Creio que sim. Bem, nós nos veremos mais tarde.

— Aonde é que você vai?

— Levar Sheba para dar uma volta. Quer vir conosco?

— Não, prefiro ficar aqui e limpar a cozinha.

— Está muito bem.

Assim que se viu sozinha, Erin pensou na proposta de Josh. Posar nua! Seria capaz de fazer semelhante coisa? E valeria mais a pena fazer aquilo do que partilhar a cama de Josh?

Ainda ficava chocada ao pensar que ele era o famoso pintor Hawke. Ainda não tinha feito a relação entre aquele homem atraente e o pintor de fama mundial. Durante os últimos dez anos ele tinha sido reconhecido como um verdadeiro gênio, o que significava que tinha apenas vinte e quatro anos de idade quando a fama lhe sorriu. Parecia ter encarado a situação muito bem, de modo muito maduro, e conseguiu fazer com que sua vida particular fosse perfeitamente normal.

E quanto a ela, seria realmente madura? Josh era um artista e ela não passaria de uma modelo. Seria realmente assim? Ele parecia estar convencido de que sim, mas as recordações de seu apaixonado encontro não saíam da mente de Erin.

Sentou-se na sala de estar e ouviu os latidos de Sheba ao longe. Ligou a televisão e tentou concentrar-se em um velho filme.

O programa não conseguiu prender sua atenção e ela andou inquieta pela sala. De repente ouviu um barulho estranho, que vinha de fora. Sentiu-se intrigada e, ao mesmo tempo, tensa.

Afinal de contas, onde estaria Josh? Aquele passeio já estava demorando demais. Não era possível que Josh a tivesse deixado sozinha em uma noite como aquela. Quem sabe o que haveria naquela escuridão? Um urso, um lobo ou até mesmo... A porta da frente se abriu e ela foi correndo ao encontro de Josh.

Erin jogou-se em seus braços, sem se importar com sua reação de surpresa.

— Graças a Deus que você voltou!

— O que é isso? Que está acontecendo com você, Erin?

— E que eu... Você estava demorando tanto...

— Não fiquei fora mais do que quinze minutos.

Erin, encabulada, baixou os olhos, sem saber muito bem o que dizer.

— Pois me pareceu muito mais tempo... Onde está Sheba?

— Não costuma dormir dentro de casa. Afinal de contas, é um cão de guarda.

— Ah, sei. E ela guarda contra quê?

— Em torno da fazenda há muitas florestas, e de vez em quando alguns animais selvagens aparecem por aqui.

— Refere-se a ursos, lobos e coisas do gênero? — perguntou Erin, sem conseguir disfarçar o pavor que sentia.

— Não — ele disse, rindo. — Aqui não aparecem ursos ou lobos, mas coiotes e...

— Coiotes? Os coiotes chegam até aqui?

— Sim... Lá em Londres não tem disso, não é?

— Não! Ouvi um barulho estranho. Seriam eles?

— Provavelmente.

— Meu Deus do céu!

— Não precisa se assustar. Os coiotes não perturbam ninguém.

— Tem certeza?

— Absoluta. Agora vá dormir. Não quero que a minha modelo tenha a aparência cansada.

— Acha então que eu servirei?

— Você acha que não?

— Sim... Não tenho muita escolha, não é mesmo?

— Todo mundo tem a possibilidade de escolher, Erin. Agora vá para a cama e não esqueça de que vamos dar um passeio a cavalo logo cedo.

— E mesmo?

— Claro. Já esqueceu?

— Não, claro que não. Vai ser muito divertido — mentiu Erin. Que coisa absurda, andar a cavalo logo de manhã!

— Também acho. Saímos por volta das sete, está bem?

— Ótimo — ela concordou, retirando-se rapidamente.

Meu Deus! Não somente posaria nua no dia seguinte, como primeiro daria um passeio a cavalo!

Erin não dormiu bem, e tinha a impressão que mal acabara de deitar quando Josh bateu na sua porta, na manhã seguinte.

— Seis e meia, Erin. Está na hora de levantar!

— Está bem — ela resmungou, aninhando-se por debaixo das cobertas e louca de vontade de dormir.

— Erin, tome jeito, levante-se! — insistiu Josh, como se tivesse adivinhado sua intenção.

— Já vou indo!

— Enquanto isso, farei café. Desse jeito você acorda de vez. — Josh afastou-se assoviando.

Erin ficou um bocado irritada. Ninguém tinha o direito de se mostrar tão animado logo cedo! Por outro lado, sentiu um alívio profundo. Pelo menos não teria de limpar quarenta quartos aquela manhã, e nem precisaria repelir os ataques de Mike Johnston. No entanto, teria de posar nua para Josh e havia concordado em dar uma volta a cavalo. Aquele primeiro fato a tinha deixado desperta durante a maior parte da noite, mas agora era o segundo que ocupava seus pensamentos.

Josh voltou a bater na porta cinco minutos mais tarde, quando ela acabava de se vestir.

— O café está servido na cozinha. Enquanto isso vou selar os cavalos.

— Ótimo. Daqui a pouco eu desço.

— Não precisa se apressar. — Josh recomeçou a assoviar.

Erin estava morta de preocupação. E se o cavalo se assustasse? E se ele se empinasse e a jogasse longe? Talvez devesse comunicar a Josh que jamais havia montado. Só de pensar em sentar na garupa de um cavalo sentia-se aterrorizada. Ele provavelmente cavalgava desde criança, e com toda certeza não entenderia seus temores.

Erin estava na cozinha tomando café quando ele entrou. Josh, muito observador, não deixou de notar os tênis que ela usava.

—Pronta?

Erin encarou-o. Agora era o momento de contar, antes que fosse tarde demais. No entanto, algo nela a impelia em outra direção e ela levantou-se.

- Sim, estou pronta.

- Os cavalos estão impacientes!

—Muito bem — disse Erin, aparentando a maior calma.

Josh montou com toda facilidade o garanhão negro e parecia nunca ter feito outra coisa na vida. Erin olhou receosa o cavalo baio que lhe fora destinado, sem saber muito bem o que fazer.

— Como é o nome dele?

— Corisco.

Erin não sabia sequer como subir na sela. Josh fizera aquilo com a maior facilidade, mas ela tinha a impressão de que a sela era alta demais.

—Quer que eu a ajude?

Erin engoliu em seco e sentiu que sua frente estava molhada de suor.

—Eu... Talvez seja melhor.

Josh apeou e ela não pôde deixar de admirar a familiaridade com que ele manejava os animais.

Josh levou apenas alguns segundos para colocá-la sobre a sela, e Erin teve a sensação de que o chão estava muito longe.

—Que tal os estribos? — perguntou Josh, entregando-lhe a rédea.

—Como assim? — Ela morria de medo de se mexer e tinha a sensação de que iria despencar do cavalo.

—O comprimento está bom? — ele indagou com paciência.

—Oh, sim... — disse Erin, sem ter a menor idéia se os estribos estavam ou não em ordem. Seus pés apoiavam-se neles, e isso bastava...

—Muito bem. — Josh voltou a montar. — Siga-me. Tome cuidado, pois Corisco é um animal muito sensível.

Josh fez com que seu cavalo trocasse, segurando as rédeas com firmeza, pois o animal mostrava-se impaciente por ter de seguir marcha tão lenta. Quanto a Erin, não conseguia fazer com que Corisco se pusesse a caminho e ele, todo feliz, pastava deliciando a grama verde.

—Os cavalos comerão quando voltarmos — disse Josh.

Erin, sem saber muito bem o que fazer, puxou as rédeas e o cavalo levantou a cabeça. E agora, o que faria? Viu Josh esporear muito de leve seu cavalo e fez o mesmo com Corisco. Fantástico! Deu certo! O animal movimentou-se e logo alcançou Josh.

Aquilo até que não era de todo mau, pensou Erin. O cavalo parecia ser bastante dócil, e trotar até que era agradável. Sim, talvez acabasse gostando.

Entraram em uma trilha que cortava a floresta, por detrás da casa. A paz e o silêncio reinantes deixaram Erin ainda mais relaxada. Corisco limitava-se a seguir o cavalo de Josh.

— Se tivermos sorte poderemos ver alguns veados — murmurou Josh.

— E mesmo? .

Erin não conseguiu disfarçar o quanto estava excitada.

—Sim... É melhor do que os coiotes, não acha?

Erin não disse nada e subitamente a tensão voltou, pois Corisco tropeçou em uma grande pedra, no meio do caminho. Tinha certeza de que ficou muito pálida, pois pareceu-lhe que o animal ia cair, o que não aconteceu. No entanto, o medo estava de volta, mais forte do que antes, e ela ficou muito rígida na sela.

— Iremos muito longe?

— Uns quatro quilômetros.

Quatro quilômetros! A sela já começava a lhe machucar a parte interna das coxas. Duvidava que, após aquela cavalgada, conseguisse andar!

Quando saíram do outro lado da floresta, Josh apertou a marcha. Erin sentiu-se apavorada quando Corisco decidiu emparelhar com o cavalo de Josh e começou a galopar, aumentando seu desconforto.

Nunca havia experimentado uma sensação tão esquisita, e tinha a impressão de que seu corpo iria desmembrar-se. Josh acompanhava perfeitamente a marcha do cavalo, mas ela

chacoalhava tanto que tinha a impressão de que iria perder todos os dentes. Estava convicta de que acabaria caindo. Os pés apoiavam-se com firmeza nos estribos, mas os joelhos tremiam tanto que ela sentia dificuldade em manter-se na sela.

Finalmente acabaram de atravessar a clareira e Josh diminuiu a marcha do cavalo, pois voltavam a entrar na floresta. Erin sentiu imenso alívio, e tinha a impressão de que estava sendo embalada, graças ao passo lento de Corisco.

—Não acha a natureza belíssima a esta hora da manhã? — perguntou Josh, que agora caminhava a seu lado.

— Com efeito... — disse Erin. Estava tão concentrada em não cair que sequer ousou encará-lo.

— Você parece não ter muita certeza. Quer voltar'?

— Não, de modo algum. Estou gostando demais!

— E mesmo? Já deve fazer algum tempo que você não anda a cavalo.

— De fato, mas está tudo bem comigo.

— Está certo. Avise quando achar que basta.

Erin forçou um sorriso, decidida a não interromper o passeio. Passou-se uma hora antes que Josh dissesse finalmente que deveriam regressar. "Ainda bem!" — pensou Erin. Seu corpo todo doía e tinha a sensação de que os joelhos estavam adormecidos.

A volta lhe pareceu bem mais curta, se bem que cada passo do cavalo fosse uma verdadeira provação para Erin. Tinha a impressão de que a parte interna de suas coxas estava esfolada, devido à aspereza da sela.

Josh apeou com toda facilidade, assim que se aproximaram do estábulo, e aproximou-se rapidamente de Erin, enquanto ela tentava fazer o mesmo. Assim que seus pés tocaram o chão, os joelhos se dobraram.

—Ânimo! — disse Josh, segurando-a e impedindo-a de cair. - Como é que está se sentindo?

—Bem... — Erin esforçou-se para permanecer de pé, e ficou muito surpreendida ao notar que conseguia.

—Tem certeza?

—Já lhe disse que estou bem! Desculpe... Acho que estava muito destreinada.

— Imagino — disse Josh, com ar divertido.

— Josh... — Erin começava a desconfiar de algo.

—Sim? — Josh parecia estranhamente inocente, o que era uma contradição, pois aquele homem era incrivelmente atraente e sensual.

Subitamente Erin enfureceu-se e esqueceu toda e qualquer sensação de desconforto, enquanto o encarava com olhar acusador.

—Você sabia! Que droga, você sabia!

—Sabia o que, Erin? — ele indagou, ainda aparentando inocência, mas encarando-a com ar zombeteiro.

—Seu sujo! Mentiroso! Desleal!

Josh interrompeu aquela explosão de agressividade, colando seus lábios aos dela. Erin estava zangada demais para corresponder e deu murros em seu peito.

—Ei... Eu estava apenas brincando... — ele disse, afastando-a.

—Pois saiba que não achei a menor graça! Fiquei quase aleijada e você ainda tem a coragem de dizer que estava brincando! Pare de rir! Eu podia ter caído do cavalo! Podia ter me machucado e você ainda confessa que estava brincando!

—Você não corria o menor perigo.

—Não corria perigo? Fiquei apavorada, e ainda assim você diz que eu não corria perigo!

—Erin! — disse Josh, segurando seu braço.

—Tire as mãos de mim! Acho que você é o homem mais desprezível que tive a infelicidade de conhecer. E muito pior do que Mike Johnston! — Erin deu-lhe as costas e caminhou em direção à casa.

Josh não fez o menor esforço para segui-la. Ela provavelmente o teria esbofeteado, se ele lhe dissesse mais uma palavra.

Ele havia agido de propósito, fazendo-a passar pela tortura de ficar sentada durante quase duas horas naquele cavalo, quando sabia muito bem que ela jamais havia montado. Poderia ter morrido! Refletindo melhor, Erin chegou à conclusão de que exagerava. Corisco era um cavalo extremamente dócil.

Mesmo assim, todo seu corpo doía e a culpa era de Josh!

Erin jogou-se na cama e logo após Josh bateu na sua porta.

—O que você quer? — ela perguntou, irritada, e sentou-se na cama, decidida a não demonstrar nenhum indício de fraqueza diante de Josh.

—Quero começar a trabalhar — ele respondeu, abrindo a porta.

—Pois então vai ter de esperar. Estou com cheiro de cavalo e quero tomar um banho.

— Mas que seja rápido. Quero começar o quadro agora de manhã.

— Ainda não dei uma resposta definitiva.

—Mas dará. Estarei à sua espera no estúdio. — Josh retirou-se e fechou a porta com energia.

Aquele homem era insuportável! Tinha tanta certeza de si mesmo! E por que estava tão zangado? Afinal de contas, ela é que tinha sido ridicularizada. No entanto, a irritação de Josh deixou-a na defensiva e ela tomou a decisão de enfrentá-lo.

Erin não imaginava que os cavalos pudessem ter um cheiro tão forte, e embora aquilo não lhe desagradasse inteiramente, não chegava a animá-la... Joshua Hawke que fosse para o inferno! Ficaria no banheiro o tempo que fosse necessário.

A água mostrou-se deliciosamente refrescante e havia adquirido uma coloração azulada, devido aos sais que Erin havia jogado na banheira. Tinham cheiro de flor, e não deviam pertencer a Josh. De repente, o nome de Sharon lhe veio à mente.

Qual teria sido a intimidade de Josh com aquela criatura? E por que ela se havia suicidado? Ninguém lhe dera a menor explicação. Quem sabe o amor que ela sentia pelos dois rapazes fora superior às suas forças...

Dave e Josh eram muito atraentes, cada um à sua maneira, se bem que, para ela, Erin, Josh vinha em primeiro lugar. Será que Sharon havia pensado exatamente a mesma coisa, receando fazer tal confissão a Dave apenas um mês antes do casamento?

Sharon tivera sorte. Não somente amava dois homens, mas seu amor era retribuído por eles. Com certeza a situação poderia ter sido resolvida sem que ela tivesse necessidade de recorrer a uma atitude tão drástica e inútil.

A porta do banheiro foi aberta subitamente, com certa violência, e Josh surgiu diante dela, com ar ameaçador.

—Eu lhe recomendei que tomasse um banho rápido.

Erin, constrangida, cobriu os seios com as mãos. Josh não parecia impressionado com sua nudez e a encarava com frieza.

—Saia já daqui! — ela ordenou, indignada.

—Só saio quando quiser. Quando eu lhe disser que quero trabalhar, saiba que não admito que me façam esperar.

—Já lhe disse que estava tomando banho. Você...

—E eu lhe disse que não havia tempo para isso. — Josh segurou-lhe o queixo e obrigou-a a encará-lo. — Saia imediatamente deste banheiro e vá para o meu estúdio. Entendeu?

—Entendi, sim... — ela disse, muito nervosa, pois ele não disfarçava o quanto estava indignado.

— Se não estiver no estúdio dentro de cinco minutos, virei buscá-la.

— Irei sem falta...

— Não duvido — ele resmungou, antes de se retirar.

CAPÍTULO VI

Pela primeira vez desde vários dias, Erin sentiu-se realmente com fome; mas sabia que não tinha tempo de comer sequer uma torrada, pois Josh demonstrara profunda irritação e ela sabia muito bem que não poderia mais contrariá-lo.

Enxugou-se rapidamente e vestiu uma camiseta azul e short da mesma cor. O sol já brilhava alto no firmamento e o estúdio certamente deveria estar muito quente, pois o teto era basicamente formado por clarabóias, que forneciam ao ambiente luz quase natural.

Assim que ela entrou no estúdio, notou que Josh havia colocado uma tela em branco no cavalete. A alguns metros de distância encontrava-se um sofá, com uma peça de veludo azul jogada por cima.

Erin ficou parada na porta, nervosa, à espera de que ele a notasse, mas Josh parecia estar concentrado em algo.

Subitamente ele voltou-se e a encarou de modo bastante impessoal.

— Estou pronto. Podemos começar — anunciou.

— Onde... é que eu posso me despir?

— Não importa. Em qualquer lugar.

— Eu... Você acaso tem um biombo?

— Não. Nunca precisei. Lembre-se de que é a primeira vez que pinto um nu...

— Sei... Bem, vou me despir aqui, ouviu? — Erin foi para detrás de uma cadeira, dando as costas para Josh.

—Pode tirar a roupa em qualquer lugar. Quero apenas que se apresse.

—Não precisa ser grosseiro — disse Erin, tirando o short e ficando de calcinha. — Talvez seja seu primeiro nu, mas para mim é também a primeira vez que poso nua — comentou, enquanto tirava a camiseta.

—Vamos logo. Erin.

Ela hesitou, não querendo tirar o resto da roupa.

— Posso ficar de calcinha e sutiã? — pediu.

— Tire tudo de uma vez, Erin. Rápido, antes que eu vá até aí e tire por você.

— Está bem, mas saiba que o odeio.

— E o que tenho a ver com isso?

Josh puxou uma cadeira e colocou-a diante do cavalete, sentando-se.

Erin tirou a última peça de roupa e colocou-a sobre a cadeira, certa de que corava violentamente naquele momento. Nunca tinha se sentido tão nua em toda a vida!

—Vá para o sofá, Erin. Hoje apenas decidirei quais serão as suas poses e farei alguns desenhos. Amanhã começaremos o quadro.

Posar revelou-se a experiência mais humilhante por que Erin havia passado em toda sua vida. Josh a colocava em todas as posições imagináveis, tocando todas as partes de seu corpo, como se ela não passasse de argila inanimada.

Talvez fosse exatamente o que ele pensava! No entanto, jamais havia sido tocada daquele jeito, nem mesmo quando ele a beijara. Além do mais, o modo como ele a criticava era intolerável.

— Não derrube os ombros desse jeito — ordenava. — Dobre as pernas, Erin, assim elas parecerão mais esguias. Não incline a cabeça, pois assim você fica com queixo duplo.

— Existe por acaso algo no meu corpo que lhe agrada? — ela indagou finalmente, muito irritada.

— Você tem uma pele bonita, belos seios, um corpo bem proporcionado. Não se mova! Passei meia hora tentando colocá-la na posição correta!

Erin tinha a impressão de que estava lá há um século. Sua nudez parecia não significar absolutamente nada para Josh e, decorrido um certo tempo, também passou a não tomar conhecimento dela. No entanto, não lhe agradava nem um pouco ser considerada um objeto! Era uma pessoa e não toleraria nem mais por um minuto o comportamento ultrajante de Josh. Até mesmo a pose que ele acabara finalmente por escolher era degradante. Ordenara que ela se ajoelhasse sobre o sofá e estendesse os braços, como se desejasse que alguém a amasse. Talvez o quadro recebesse o título de Inocência, mas a pose parecia indicar que ela não continuaria a permanecer nesse estado por muito mais tempo...

Erin levantou-se e foi até a cadeira, começando a se vestir.

—O que você está fazendo?

—Adivinhe! — ela retrucou, sentindo que suas roupas lhe devolviam a confiança.

— Mas eu ainda preciso fazer alguns desenhos...

— Para mim chega!

— Como assim?

— Já estou cansada disto, cansada de você, cansada de...

— De se rebaixar?

— Eu... A que está se referindo?

— Estou falando de você, Erin, de como concordou em partir na companhia de um homem que lhe era totalmente estranho. Não sabia sequer para onde ia e concordou igualmente em ter uma relação sexual com esse homem, a quem nunca tinha visto. — Josh caminhou até ela e, segurando-a pelos ombros, sacudiu-a, irado. — É exatamente disso que estou falando, Erin!

Refiro-me à falta de respeito que você parece ter por você mesma e pelo seu corpo. Tem por acaso idéia do tipo de problemas que poderia ter criado para si mesma?

— Você me pareceu uma boa pessoa...

— Poderia ser um louco, um maníaco sexual... Boa pessoa! Lembre-se de que eu lhe disse que partilharia a minha cama, que eu tinha a intenção de fazer amor com você...

— Mas isso não aconteceu...

— Pois é!

— O fato de posar nua para você foi mais uma piada, Josh? Como o pequeno incidente de hoje de manhã? Hein, Josh?

— Claro que não! Não se tratou absolutamente de uma piada. Queria apenas que você colocasse a cabeça no lugar. Se não tivesse me prevenido, eu teria feito amor com você. Dá-se conta disso?

— Sim, mas você não fez.

— Não, pois achei que um de nós dois tinha de respeitá-la.

— Seu... seu ordinário!

Erin levantou a mão e deu um sonoro bofetão em Josh.

Não estava preparada para a sua reação, e ele revidou o golpe. Erin quase caiu, tamanha a força com que Josh a esbofeteou.

—Eu te odeio! — ela declarou, antes de sair correndo do estúdio e, sem se importar com Sheba, enquanto passava pela cadela, foi até o quarto e se trancou.

Nunca, em toda sua vida ninguém batera nela, nem mesmo sua mãe. Josh, entretanto, agira impulsivamente, magoando-a por ter ousado semelhante gesto, e também pela força que usou.

De repente Erin deu um salto, nervosa, pois a maçaneta da porta girou.

—Erin! Erin! Abra a porta! — pediu Josh com suavidade.

Erin não deu a menor resposta. Não pretendia falar com ele nunca mais; iria embora daquele lugar e esperava não pôr mais os olhos nele.

—Erin! — ele repetiu, cheio de paciência. — Deixe-me entrar, meu bem.

Erin enfureceu-se ainda mais com aquela demonstração de ternura, e estava para dar uma resposta atravessada, mas conseguiu se controlar. Não lhe daria a satisfação de lhe dirigir a palavra.

—Adianta alguma coisa dizer que sinto muito? Olhe, vou fazer o almoço. Quer comer?

Erin estava morrendo de fome, mesmo assim não capitularia. Ainda bem que não tinha tirado suas coisas da mala e, assim, teria menos trabalho.

—Que tal uns ovos com bacon?

A boca de Erin encheu-se de água, só de pensar naquilo, mas continuou firme em seu propósito.

—Não quer mesmo? Bem, vou deixar Sheba diante de sua porta, caso você queira companhia.

Que droga! Não haveria nada que aquele homem não soubesse a respeito dela? Adivinhara que ela pretendia ir embora e decidiu deixar Sheba do lado de fora, para impedi-la de partir. Será que não percebia que não tinham mais nada a se dizer?

Pelo visto Josh não pensava assim, e Erin ouviu seu assovio na cozinha. O cheiro do bacon frito logo invadiu toda a casa e revelou-se uma verdadeira tortura. Seu estômago começou a roncar, em sinal de protesto. O passeio a cavalo a havia deixado com grande apetite.

—Oh, cale-se! — exclamou, zangada, enquanto o estômago continuava a roncar.

Subitamente, Erin ouviu passos que se aproximavam.

—Você disse alguma coisa? — indagou Josh.

—Oh, vá embora! — Erin estava tão esfomeada que esqueceu o voto de silêncio que havia feito. — Deixe-me em paz!

— Achei que você tivesse dito algo...

— Não disse coisa alguma!

— Está bem. — Josh voltou para a cozinha.

Erin foi até a janela, mas logo desistiu de sair por lá. Somente as duas pequenas janelas de cima se abriam e havia uma tela, a fim de evitar os insetos.

Quem sabe se lesse um livro se distrairia e não pensaria tanto na comida? Tirou da bolsa um romance policial, que havia comprado no aeroporto, mas que ainda não tivera tempo de ler. Era

extremamente interessante, e durante quase uma hora esqueceu-se da fome. No entanto, o crime ocorreu durante o jantar e os personagens conversavam o tempo todo sobre o que haviam comido.

Erin deixou o livro de lado, aborrecida. Aquilo não servia de modo algum! E se cochilasse um pouco? Sentia-se sonolenta, e assim decorreriam mais alguns momentos, até ela achar que era seguro sair do quarto sem esbarrar em Josh. Duvidava que ele aprovasse sua decisão de ir embora, ainda mais que não disfarçava o desprezo que sentia por seu comportamento.

Erin tinha de admitir que ela também estava profundamente insatisfeita consigo mesma. As cruéis palavras de Josh levaram-na a perceber o quanto fora tola. Ele tinha toda razão, ao acusá-la de falta de respeito por si mesma. Ainda há pouco ela criticara Sharon por sua falta de coragem, mas durante o tempo todo agira como uma covarde. Claro que não tinha ido tão longe a ponto de se matar, mas havia liquidado o respeito que sentia por si mesma e desistira.

Josh sabia perfeitamente como ela se sentia. O método que empregara, a fim de trazê-la de volta à realidade, talvez fosse cruel, mas havia funcionado. Nunca mais ela se comportaria de modo tão tolo.

Finalmente dormiu, e o fato de ter repousado tão pouco na noite anterior contribuiu para que seu sono fosse profundo. Quando despertou, sentiu que não estava mais sozinha. O cheiro de café confirmou sua sensação e, quando abriu os olhos, percebeu que Josh estava sentado na cama.

— Olá, meu bem! — disse ele, com suavidade.

— O que você está fazendo aqui?

Erin sentou-se na cama, indignada, e arrependeu-se, pois aquele gesto impulsivo trouxe-a para perto dele.

— Como conseguiu entrar?

— Enfiei um grampo na fechadura. É muito fácil. Basta um pouquinho de jeito.

— E, pelo visto, jeito é o que não lhe falta... Há quanto tempo está sentado aqui?

— Não faz muito tempo. Tome esta xícara. É uma oferta de paz — ele disse, sorrindo.

— E café? — Erin sentiu que sua tensão começava a diminuir.

— A menos que prefira cerveja ou vinho...

— Não, obrigada!

— É o que pensei.

— Tem açúcar?

— Claro!

— Então aceito.

Josh levantou-se e foi até a janela.

— Acho que vai cair um temporal.

— Um temporal? — Erin seguiu-o e olhou o céu muito azul. — Acho que não.

— Quer apostar?

Josh se exprimia com muita certeza e dificilmente se enganaria.

— Não. Acredito em você.

— Já me perdoou?

Erin deu-lhe as costas e voltou para a cama.

— Não há o que perdoar. Quando dei um tapa em você, estava apenas me vingando.

— Não estava falando do tapa. Certamente mereci, e quanto a você, bem... talvez não tenha merecido, mas achei que você fosse perder a cabeça, quando percebi o que tinha acabado de fazer.

— É uma desculpa clássica!

— Você acha que mereceu o tapa?

— Sem a menor dúvida.

— Erin, você está zombando de mim. Nunca bati numa mulher, mas você me deixou indignado. Achei que fosse ficar emburrada durante vários dias.

— Não é do meu feitio. Além do mais, não pretendo ficar aqui durante vários dias.

— Só duas semanas...

— Não. Quero que saiba que partirei imediatamente, ainda hoje. Pretendia ir embora sem lhe dizer nada, mas...

— Isso também não é do seu feitio. Não precisa ir embora, Erin. Já lhe disse que não quero lhe impor uma relação sexual.

— Ainda bem, mas esta não é a razão pela qual estou indo embora. Tudo o que você disse a meu respeito, hoje de manhã, é verdade. Decidi que, se para voltar para casa eu tinha de

vender o meu corpo, então me disporia a pagar este preço. Sei muito bem que era uma coisa muito degradante.

— Erin...

— Por favor, deixe-me acabar. Concordei com a sua proposta...

— Só a fiz porque achei que você já tinha tido experiências...

—E só aceitei porque me senti desesperada. Estava sozinha, perdida, e você me ofereceu a sua amizade, ainda que por determinado preço. E eu... precisava dela...

—Eu sei, Erin.

Josh tomou-a nos braços e acariciou-lhe os cabelos.

—Você precisava muito que alguém se dedicasse à sua pessoa. Eu sabia e mesmo assim a magoei.

—Não...

—Sim, eu a magoei, mesmo que essa não fosse a minha intenção. A partir do momento em que a vi, senti que precisava de alguém que cuidasse de você. Estava disposto a isso. Teria dormido com você e lhe dado todo o amor e atenção de que necessitava. Ontem... bem, ontem você me inflamou e de repente jogou água fria em mim... Parecia que tudo ia acontecer com tamanha naturalidade, tamanha beleza... E então você revelou que Bob era seu padrasto. Sabia que você estava querendo dizer muito mais do que isso, e tentava me fazer saber que não houve ninguém na sua vida. Fiquei indignado, não devido à frustração que estava sentindo, mas diante do modo pelo qual você se barateava. Você perguntou se o fato de fazê-la posar era uma lição semelhante àquela desta manhã. De certa maneira era sim. Você não gostou do que eu lhe fiz, detestou quando a toquei...

—Então você sabia disto!

— Claro que sim. Esse fato me demonstrou que você ainda se respeitava. Quando se levantou e se vestiu, tive vontade de beijá-la!

— Ainda bem que não me beijou, pois provavelmente o teria esbofeteado outras vezes, e com mais força.

— Mas agora tudo isso foi superado, não é mesmo?

— Acho que sim...

—Não há nenhuma razão para você partir. Podemos começar tudo de novo, como amigos. Que lhe parece?

Erin sabia que, uma vez que Josh lhe desse sua amizade, ele jamais a retiraria; mesmo assim, duvidava que aquilo desse certo.

—Acho que não...

—Nunca mais baterei em você, Erin. Acho que isso só aconteceu porque ambos estávamos muito frustrados. Você ainda é uma criança, e provavelmente não percebe que não se pode ir tão longe em um relacionamento amoroso sem que haja um acúmulo de tensão sexual. Ao batermos um no outro, acredito que eliminamos essa tensão.

—Fazer amor é tão mau assim? — indagou Erin com um sorriso.

—Não. Quando acontece entre pessoas certas, pode ser algo muito belo. Creio que a noite passada não era o momento apropriado para nós.

Erin não apreciou a insinuação de que poderia haver um momento "apropriado" para eles. Será que as coisas teriam dado certo entre ele e Sharon? Acreditava que sim, a julgar pelo modo como Josh se referia a ela.

—Mas ainda não tenho certeza...

—Claro que tem! Não quero ouvi-la falar em partir. Além do mais, o que eu faria com duas passagens para Londres?

—E verdade...

—Muito bem. Então está tudo resolvido. E o que me diz do almoço que recusou ainda há pouco?

— Sinto fome, é verdade, mas...

— Pois então saiba que os ovos e o bacon já vêm vindo!

— Josh.

A firmeza com que ela se exprimia fez com que ele parasse à porta.

—Sim?

—Não posarei para o quadro, mesmo que ele receba o nome de Inocência.

—De acordo.

Erin ficou intrigada ao ver que ele aceitava tão facilmente. Talvez quisesse humilhá-la, no princípio da manhã, mas agora estava falando a sério a respeito do quadro.

—Josh... você está planejando alguma coisa. Do que se trata?

—De nada... absolutamente nada... só que tenho uma ótima memória e lembro de todos os detalhes... — Josh sorriu, antes de sair do quarto, e começou a assoviar.

Erin foi correndo até a porta e arrependeu-se, pois suas pernas e coxas, tão doloridas, protestaram instantaneamente.

— Josh!

— Sim? — Ele voltou-se, com um brilho malicioso no olhar.

—Oh, nada... só que não é leal de sua parte. Você lembra realmente de tudo?

— De tudo, sim, e era tecnicolor...

— Oh...

— Ajuda muito na minha profissão.

— Imagino que sim.

— Seu almoço está saindo!

— Não acha que eu deveria cuidar disso?

Erin não apreciava nem um pouco imaginar que Josh conseguiria recordar sua nudez com todos os detalhes, sempre que ele quisesse. Ela, por sua vez, não havia esquecido a perfeição do corpo dele, seus ombros largos, a cintura fina, as coxas musculosas, as pernas compridas e atléticas...

—Cuidar do seu almoço fez parte da minha oferta de paz — acrescentou Josh.

— Está bem. Apenas quero mudar de roupa.

— Você está bem assim.

— Não me sinto bem.

— Pois fique à vontade.

Erin sentia que o relacionamento deles se havia modificado. Antes a atitude de Josh era ligeiramente possessiva e, até mesmo ditatorial. Agora ele a tratava em pé de igualdade, como alguém cujas opiniões e pensamentos eram importantes de se ouvir. Era uma ótima sensação.

Com toda a fome que sentia, Erin não conseguiu comer tudo.

—Estava uma delícia! — declarou, a fim de tranquilizar Josh.

—E a sua primeira refeição hoje. Deveria ter se alimentado um pouco melhor.

—Mas já lhe disse que...

—Que não costuma comer muito. Não gosto nem um pouco disso, Erin.

— Não posso fazer nada...

— Eu sei, e isso me deixa ainda mais preocupado.

— Você não estava falando a sério, quando se referiu à tal de anorexia nervosa?

— Estava sim. Se você não começar a comer normalmente no fim destas duas semanas, vou levá-la ao médico.

— Eu...

— Não adianta teimar, Erin. Você irá, quer queira quer não.

Erin percebeu que ele estava decidido a agir conforme dizia. Sentiu-se grata por sua preocupação, que era sincera. No entanto, estava tão acostumada a comer refeições ligeiras que levaria algum tempo até recuperar o apetite.

—Mas eu estou bem, Josh...

— Ainda não está. Não é tarde demais para você. E magra, mas não se parece com... — Josh interrompeu a frase e deu-lhe as costas. — Vamos lá fora. Ajude-me a cuidar do jardim.

— Com quem não me pareço, Josh? — perguntou Erin, sentindo nele uma grande mágoa.

— Conheci alguém que teve essa doença. A anorexia nervosa é uma enfermidade como qualquer outra, e pode matar!

— Josh!

— Vamos para o jardim.

Erin seguiu-o e Sheba os acompanhou. A dor e a irritação de Josh eram tão profundas e sentidas que ela teve certeza de que Sharon tinha sido vítima de anorexia nervosa. Não podia haver outra explicação. Ela, sem a menor dúvida, havia se suicidado devido à doença.

—Josh! — Erin seguiu-o até a garagem, onde se encontrava uma cortadeira de grama.

—Josh, como você é preguiçoso!

— Você também seria, quando percebesse que para ceifar toda essa grama levaria pelo menos uma semana. Da última vez que tentei, quase quebrei a espinha.

— Josh... — disse Erin, pondo a mão em seu braço — fale-me sobre Sharon.

— Sharon? — Ele parecia ter ficado muito surpreso.

— Fale-me a respeito dela, por favor. .

—Você, pelo visto, está querendo tratamento de choque, não é mesmo?

Erin não disse nada e simplesmente ouviu-o falar a respeito da mulher que ele tinha amado um dia.

—Ela tinha vinte e três anos, Erin! Apenas vinte e três... Era linda, cheia de vida. Mesmo quando era menina...

—Menina?

—Era uma criança linda. Todos a amavam. E minha mãe sentia tanto orgulho dela...

—Sua mãe? Então Sharon era sua irmã?

—Mas é claro. Ei, o que você imaginava? Acaso pensava que... Meu Deus, ela ia casar com Dave!

—Eu sei, mas é que...

—Achou que eu não teria escrúpulos de roubar a noiva do meu melhor amigo. Que opinião você tem a meu respeito!

—Oh, Josh, não tive a intenção...

— Sei exatamente qual foi a sua intenção, Erin, e não me sinto nem um pouco lisonjeado.

— Ninguém me explicou o seu relacionamento com Sharon. Como poderia saber que era sua irmã?

—Você poderia ter perguntado, ora essa!

Erin não duvidava de que Josh estivesse furioso com ela, mas não tinha certeza de que houvesse razões para tanto. Não era médium e não poderia jamais adivinhar que Sharon fosse sua irmã. Não tinha a menor idéia por que se sentia tão bem ao saber a verdade. Talvez se sentisse aliviada por constatar que Josh não havia traído seu amigo. Sim, era por isso que experimentava aquela sensação tão agradável.

—E você poderia ter-me contado, ora essa!

—Eu... ora, que droga! Está bem, ninguém lhe disse que eu era irmão de Sharon e você não perguntou.

—Achei que não tinha nada com isso.

— Não tinha e continua não tendo. Saiba, porém, que não costumo roubar as namoradas dos outros, sobretudo quando se trata do meu melhor amigo.

— Achei que você a amasse. Afinal de contas, a gente não escolhe as pessoas que ama.

— E verdade. Se tudo desse certo, o mundo seria perfeito... — disse Josh com muita ironia.

— E menos complicado.

— E, com toda certeza, bastante chato...

— Talvez... Quer falar a respeito de Sharon ou prefere mudar de assunto?

—Não, acho melhor falar de uma vez. Fui colega de Dave na faculdade e graças a mim eles ficaram se conhecendo. Sharon apaixonou-se por ele quando tinha dezesseis anos, e creio que o seu amor era retribuído. Ela, no entanto, ainda era uma adolescente e ele já tinha vinte e cinco anos; Falou com meus pais a respeito dos seus sentimentos, disse-lhes que queria se casar com Sharon e eles declararam que primeiro ela deveria completar seus estudos. Acho que julgavam estar agindo corretamente.

—Mas não era a sua opinião...

— Eu jamais seria capaz de esperar durante sete anos para casar com uma garota! Creio, porém, que Dave é muito mais forte do que eu. Concordeu com eles e dispôs-se a não declarar seus sentimentos até que Sharon fosse mais velha. Ela acabou o colégio e entrou para a faculdade, de acordo com o que meus pais tinham planejado.

— E quando ela voltou para casa, Dave pediu-a em casamento... — Era uma história romântica, o que tornava ainda mais estranho o fato de Sharon ter acabado com a própria vida.

— Sim, só que Sharon já estava doente. Acho que queria que Dave se interessasse por ela. Não sabia que ele a amava, e talvez tenha pensado que chamaria sua atenção, se tivesse um

corpo esbelto. Nenhum de nós desconfiava do que estava acontecendo, e atribuímos a perda de peso ao fato de ela estar estudando demais. Quando Dave a pediu em casamento, ela recuperou um pouco de peso. Tudo parecia ir muito bem, até ela decidir que tinha de emagrecer, para ficar bem elegante em seu vestido de noiva. Parecia feliz, muito apaixonada e só pensava no dia do casamento. Nenhum de nós conseguiu imaginar o que se passava com ela. Sharon também não percebeu que estava doente e que aquela dieta obsessiva... — Josh interrompeu-se, muito comovido.

— Não precisa dizer mais nada, se não quiser. Consigo imaginar o resto.

— Pois é... Meus pais ainda não se recuperaram do choque. Você viu em que estado ficou Dave. Acho que todos nós nos censuramos por não perceber que...

—Mas vocês não tinham como saber... As pessoas que cometem um ato desesperado disfarçam tanto...

— Sim, mas riem por isso é mais fácil suportar o que aconteceu... Imagine, ela tirou a própria vida porque tinha pavor de engordar!

— Mas isso não acontece comigo, Josh. E que tenho estado cansada demais para comer. Verá que depois de me alimentar apropriadamente durante duas semanas, voltarei ao peso de antes!

— Já que você garante... Mesmo assim pretendo ficar de olho na senhorita!

— Como é? Vamos ou não cuidar do jardim? — Erin procurou aparentar bom humor e prometeu a si mesma que para o futuro se alimentaria bem, ainda que fosse para tranquilizar Josh.

— Claro que sim. Você arranca as ervas daninhas e eu podarei o gramado.

—Acho que me tocou a pior parte...

—Sheba irá ajudá-la. Ela gosta de cavocar buracos e, fazendo isso, elimina as ervas daninhas...

Erin aos poucos acostumava-se com a cadela, apesar de ainda temê-la. As duas arrancaram todo o mato, enquanto Josh passava a cortadeira sobre o gramado. A julgar por sua expressão, seus pensamentos estavam muito e muito longe.

Erin não tivera a intenção de reavivar recordações penosas e, durante o resto do dia, procurou distraí-lo. Aos poucos, convenceu-se de que o havia levado a não pensar mais em Sharon.

—Você está abatida — disse Josh, após o jantar. — Por que não vai dormir?

A menção do cansaço a fez bocejar.

— Pois acho que vou, sim. Era duro trabalhar no hotel, mas limpar o jardim me deixou moída. Por que você está sorrindo desse jeito?

— Você fala como uma verdadeira inglesa — ele disse, imitando seu sotaque.

— Não gosto que caçoem de mim...

— Desculpe, mas é que acho o seu sotaque inglês tão sexy...

— Vou dormir! — declarou Erin, enrubescendo. Retirou-se da sala e Josh não parava de rir.

Aquele homem era realmente impossível! Nunca tinha certeza do que ele iria dizer; ele sempre acabava por colocá-la em situações constrangedoras!

Assim que entrou no quarto, Erin mal teve tempo de despir-se e jogou-se na cama, morta de cansaço. Sentia todo o corpo, tenso, devido ao passeio a cavalo e às atividades no jardim. Devia estar realmente fora de forma, pois suas pernas e costas nunca tinham doído daquele jeito.

No entanto, era a pele delicada do interior das coxas que mais a incomodava. Sentia que estava assada, apesar de não verificar, e tinha a sensação de que aquela região queimava. A situação havia se agravado, mas não quis que Josh ficasse sabendo o que ela sentia.

O desconforto que experimentou era tão grande "que não conseguiu dormir e ficou rolando na cama. Não sabia o que colocar entre as pernas, a fim de acalmar a dor.

Fazia tempo que Josh se recolhera e Erin ouviu o barulho do chuveiro, antes que ele fosse se deitar. Desejava poder dormir, mas sabia que era impossível, naquelas circunstâncias.

Subitamente a porta do quarto abriu-se e Josh surgiu, vestido apenas com um roupão azul-marinho.

— O que há com você, Erin?

— Oh, nada... estou apenas um pouco agitada...

—Um pouco? Você está se mexendo tanto na cama que me impede de dormir,

— Sinto muito — ela murmurou, puxando o lençol até o queixo.

— O que está acontecendo?
— Não me sinto bem...
— É a cama?
— Não, não se trata da cama...
— Mas então o quê... Ah, já sei! — Josh começou a rir descontroladamente. — Deve estar doendo muito, não?
— Já que quer saber... está sim! — disse Erin, dando-lhe as costas.
— Não duvido, Erin. Não passou nada aí?
— O que, por exemplo?
— Ah... já vi que não se cuidou. Espere, que vou buscar um creme. Se quiser, eu mesmo posso passar...
Erin não duvidava nem um pouco!

CAPÍTULO VII

Erin tentava sair da cama quando Josh voltou para o quarto. Suas pernas doíam tanto que ela andava com dificuldade.

— Pretende ir a algum lugar?
— Não... Apenas quero sair da cama. Trouxe o creme?
— Se não me engano, ofereci-me para passá-lo.
— Não precisa, obrigado — recusou Erin, estendendo a mão a fim de pegar o tubo.
— Não mesmo?
— Não!
— Que pena! Tomou outro banho?
— Não tive forças para tanto. Pretendia tomar uma ducha, mas não consegui entender muito bem o funcionamento do chuveiro.
— Poderia ter usado o meu banheiro.
— Não... — disse Erin, lembrando o que tinha acontecido da última vez que o usara.
— Bem, acho que você precisa de um prolongado banho de imersão. Vá tomá-lo, antes de passar o creme.
— Não quero incomodá-lo...
— Não se preocupe. Irei para o estúdio.
— Agora? — perguntou Erin admirada, pois sabia que passava da uma da manhã.
— Agora mesmo. De repente senti uma vontade enorme de pintar. Para dizer a verdade, a minha vontade é de outra natureza... No entanto, em nome de nossa amizade e da minha paz de espírito, acho melhor dirigir minha energia para a pintura e não para o ato de fazer amor com você.
— Ainda pretende me pintar? — indagou Erin, vermelha dos pés à cabeça.
— Sim, com sua permissão.
— Nua?
— Sim.
— Sei... Não consigo impedi-lo...
— E pretende, por acaso?
Erin contemplou-o como que hipnotizada, enquanto ele se aproximava cada vez mais. Josh sentou-se a seu lado e enlaçou-lhe a cintura.
— Você quer mesmo me impedir, Erin?
Ela precisava e devia dizer que sim! Josh, ainda naquele dia, lhe tinha dado uma aula de auto-respeito, e Erin não podia ir contra aquilo.
— Acho que vou aceitar a sua sugestão e tomarei um banho — disse, afastando-se dele.
— Creio que me fará muito bem.
—
Estarei no estúdio, caso precise de mim — declarou Josh, levantando-se. — Você me dá permissão para pintá-la?
— Sim — ela disse, sem ousar encará-lo.

Assim que ele fechou a porta ela suspirou, sentindo-se livre de toda tensão. Josh não tinha pleno controle de suas emoções. Uma palavra ou gesto de encorajamento e ele começaria a fazer amor com ela... Se isso acontecesse, adeus, amizade! Já lera em algum lugar que era impossível existir amizade entre um homem e uma mulher. Começava a acreditar que era verdade!

No dia seguinte Josh estava de péssimo humor, conforme constatou Erin assim que ele entrou na cozinha.

— Dispenso o bacon e os ovos — ele declarou, servindo-se de café.

— Mas eu acabei de prepará-los...

Erin havia se levantado bem cedo, a fim de cuidar do café da manhã. Não percebeu a que horas Josh tinha ido dormir. O banho de imersão e o creme lhe haviam feito um grande bem e ela adormecera assim que se deitou.

— Já disse que não estou com fome.

— Mas...

— Você dormiu bem?

— Sim, obrigada. E você?

— Só depois que o temporal passou.

— Temporal? Que temporal?

— O que caiu no meio da noite.

— Não ouvi...

— Não duvido. Não chegou a cair chuva. Apenas relampagueava muito.

— Então foi igual àquele quadro que você pintou!

Erin lembrava-se muito bem do quadro, que retratava um céu subitamente iluminado por um clarão vermelho. Aquele momento único fora fixado para todo o sempre pelo talento de Josh.

— Sim.

— Quer dizer, então, que eu não vi a tempestade. Que pena!

— Não se preocupe, haverá outras. Aqui sempre temos dessas tempestades, e nem sempre são silenciosas. Costuma haver trovoadas e, de vez em quando, muita chuva. — Josh foi até a porta e pegou o chapéu.

— Aonde vai?

— Dar um passeio a cavalo. — O tom com que ele se exprimia não era nada animador.

— Posso ir também? — ela indagou com timidez, estranhando os modos bruscos de Josh.

— Não acho que seja uma boa idéia. Como está se sentindo?

— Melhor... Gostaria muito de ir com você.

— Como quiser — ele disse, dando de ombros.

Depois da conversa que haviam tido, Josh tomava em relação a ela aquela atitude condescendente. Erin podia fazer o que bem entendesse, contanto que não o atrapalhasse. Ela, por sua vez, procurava incomodá-lo o menos possível. Afinal de contas, Josh era um artista e, como tal, tinha todo o direito de passar por mudanças de temperamento.

Além do mais, ela não foi a única a ser repelida. Sheba ficava deitada ao pé da escada, esperando que seu dono saísse do estúdio, onde, ultimamente, passava a maior parte de seu tempo.

Josh não fazia a menor questão de contar para Erin como ia o retrato, apesar de passar quase todo o tempo disponível pintando. Mal tocava nas refeições que ela lhe preparava. Sabia que não era a melhor cozinheira do mundo, mas também não era a pior. Não era a comida que o deixava naquele estado.

O único momento em que Josh relaxava era durante os passeios a cavalo, na parte da manhã. Aos poucos Erin começava a se entender com Corisco. Não precisava guiá-lo e nem dizer para onde ela deveria ir, contanto que não se afastasse demais de Josh! Jamais seria uma boa amazona, mas apreciava demais aqueles passeios. E, se não gostasse, então ficaria sem ver Josh o dia inteiro.

Estremeceu nervosa, ao ouvir a porta do estúdio bater com toda força, e o barulho de passos que desciam a escada. Lia tranquilamente um livro na sala de estar, mas levantou os olhos, curiosa, assim que Josh surgiu diante dela.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou ansiosa.

— Absolutamente nada.

Erin percebeu que sucedia algo errado. A expressão tensa de Josh não a enganava.

— Como está indo o trabalho?

Teve a impressão de que aquela era a única pergunta que não devia ter feito, pois ele ficou ainda mais aborrecido.

— Muito mal.

— Oh... ' : :

— E você não se interessa em saber por quê?

— Bem... por quê?

Josh parecia estar a ponto de explodir e seus olhos verdes fuzilavam. Não entendia por que ele dizia semelhante coisa, pois há dias não saía do estúdio.

— Por sua causa, devido a esse seu maldito corpo!

— Eu...

— Oh, não se preocupe. Não é culpa sua. Acontece que não consigo pintá-la.

— Mas você disse que se lembrava perfeitamente de como era o meu corpo...

— E lembro. Acontece que não consigo... Você... Que inferno! — Josh sentou-se ao lado de Erin e cobriu o rosto com as mãos. — Existe em você algo que me escapa. Por quê? Por quê? Você está me deixando louco! — Mal terminou de dizer essas palavras, Josh tomou-a nos braços e beijou-a apaixonadamente.

Erin correspondeu inteiramente àquele beijo, e o livro que estivera lendo caiu no chão, sem que nenhum dos dois notasse.

Josh beijou-a com um ardor que a fez gemer de prazer, e acariciou todo seu corpo, excitando-a em alto grau. Erin abraçou-o e sentiu que ele estava tão empolgado quanto ela.

A tensão e a frustração tornaram sua reação explosiva. Suspirou, no momento em que ele enfiou a mão por debaixo de sua camiseta, à procura de seus seios firmes e eretos.

— Oh, Erin — disse ele baixinho, beijando-lhe o pescoço. — Quase perco a cabeça quando penso em você. Não consigo esquecê-la sequer por um momento, a qualquer hora do dia e da noite.

Erin sentia-se da mesma forma. Nos últimos dias percebeu que sentia uma atração crescente por ele, e que agora havia chegado ao ponto máximo.

Subitamente ele a repeliu e balançou a cabeça.

— Mas o que estou fazendo? Desculpe Erin — disse Josh, levantando-se. — Não pretendia que isto acontecesse.

— Josh!

— Vamos, Sheba. Não precisa fazer jantar para mim, Erin. Não voltarei a tempo.

— Vai sair? — ela perguntou, ficando de pé.

— Acho que é melhor. Não concorda?

— Sim... sim, acho que sim. — Erin, confusa, olhou para suas mãos e desejou ter suficiente coragem, a fim de pedir que ele ficasse. De alguma maneira ela o havia decepcionado, e era devido à sua inexperiência que ele se afastava. — Você estará de volta antes que a noite caia, não é mesmo? — Sua voz tremia, demonstrando o quanto ela estava nervosa.

— Sim, voltarei. Erin... se tivesse que dar uma nota, você ganharia dez... — Josh fechou a porta lentamente e saiu.

— Nota dez...! — Erin foi correndo até a porta.

— Josh! — Chegou a tempo de ver a perua desaparecer na curva da estrada.

Josh lhe tinha dado nota dez! Mas, então, por que não continuara? Por quê... Mas, afinal de contas, o que ela estava dizendo? Se ele não tivesse parado, agora seriam amantes. Subitamente, aquilo já não a incomodava mais. Isso não se devia ao fato de ela não se respeitar mais, pois aquilo era algo superado. No entanto, o amor havia entrado em sua vida quando ela menos esperava, e nem sequer tinha certeza de que o desejava. Desconfiava de todos os homens, não os queria a seu lado e, no entanto, Josh era diferente. Tinha de ser diferente, pois ela o amava.

Não tinha certeza de quando isso começara a acontecer. Sabia apenas que nos últimos dias desejava ardentemente seus beijos e ficara magoada diante de sua frieza. Havia tentado de tudo a fim de agradá-lo e recebera apenas demonstrações de ironia. Ele, no entanto, confessara "que pensava nela noite e dia e que ela o estava enlouquecendo. Isso queria dizer que ele também a amava?

Quando Josh voltou, duas horas mais tarde, ele não deu o menor sinal de que isso pudesse acontecer, apesar de que seu mau humor parecia ter passado completamente.

— Quer uma cerveja, Erin? — perguntou, indo para a cozinha.

— Não, obrigada.

Ele parecia estar muito contente e não parava de assoviar.

— Onde você esteve?

— Fui visitar Jim e Martha.

— Oh...

Erin não conseguiu disfarçar seu desapontamento. Gostava da fazenda, apreciava a paz e a tranquilidade, mas gostaria de rever os primos de Josh. Ele a deixava tão só, e teria sido muito agradável conversar com alguém.

—Como é que eles vão?

—Muito bem. Sei que deveria ter levado você comigo, mas os meus pensamentos não estavam muito claros, quando saí daqui.

—Sei... E quanto àquilo que aconteceu antes de você partir...

—Eu não me emendo, não é mesmo? Parece que não consigo ficar sem agarrá-la. É uma tristeza, não?

— Uma tristeza?

— Sim. Sinto vergonha de mim.

— É mesmo? — Erin ficou desanimada. A cada palavra que Josh dizia, ela sentia que não conseguiria nunca dizer o quanto o amava.

— Sim. Sou um homem e tenho os apetites normais de um homem, incluindo o sexo. Você já deve estar enojada, diante de todas as minhas tentativas de levá-la para a cama...

—Josh...

— Não me censure muito, por favor. Você é uma garota atraente e já sabe como me sinto a seu respeito. No entanto, não me parece justo continuar submetendo-a aos meus...

— Ataques sexuais — ela concluiu com amargura, percebendo que para ele não existia nada além daquilo. Josh sentia-se atraído por ela, mas emoções tais como o amor não estavam contidas em suas sensações. Mais uma vez Erin voltou a perceber que seus sentimentos se neutralizavam. O amor e a confiança que ela havia começado a experimentar por aquele homem voltaram para o plano do inconsciente.

— Erin, saiba que isso não voltará a acontecer.

— Não mesmo?

—Definitivamente não. Agora vou para o estúdio, trabalhar um pouco. Ah, esquecia de lhe de dizer. No sábado iremos jantar com Martha e Jim.

—É mesmo? — ela indagou, animada.

—Sim. Martha me fez jurar que iríamos. De qualquer maneira, não consigo trabalhar...

—Sinto muito...

—A culpa não é sua, apesar de reconhecer que isso nunca me aconteceu.

—E a primeira vez que pinta um nu. Você mesmo disse.

— Só pinte um nu quando ainda estava na escola de arte, e não me lembro de ter tido tanto trabalho. Acho que estou conduzindo a coisa de maneira muito errada. Sim! — De repente Josh ficou muito animado. — Não estou agindo com lógica!

— É que a luxúria está estrangulando a sua arte! — disse Erin em tom zombeteiro, magoada pelo fato de não passar de um corpo para Josh.

— É por aí... Pelo jeito você ficou contente com o jantar de sábado. Já está aborrecida com a minha companhia?

— Eu... — Erin tinha vontade de dizer a Josh que ele estava redondamente enganado...

— Ainda temos de ficar aqui por mais uma semana. Acha que conseguirá suportar?

— Claro! Você não quer entender o que estou procurando dizer. Será tão bom ver outra mulher, conversar com ela... Josh, você não me entende...

— Entendo, sim! Eu levo uma vida muito estranha, Erin. No inverno mal vejo as pessoas e durante o verão percorro o mundo com os meus quadros. No entanto, aprecio muito esse jeito de viver. Duvido, porém, que outros gostassem, sobretudo uma mulher. Nunca pedi a uma mulher que partilhasse a vida que tenho, e há uma razão muito forte para isso.

— Parece-me, ao contrário, que você ainda não encontrou a mulher dos seus sonhos... — disse Erin, ligeiramente irônica.

— De fato, não. Mas mesmo que encontrasse, hesitaria em lhe pedir para viver a meu lado. Ser mulher de artista pode parecer algo muito charmoso, mas garanto-lhe que ser minha mulher não teria nenhuma graça; Jim e possivelmente Dave são as únicas pessoas que vejo durante o inverno. Nenhuma mulher sensata conseguiria suportar tamanha solidão.

- As mulheres apaixonadas não costumam ser sensatas.
- Nunca pensei nisso! — disse Josh, rindo. — Obrigado, Erin!
- Não há de quê...

Pelo visto, ela havia colocado a idéia do casamento na cabeça do homem a quem amava... só que ele poderia casar-se com outra mulher!

Martha e Jim mostraram-se muito simpáticos e acolhedores, o que contrastava com a atitude de Josh. O bom humor que ele havia demonstrado há três dias evaporou na manhã seguinte, e Erin foi mais uma vez ignorada ou esnobada.

Era evidente que mais uma vez o quadro não ia bem, e ela sondou-o a fim de voltar a posar, mas inteiramente vestida, é claro. A resposta de Josh fora extremamente malcriada, e ela havia desistido.

A visita a Martha e Jim significou uma oportunidade de respirar um pouco, se bem que Josh não a encarasse daquela maneira. De vez em quando ele deixava escapar o ressentimento que experimentava. Quando Erin observou que ele não vinha tendo muito sucesso no trabalho, a resposta que Josh deu foi impublicável.

Ainda assim, ele conseguiu se controlar e mostrar boas maneiras diante do casal. Até mesmo comeu com apetite o delicioso jantar que Martha havia preparado, alimentando-se bem pela primeira vez durante aquela semana.

—Josh contou-nos que você aprendeu a andar a cavalo — comentou Martha.

Erin olhou rapidamente para Josh, mas ele parecia não estar prestando atenção na conversa. Em vez disso, fitava um ponto perdido no espaço.

- Sim. — Ela ainda recordava a dor que sentira, após a primeira vez.

- Andar a cavalo é muito conveniente, nesta região.

- Só que em Londres de nada me adiantará...

- Creio que não... Você vai à Inglaterra para visitar alguém?

— Eu...

— Erin viaja comigo na próxima semana. Não é mesmo, meu bem?

Era a primeira demonstração de afeto que recebia de Josh durante vários dias e, para seu constrangimento, sentiu que o coração disparava.

—Sim — disse, sorrindo timidamente.

—Será muito bom para ambos — comentou Martha. — Será que você ficará contente em voltar para cá, a exemplo de Josh?

—É que eu...

—Nossa casa está onde está nosso coração — comentou Josh, passando o braço em torno do ombro de Erin, em uma atitude de disfarçada possessividade. — Não concorda, meu bem?

Erin notou que o casal a olhava com ar de aprovação, e não conseguiu perceber o porquê da mudança repentina de Josh.

—Pois é... — concordou, muito sem jeito.

—E como vão indo os seus cavalos? — indagou Josh, dirigindo-se a Jim. Subitamente, todo seu mau humor passou.

—Estão ótimos! Não quer dar uma espiada neles?

— Jim, com efeito! — protestou Martha. — Seria tão melhor se ficássemos todos aqui batendo um papo!

— O papo fica por conta de vocês — resmungou Josh. — Sei que estão morrendo de vontade de conversar. Não tente saber dos meus segredos através de Erin, Martha. Ela é um tanto tímida...

Erin ficou morta de vergonha. Josh tentava dar ao casal a impressão de que havia entre eles dois uma grande intimidade, o que estava longe de ser verdade. Talvez quisesse apenas se vangloriar, mas ela não apreciava aquela atitude.

— Não se trata de ser tímida. Como desconheço os seus segredos, não poderei contá-los para Martha.

—Nesse caso, não poderá falar com Martha a respeito de certa marca de nascença que eu tenho, ou sobre aquela cicatriz na minha coxa, resultado de um ferimento, quando eu jogava futebol no ginásio...

Erin ficou vermelha como um pimentão, pois já tinha percebido aquelas duas marcas, e a expressão de seu rosto demonstrava claramente o fato. Encarou Josh com uma expressão de revolta.

— Contanto que você não mencione...

- A cicatriz de sua operação de apendicite... Não se preocupe, Erin, não tocarei no assunto — disse Josh, dando-lhe um beijinho no nariz, antes de se levantar. — Pois então, estamos de acordo: guardaremos esses segredos só para nós.

—Sim — concordou Erin.

Surpreendeu-a saber que Josh havia percebido a cicatriz da operação. É claro que ele deveria ter percebido os menores detalhes de seu corpo, quando posou.

Martha começou a rir quando as duas se viram finalmente a sós.

— Não se importe com Josh. Conheço-o desde a infância, e até hoje ele ainda é capaz de me surpreender. É uma criatura impossível, concordo, mas trata-se do melhor amigo que Jim e eu já tivemos. Quer mais café?

— Oh, sim, por favor. — Erin seguiu Martha até a cozinha. — O jantar estava delicioso...

— Obrigada. Josh contou-nos que está pintando o seu retrato.

— E mesmo? — Erin ficou nervosa, imaginando se ele lhes revelara que ela posava nua.

— Sim. E como está indo?

— Creio que bem...

— Pois é... Josh costuma fazer muito segredo em torno do seu trabalho.

— Com efeito.

— Espero que ele nos mostre o quadro antes de vocês viajarem para a Inglaterra. Gostaria imensamente de vê-lo. Já tem nome? Ele costuma dar.

Depois da atitude desabusada de Josh, ainda há pouco, como ela poderia dizer a Martha que o quadro tinha por nome Inocência? E claro que Martha não tinha a menor idéia de que se tratava de um nu.

— Não, não acredito que o quadro tenha um nome. Josh tem se comportado de maneira tão imprevisível... O humor dele varia demais.

— Não diga! Que estranho! Ele costuma ser tão alegre, extrovertido...

— Creio que ele tem trabalhado demais, e esse último quadro representa uma tarefa extra...

— Mas é um trabalho de amor, não é mesmo? Não, não precisa responder, Erin. Este assunto não me diz respeito e nem sei por que o abordei. Josh ficaria furioso se soubesse. Ele detesta que as pessoas demonstrem curiosidade sobre a sua vida pessoal.

— Você já conseguiu convencer Jim a levá-la para a Inglaterra? — Erin resolveu mudar bruscamente de assunto, a fim de despistar a curiosidade de Martha.

—Ainda não, mas continuo batalhando. Creio que acabarei vencendo.

—Quem sabe você irá me visitar enquanto estiver lá... — Erin apreciava realmente Martha e gostaria sinceramente de revê-la. Além do mais, ela lhe poderia fazer mais revelações a respeito de Josh.

—Mas com toda certeza você e Josh...

— Erin e eu o quê? — indagou Josh, entrando na cozinha. Imediatamente abraçou Erin e manteve-a bem junto a si.

— Estava convidando Martha para me visitar, se ela acaso for à Inglaterra no ano que vem.

— É impossível, meu bem... Jim acaba de me pedir para cuidar da fazenda enquanto eles viajarem. Não lhe diga o que eu lhes contei, priminha — ele recomendou, dirigindo-se a Martha. — A viagem deles não coincidirá com a nossa estadia na Inglaterra.

—Mas...

—Meu bem, está na hora de irmos embora. Preciso voltar a trabalhar e está se armando uma tempestade.

—Mais uma?

Erin mostrou-se muito surpreendida e, durante alguns instantes, esqueceu a insinuação de que estaria com ele no Canadá, no próximo ano. Agora tinham uma tempestade quase todos os dias. Erin não as apreciava nem um pouco e sua intensidade a assustava. Odiava os trovões que

acompanhavam os relâmpagos e, de vez em quando, tinha a sensação de que a casa inteira estremecia.

—Pelo visto, essa tempestade que vem aí será a pior de todas.

— Pois então acho melhor irmos embora já — declarou Erin. Não queria ser surpreendida pelos raios e trovões a caminho de casa.

— Josh, pare de mentir! — disse Jim, rindo. — Sabemos muito bem que você quer chegar em casa a tempo de assistir futebol na televisão!

—Como você me conhece bem, Jim!

Jim encarou-o com firmeza e de repente ficou muito sério, olhando para Erin.

— Achei que conhecia, meu amigo.

— Não se deixe enganar pelas suas impressões, Jim...

Erin desviou o olhar. A conversa entre aqueles dois talvez parecesse obscura, mas seu significado era evidente. Jim não conseguia entender o porquê do interesse de Josh por Erin. Ela, naturalmente, devia ser muito diferente das garotas com quem Josh saía, e ele, por sua vez, queria dar a Jim a impressão de que Erin era muito mais misteriosa do que parecia.

—Por que você fez aquilo? — perguntou Erin a Josh, quando se puseram a caminho da fazenda.

—O quê?

—Você agiu de propósito, levando Martha e Jim a acreditar que dormimos juntos!

— Que bobagem.

— Não acho! Você...

— Não quero tocar neste assunto, Erin.

— Que pena! Pois saiba que eu quero! O que há, Josh? Você será tão vaidoso a ponto de deixar seus amigos pensarem que existe um caso entre nós, quando isso está longe de ser verdade?

— Saiba que a minha vaidade não tem os limites que você lhe empresta. Se dei a Martha e Jim determinada impressão, isso se deve ao fato de que, quando os vimos na semana passada, era mais do que evidente que iríamos dormir juntos. Não lhe ocorreu que seria muito mais constrangedor se continuássemos a agir como se nos detestássemos?

Josh falava em ódio e ela não soube o que dizer. Não o odiava, muito ao contrário, mas pelo visto Josh não gostava dela.

Ele ligou a televisão assim que chegaram em casa, e pôs sobre a mesinha várias latas de cerveja. O jogo ia começar daí a pouco, e entre os dois pairava um silêncio que Erin não ousou interromper.

Nem ela queria; sentia-se por demais infeliz para entabular uma conversa. Havia entrado naquela situação, enojada de tudo, mas agora as coisas tinham piorado. Ela, Erin Richards, a garota que havia jurado não se deixar nunca mais magoar por um homem, apaixonara-se por um indivíduo que não se importava com sua pessoa, um homem que sentia dificuldade em mostrar-se atencioso para com ela e que nem sequer o tentava, quando se encontravam a sós.

Subitamente ele se levantou e encarou-a.

— Vou para o estúdio.

— Está bem. Achei que estivesse interessado no futebol. — Não é mais como costumava ser.

— Pois então, acho que vou para a cama.

— Se não gosta de futebol, ligue em outro canal.

— Não. Estou me sentindo um pouco cansada. Creio que dormirei, mesmo com o barulho da tempestade.

— Duvido. Já estou ouvindo os trovões. Bem, amanhã nos veremos. Pretende andar a cavalo?

—Sim.

Josh lhe fazia a mesma pergunta todas as noites, esperando, segundo lhe parecia, que ela recusasse. Isso, porém, não acontecia. Erin apreciava aquelas cavalgadas matinais ao lado de Josh, e não estava disposta a desistir delas. Raramente se falavam naqueles momentos, mas o silêncio não era tão tenso como costumava ser o resto do dia.

—Sairemos às sete horas.

Erin olhou para a televisão, distraída, e um relâmpago que iluminou

Toda a casa tirou-a de seus devaneios. Ela levantou-se, assustada, desligou a televisão e abriu a porta dos fundos, deixando Sheba entrar. A cadela imediatamente lambeu suas mãos e sentou-se a seus pés.

—Essas tempestades são um horror, não é mesmo, Sheba? — O animal não parecia ficar particularmente assustado com tempestades, mas para Erin era um verdadeiro alívio poder falar. Se Josh soubesse o quanto aquilo a apavorava, sem dúvida teria ficado com ela, mas Erin não queria forçar sua companhia.

Apesar de ter fechado as cortinas, ela ainda conseguia perceber os relâmpagos, deitada na cama. De repente começaram as trovoadas, conforme Josh havia predito, e eram tão assustadoras que a casa parecia tremer nos alicerces.

Erin enterrou a cabeça no travesseiro, desejando que a tempestade parasse imediatamente. Sabia, entretanto, por experiência própria, que ela se prolongaria durante horas. Não conseguia mais suportar aquela situação! Josh talvez não gostasse dela e não haveria de querer sua presença no estúdio, mas não suportava mais ficar sozinha.

Enfiou o roupão por cima do pijama e, tateando no escuro, subiu até o estúdio. Lá chegando, hesitou diante da porta, mas nesse instante ouviu-se uma trovoada e ela entrou. Josh, de costas, não percebeu sua presença, pois estava intensamente concentrado na tela.

Durante alguns instantes Erin se esqueceu da tempestade, com os olhos fixos na tela vazia. Josh estivera trabalhando no estúdio dias e noites a fio, e tudo o que tinha para mostrar era uma tela vazia!

— Josh...

— Sim, Erin? — Ele voltou-se, admirado.

— Eu... a tempestade... não consegui dormir. Josh levantou-se lentamente e estava muito pálido.

— Você não deveria ter vindo aqui.

—Eu... fiquei assustada — disse Erin, engolindo em seco. Não entendia muito bem a reação de Josh. — Achei que... talvez pudesse ficar em sua companhia.

— Não!

— Não mesmo?

— Creio que não.

—Bem, já que não deseja a minha presença, voltarei para o quarto — disse Erin, muito desapontada, reprimindo as lágrimas.

— Eu não disse isso. Você...

—Josh! — gritou Erin, tomada de pânico, pois subitamente todas as luzes se apagaram. — Josh, onde está você? — Naquele momento ela não fazia a menor questão de demonstrar o terror que sentia. — Josh!

— Acalme-se, meu bem! — ele murmurou bem junto ao seu ouvido enlaçando-lhe a cintura. — Estou aqui.

— Oh, Josh — ela soluçou, abraçando-o. — Abrace-me! Abrace-me com toda a força!

—Oh, Erin, como quero fazer amor com você!

CAPÍTULO VIII

O afeto reprimido durante tantos dias explodiu de repente, e Erin retribuiu com ardor o beijo de Josh.

— Erin, Erin... — ele murmurou, perdido de paixão e juntando o mais que pôde seu corpo ao dela. — Erin, deixe-me amá-la!

— Sim. — A respiração de Erin tornou-se ofegante e ela desabotoou toda a camisa de Josh, acariciando seu peito musculoso.

—Meu Deus, Erin, como gostaria de ver o seu rosto!

Ela pegou a mão de Josh e colocou-a contra seus lábios, beijando-a com ternura.

— Não é necessário ver, Josh... apenas tocar...

— Tocar?

— Sim!

Erin enterrou o rosto no peito de Josh e começou a beijar aquela carne que queimava.

—Erin! Que gostoso...

Ela tirou a camisa de Josh e ele voltou a beijá-la. Seus lábios, ousados e sensuais, diziam o quanto ele a desejava naquele momento.

Erin, muito excitada, ajudou Josh a tirar seu roupão e ele enfiou a mão por debaixo do pijama, tocando seus seios rijos. Um prazer indescritível percorreu todo seu corpo e ela apoiou-se em Josh, que a tomou nos braços e carregou-a para a colcha de veludo jogada por cima das almofadas, no chão. Em seguida ele desabotoou lentamente seu pijama, apalpando os seios rosados e firmes de Erin.

—Queria tanto vê-la! — disse mais uma vez.

— Você disse que conseguia recordar perfeitamente o meu corpo... Já esqueceu?

— Claro que não! — ele gemeu, beijando seus seios com refinada sensualidade.

Erin abraçou-o com força e jogou a cabeça para trás, devido ao prazer que Josh lhe dava.

Com os joelhos, Josh afastou delicadamente as pernas de Erin e deitou-se por cima dela. Seus corpos movimentavam-se no mesmo ritmo e eles se entregavam cada vez mais à paixão. As roupas os atrapalhavam e eles se mostravam impacientes por removê-las. Erin ajudou Josh a desatar o laço que amarrava a calça do pijama e percebeu que ele tirava o jeans, jogando-o descuidadamente para o outro lado do estúdio.

Quando seu corpo nu entrou finalmente em contato com o dela, Erin sentiu todo o prazer que ele poderia lhe proporcionar. Seu breve grito de dor foi abafado pelos beijos apaixonados de Josh, que a levaram ao auge da excitação.

—Gostaria de poder deter este momento para sempre — ele disse, refreando-se durante alguns instantes.

Logo, porém, ambos perceberam que tinham de ir adiante, e seus corpos ondulavam ao mesmo tempo, à procura do prazer. A tempestade que rugia lá fora não era nada em comparação com o ardor de suas emoções. Para Erin, a ternura de Josh era uma revelação, e sensações incríveis se apoderavam de todo seu corpo. Ambos atingiram o clímax do prazer ao mesmo tempo e seus gemidos se misturavam, expressando o gozo que sentiam.

Exatamente nesse momento a luz voltou.

Erin enterrou o rosto no ombro de Josh, sem conseguir disfarçar o constrangimento que sentia.

—Evidentemente, o ritmo da luz não é o nosso, mas poderia ter sido pior — disse Josh, sem conseguir disfarçar a ironia.

Subitamente, o choque causado pelo que tinha acabado de acontecer revelou-se a Erin com toda a intensidade. Ela estava por demais entregue à força do desejo para negar o que ambos queriam, mas agora as conseqüências de sua atitude se faziam sentir.

Para Josh aquilo não passara de mais uma experiência física agradável. Nem mesmo nos momentos de maior intensidade ele havia murmurado palavras de amor, ao passo que os sentimentos de Erin por aquele homem se aprofundavam, levando-a a não querer nunca mais separar-se dele.

Aquela crua luz tornou-a consciente da seriedade do que acabava de acontecer entre ambos. Seus corpos continuavam entrelaçados, apesar de Erin saber muito bem que suas mentes estavam muito distantes.

—Erin?

Josh olhou para ela, enxugando sua fronte coberta de suor, e logo em seguida apoiou-se em um cotovelo.

—Você... você está me esmagando — disse Erin, incapaz de suportar aquele olhar que a interrogava.

— Desculpe. — Josh afastou-se no mesmo instante. Erin sentou-se, desejosa de cobrir sua nudez.

— Josh, por favor... poderia passar a minha roupa?

— Erin! — Ele estava intrigado com sua reação.

— Por favor!

— Está bem — ele disse, resignado, fazendo o que ela lhe solicitava.

Erin ficou a contemplá-lo, sabendo que jamais vira um homem tão bonito quanto Josh. Ele não parecia sentir o menor constrangimento por estar nu, o que não era de admirar, pois seu corpo magnífico causava admiração. Ainda há pouco aquele corpo proporcionara prazer a Erin, e com

tamanha intensidade que ela ainda estremecia diante daquela emoção. Suas pernas tremiam enquanto ele lhe estendeu o pijama e ela amarrou a calça com uma sensação de perda.

Mesmo com toda sua inexperiência, Erin sabia que um encontro amoroso não devia terminar daquele jeito. Eles deveriam estar nos braços um do outro, murmurando palavras de amor e antecipando os momentos de prazer que viriam logo em seguida. Em vez disso se encaravam, preocupados. Josh enfiou a camisa por dentro do jeans e tudo parecia ter chegado ao fim.

—Que quer que eu lhe diga, Erin? — ele indagou, sem tirar os olhos dela.

Erin desejava que ele lhe declarasse seu amor, que dissesse que não podia viver sem ela, que ela significava tudo para ele. Acima de tudo, esperava que a pedisse em casamento!

—Nada, Josh. Aliás, acho muito melhor se nenhum dos dois não disser nada.

— Se é isto o que você deseja...

— É, sim.

— Sinto muito, Erin.

Era a única coisa que ela não queria que ele dissesse! Aquilo apenas confirmava a crença de que ele se arrependia por ter feito amor com ela e provavelmente se lastimava por tê-la conhecido.

Os lábios de Erin tremiam, enquanto ela tentava controlar as lágrimas.

—Boa noite, Josh.

Erin saiu correndo para o quarto, desesperada por chegar lá antes que explodisse em soluços. Não ficava bonita quando chorava — aliás, não conhecia ninguém que ficasse — e não precisava de mais aquele golpe em sua auto-estima.

— Erin! — Ele a deteve antes que ela saísse. — Erin, eu...

— Por favor, Josh, não diga nada. Não diga nada...

— E que eu... Ouça, sinto imensamente...

— Eu também!

Erin foi às pressas para o quarto, e lá chegando fechou a porta, apoiando-se contra ela. As lágrimas inundavam-lhe o rosto e ela começou a soluçar.

Despertar na manhã seguinte foi para Erin extremamente penoso. Não queria recordar aqueles momentos de êxtase, quando foi amada por Josh, e não queria rememorar seu arrependimento.

Estava quase vestida quando Josh bateu na porta e entrou no quarto. Erin acabou de abotoar-se com rapidez e eles ficaram a se olhar, tensos. Pareciam não saber o que dizer um ao outro.

—Eu... acho que perdi a hora do passeio a cavalo... Desculpe. Não estava com vontade.

Erin não se sentia em condições de acompanhá-lo como se nada tivesse acontecido entre eles na noite anterior. Ambos sabiam perfeitamente que nunca mais poderiam reviver aqueles momentos de inocência.

— Eu também não fui. Como você, não estava com a- menor vontade. Quer tomar café?

— Não, obrigada. Talvez aceite um chá, mas posso lhe preparar algo para comer, se quiser.

— Já comi. — De repente, o olhar de Josh pousou sobre a mala em um canto do quarto. — A mala está feita?

—Nunca foi desfeita. Não me pareceu que valesse a pena.

— Ótimo. Vou levá-la para passar alguns dias com Martha e Jim. Se você...

— O quê? Josh, se está agindo assim devido ao que aconteceu ontem...

— Achei que você não queria falar a respeito.

— Pois não quero mesmo.

— Então não falaremos.

— Se é por esta razão que está me mandando embora...

—Não a estou mandando embora. Acontece que vou estar muito ocupado esses próximos dias e seria melhor você ficar com Martha.

— Mas quem irá cuidar de você?

—Eu conseguia me arranjar muito bem antes que você viesse para cá. Acontece, porém, que não estarei aqui.

—Como? Vai viajar?

A reação de Erin devia ter revelado o que ela sentia, e procurou disfarçar sua emoção. Era mais do que evidente que Josh não desejava sua presença. Agora ela se tornara um empecilho, fazendo-o recordar o tempo todo que a amara no calor do momento, não conseguindo dominar o desejo, que se extravasara.

—Não se trata exatamente de uma viagem, porém vou estar ocupado demais para me importar com que alguém cuide de mim.

Erin preferia que ele fosse honesto e dissesse claramente que sua presença o constrangia e o fazia sentir-se pouco à vontade.

—Está bem. Estou pronta, se você quiser ir agora.

—Dê-me a sua mala. Erin... o que aconteceu ontem à noite não altera nada. Ainda pretendo levá-la para a Inglaterra comigo.

E por que não? Afinal de contas agora ela merecia plenamente a passagem!

— Ótimo. Martha está esperando por mim?

— Telefonei-lhe...

— A esta hora? — Eram apenas oito e meia!

— Eles costumam levantar cedo.

— Então acho melhor irmos embora.

—Sim. — Josh parecia estar a ponto de dizer algo, mas mudou de idéia e caminhou em direção à perua, seguido por Sheba.

Erin sentou-se a seu lado, mergulhada na infelicidade. Não via nada, não sentia nada, a não ser a dor de se separar de Josh. Imaginara que pelo menos passaria o resto da semana a seu lado, mas agora chegou à conclusão de que nem mesmo isso lhe era permitido.

Ela, naturalmente, deveria ter-se exposto demais na noite anterior, demonstrando seu amor por ele de mil maneiras diferentes. Um caso passageiro era uma coisa, mas uma mulher apaixonada era algo completamente diferente!

— Que explicação você deu a Martha e Jim para o fato de eu passar algum tempo com eles? — perguntou Erin, fazendo o possível para se controlar.

— Disse-lhes que estaria muito ocupado e eles entenderam perfeitamente.

— Vou gostar de estar com Martha. Tenho sentido muita falta de companhia feminina.

— Não duvido. Ah, Sheba ficará com você — comunicou Josh, enquanto paravam diante da sede da fazenda.

— Mas...

— Não terei tempo de cuidar dela.

— É impossível que você esteja tão ocupado assim...

— Estarei, sim.

—Deve ser muito cômodo pôr para fora de sua vida quem o incomoda — disse ela com amargura.

— O que quer dizer com isso?

— Refiro-me a Sheba! Ela irá ressentir-se por ser deixada aqui.

Como se ela também não sentisse o mesmo! Tinha ímpetos de abraçá-lo e suplicar-lhe para que a deixasse em sua companhia. No entanto, jamais faria semelhante coisa.

—Sheba é muito mais compreensiva do que você imagina. Martha! — Josh sorriu para sua prima, que se aproximava. — É muita gentileza de sua parte hospedar Erin, sobretudo porque a preveni em cima da hora.

—Absolutamente! Terei muito prazer em ficar com ela, principalmente nas presentes circunstâncias... .

— Pois é — interrompeu Josh com secura. — Bem, preciso voltar...

— Claro. Não se preocupe com Erin. Ela ficará em boas mãos.

Eu sei. Cuide-se, meu bem. Não se preocupe. Virei buscá-la mais cedo do que você imagina.

Erin já começava a sentir falta dele! Sabia que ele se mostrava terno apenas para impressionar Martha, mesmo assim aquela demonstração de afeto a abalou.

—Voltarei assim que puder.

— Espero que sim, Josh. Eu... Sheba sentirá falta de você. — Erin sorriu, nervosa, esperando não chorar antes que ele a deixasse.

— Vou torcer para que ela não seja a única. Faça o possível para também sentir falta de mim, ouviu?

— Está bem... tentarei.

— E tudo o que peço...

Josh inclinou-se e beijou-a ligeiramente nos lábios. — Darei notícias — disse a Martha.

—Sim, não deixe de fazê-lo.

—Até logo, Sheba — Josh acariciou a cabeça da cadela, que começou a abanar a cauda. — Tome conta de sua dona por mim!

—Sei muito bem cuidar de mim, Josh. Sempre soube.

—Pois não... Diga a Jim que nos veremos mais tarde, sim, Martha? — E com isso Josh despediu-se.

Erin ficou a contemplar a perua que se afastava e Martha convidou-a para entrar.

—Vamos tomar café, Erin. Tenho certeza de que você está em jejum. Josh deve tê-la apressado e aposto que você mal teve tempo de arrumar a mala.

—Eu... eu...

Para sua grande consternação, Erin começou a chorar e escondeu o rosto com as mãos enquanto soluçava perdidamente.

Martha abraçou-a ternamente até que o pior da crise passasse.

— Venha sentar-se, Erin. Ah, esses homens! Você sente falta dele e no entanto qualquer pessoa pode ver que ele está partindo seu coração! Josh é tão tolo que nem sequer consegue notar.

— E nem eu quero que ele note! Promete que não lhe contará nada? Por favor, Martha! Não tive a intenção de chorar, mas é que...

—Você o ama. — Não!

—Ama, sim. Não se preocupe, Erin. Não direi nada a Josh. Se ele é suficientemente cego para não enxergar, então talvez não mereça ficar sabendo.

— Obrigada... — Erin sorriu. — Aceito o seu café. Josh me apressou hoje de manhã e ainda estou em jejum.

— É típico da parte dele! Vamos até a cozinha e poderemos conversar enquanto preparo o café.

A despeito de sentir muito a falta de Josh, Erin passou um dia muito agradável ao lado de Martha. Jim acolheu-a muito bem quando voltou para casa no fim do dia, apesar de parecer exausto.

—Como vão as coisas?

—O fogo ainda não acabou — disse Jim, preocupado. — Eles estão fazendo o possível, mas a menos que o vento mude de direção... Nem quero pensar no que poderá acontecer.

— E Josh? — perguntou Martha, ansiosa.

— Ainda se encontra lá. Não podemos fazer nada, mas...

— Onde é que ele se encontra? — Erin interrompeu-o, e estava tão preocupada quanto Martha. — Onde é que ele está? — repetiu desesperada, pois ninguém parecia disposto a responder.

— Oh, meu Deus! — Martha mordeu o lábio. — Eu... sabe Erin, Josh não queria deixá-la preocupada.

— Erin não sabe? — perguntou Jim, espantado.

— Não.

— Por que Josh não quer que eu me preocupe. E onde ele está'?

— A tempestade, ontem à noite, provocou muitos incêndios na floresta, e um deles está caminhando na nossa direção. A casa de Josh e também a nossa estão ameaçadas.

— Oh, não! E Josh se encontra lá, tentando deter o fogo? — Ela mal ousava formular a pergunta, pois já sabia a resposta. Josh não era o tipo de homem que daria as costas ao perigo, quando ameaçado. Ele o enfrentaria de frente, mesmo que se tratasse de uma floresta incendiada.

— Josh está ajudando a combater o incêndio. Parece que não tem jeito, pois o fogo progrediu demais.

—Mas você disse que o vento poderá mudar!

—Sim, é o que os meteorologistas esperam, mas se o vento não mudar de direção nas próximas quarenta e oito horas, os bombeiros começarão a nos evacuar desta região.

—Mas as suas coisas...

—Serão consumidas pelo fogo — disse Martha.

—Mas eu não entendo! Como é que vocês podem aceitar uma coisa dessas com tamanha passividade?

—Não se trata disso! — disse Jim, impaciente. — Josh e eu ficamos lá o dia inteiro, ajudando a apagar o incêndio. Josh continua tentando.

— Desculpe... Josh corre algum perigo?

— Não.

— Quero saber a verdade. Não sou nenhuma criança. Josh não tinha o direito de me ocultar esse fato.

— A verdade é que simplesmente não podemos prever nada. Os incêndios nas florestas são sempre muito perigosos.

—Quero ficar com ele!

—Não, Erin. A última coisa que Josh me disse foi que sob nenhum pretexto você deveria voltar à fazenda.

— Ah, sei... Com licença, vou para o meu quarto...

— Erin...

Sem se importar com Martha, que a chamava, Erin trancou-se no quarto. Por que não aceitava de uma vez por todas que Josh não a queria junto a si, nem mesmo durante aquela crise?

Os dois dias seguintes pareceram intermináveis, enquanto aguardavam notícias de que o vento havia mudado de direção. Caso contrário, teriam de sair da fazenda.

No terceiro dia Jim apareceu na hora do almoço, sujo e despenteado, mas com uma expressão de alegria.

—O fogo acabou! — disse, excitado, abraçando Martha. — O fogo acabou!

—Como?

—O vento mudou de direção e as chamas começam a apagar! Que sorte!

— Graças a Deus! — disse Erin. — E Josh?

— Ele está bem, apesar de muito cansado, como eu.

—Quando poderei ir à fazenda? Compreendo que Josh provavelmente queira dormir agora, mas ele virá me buscar após o jantar, não é mesmo?

Erin interrompeu-se, ao notar uma estranha reação da parte de Jim. — Erin... Josh não virá mais buscá-la.

—Não virá? Mas então você me levará até lá, não é mesmo?— Jim sacudiu a cabeça. — E por que não?

—Josh acha melhor você ficar aqui. Ele...

—Ele não me quer a seu lado. Está bem, ficarei em um hotel na cidade.

—De modo algum! — disse Martha, indignada. — Não admito!

—E eu também não. Não é que Josh não a queira a seu lado, Erin. Acontece que ele vai ajudar o pessoal a remover os estragos causados pelo incêndio e estará fora de casa a maior parte do tempo. Ele naturalmente se sentirá tão exausto que procurará dormir o quanto possa. Previno-lhe que, se você for embora, Josh irá à sua procura.

Erin calou-se diante de argumento, tão sensato, e ficou à espera. Quando chegou o sábado, ela quase havia perdido as esperanças. Deviam embarcar para a Inglaterra no dia seguinte e, de repente, ele deu notícias.

— Josh virá jantar conosco hoje à noite — comunicou Martha.

— É mesmo? — Erin mordeu o lábio, nervosa.

— Pois é. Que ótimo, não acha?

—Acho que sim... — Erin fazia o possível para não demonstrar muito interesse.

Quando ela o ouviu chegar, pouco antes das cinco, demorou-se de propósito no quarto. Martha e Jim talvez já tivessem percebido que ela amava Josh, mas não pretendia dar a menor demonstração nesse sentido!

Erin desceu para a sala de estar dez minutos após a chegada de Josh. Ele parecia o mesmo homem de sempre, e estava tão bonito que o coração de Erin disparou. O incêndio havia deixado Jim e Josh exaustos. Ele ainda parecia cansado e estava ligeiramente pálido.

—Você está com ótima aparência, Erin! — declarou Josh, com ternura.

— Obrigada... Gostaria de poder retribuir o elogio...

— É sincera como sempre, não?

— Claro!

Erin sentou-se ao lado dele, no sofá. e Martha e Jim desculpavam-se, indo para a cozinha com o pretexto de cuidar do jantar.

—Acho que Martha e Jim são pessoas de muito tato... — observou Josh.

— É mesmo? Não imagino por quê!

— Não mesmo?

—Não! Vou ajudar Martha. Você e Jim devem ter muito o que conversar.

— E nós dois, não?

— Que eu saiba, não. Ah, Sheba está lá fora.

—Eu sei. Cruzei com ela no caminho. Está com boa aparência. Pelo visto você cuidou muito bem dela.

— Não cuidei, não...

— Jim contou-me que ela não larga de você,

— Sheba sentiu a sua falta.

— E você, também sentiu?

—Inicialmente achei que sim. — Erin sorriu, decidida a não dar conhecimento a Josh de que havia se apaixonado por ele. — No entanto, Martha e Jim são pessoas tão agradáveis que logo consegui superar as saudades.

— Então ficará contente em partir amanhã...

— Será tão bom rever a Inglaterra...

—Acho que você deve levar uma última lembrança do Canadá. Como Dave lhe disse, o Rodeio de Calgary é digno de ser assistido.

— Então vamos ao rodeio?

— Sim, hoje à noite.

— Não sabia.

— Eu não tinha certeza se poderia comparecer, e pedi a Jim e Martha que não lhe dissessem nada.

— Da mesma forma você lhes pediu que não mencionassem o incêndio...

— E que não tinha a menor idéia de qual seria a sua reação...

— Saiba que não sou histérica!

Erin respirou fundo. Quando Martha lhe havia comunicado que Josh viria jantar, ela decidira que controlaria suas emoções, mas agora constatava que não conseguia levar adiante seu propósito.

— Será divertido ver o rodeio!

— Espero que sim, Erin.

Ela brilhou durante o jantar e sorria o tempo todo, parecendo muito feliz. Josh, ao contrário, mostrava-se cada vez mais sombrio e apressou-a, assim que acabaram de comer.

—Agora estou ansiosa para presenciar o rodeio! — confessou, enquanto ela e Josh se dirigiam para Calgary. Martha e Jim só iriam no meio da semana.

— Dá para perceber — comentou Josh com secura.

— Desculpe... —disse Erin, ficando em silêncio.

Não trocaram mais palavras até chegarem à cidade, mas Erin sentiu-se atingida pela animação geral que reinava no local do rodeio. Lá se encontravam milhares de pessoas, de todas as idades, que se divertiam com a exibição de gado, o parque de diversões, os shows e as velhas carroças que iriam participar da corrida.

Josh segurou a mão de Erin, pois poderiam perder-se em meio à multidão.

— Primeiro vamos ver as corridas de carroças, e em seguida visitaremos a feira.

— Saiba que não sou nenhuma criança! — disse Erin, sentindo que ele estava sendo por demais autoritário.

—Talvez não... Vamos fazer uma trégua hoje à noite, Erin?

O amor que ela sentia por aquele homem brigava com a indignação pôr ter sido deixada com seus amigos durante a semana. O amor acabou vencendo.

—Concordo...

—Assim é que eu gosto! — disse Josh, dando-lhe um beijinho na lesta.

Era o tipo do gesto afetuoso que um irmão teria por sua irmã, mas Erin sentiu-se nas nuvens e sorriu feliz quando Josh trouxe-lhe um chapéu de Feltro que comprara em um dos quiosques da feira.

A corrida de carroças foi muito divertida, apesar de um tanto perigosa, pois os pesados veículos quase caíam de lado, diante de uma curva mais acentuada.

—Sabe que eu já participei dessas corridas, Erin? Costumava guiar as carroças — confessou Josh.

— E nunca se machucou?

— Sim, certa vez quebrei o braço.

— É mesmo? Como foi?
—Caí e um cavalo caiu em cima de mim. Olhe, vai começar a próxima corrida — Josh apontou para a pista, onde quatro carroças se alinhavam.
— Acho que já vi o suficiente.
— Como você está pálida! Sente-se bem?
— Creio que não...
Só de imaginar que Josh havia corrido tamanho perigo, Erin fraquejou. Ele poderia ter morrido!
—Pois então vamos embora. Quem sabe um refrigerante a fará sentir-se melhor?
—Talvez.
Josh foi até o quiosque e trouxe dois copos de papel.
—Por que você se expunha tanto ao perigo, nas corridas de carroça?
—Bem, o pai de Jim era proprietário de uma delas, e Jim e eu sempre li guiávamos, nas competições.
—Mas por quê?
—Era muito divertido, além de excitante. Acontece que eu era pago. Nem sempre fui o próspero artista que você conhece... Quando era estudante, nem sempre tinha dinheiro. Toda vez que podíamos, Jim e eu corríamos para o pai dele e para quem nos solicitasse.
—Mas é tão perigoso!
— Sim, como quase tudo na vida. Ouça aqui menina: a gente veio até aqui para se divertir, não é mesmo? Não quer visitar as barracas de tiro-ao-alvo?
— Quero, sim!
— Está se sentindo melhor agora?
— Sim, muito melhor.
Josh revelou-se um excelente atirador e ganhou muitas prendas, entre elas bichinhos de plástico, que entregou a Erin, além de um enorme urso de pelúcia.
—Como é? Divertiu-se em seu primeiro rodeio? — perguntou Josh, enquanto caminhavam lentamente em direção ao estacionamento.
—Adorei!
—Que bom. Seu ursinho parece mais um elefante, com essas orelhas enormes.
— Mas ele não tem tromba! Acho-o um encanto!
— O que será que vão pensar dele amanhã, no aeroporto?
A felicidade que Erin sentia subitamente se dissipou. Amanhã tomariam o avião para a Inglaterra...

CAPÍTULO IX

Martha e Jim ainda estavam acordados, quando eles voltaram para a fazenda.
—Nem preciso perguntar se vocês se divertiram! — disse Martha sorrindo, ao ver Erin sobrecarregada com tantos brinquedos.
—Foi ótimo! — confirmou Erin.
—Sei que você adora isso! — disse Josh, estendendo um pacote de pipocas doces para Martha.
—Obrigada!
—Você está querendo que minha mulher engorde? — disse Jim, rindo.
— Se vocês não se importam, vou dormir. Sinto-me muito cansada —declarou Erin. Aquela noite tinha sido repleta de emoções, e agora ela sentia vontade de ficar sozinha.
— Eu também vou andando. Você me acompanha até a perua. Erin?
— Sim, claro! — ela disse um tanto surpreendida.
—Divertiu-se mesmo? — ele perguntou, enquanto caminhavam pelo jardim.
—Sim, muito.
—Que bom! Boa noite, Erin. Virei buscá-la por volta das dez da manhã. — Josh beijou-a rapidamente na boca. — É a sua última noite no Canadá. Não foi uma temporada muito feliz, não é mesmo?

Como ela poderia dizer-lhe que não queria partir jamais, que queria permanecer com ele para o resto da vida?

—De fato não foi, mas você demonstrou muita bondade.

—Bondade? Você sabe muito bem que eu não fui nem um pouco bom, que...

— Ainda não quero falar sobre o que aconteceu aquela noite, Josh.

— Imagino que não. O mesmo acontece comigo. Até amanhã.

—Até amanhã. — Erin afastou-se antes mesmo que Josh entrasse na perua.

—Está tudo bem? — indagou Martha, assim que ela entrou.

—Sim. Boa noite. Erin saiu correndo para o quarto, imaginando se chegaria finalmente o momento em que sua dor teria um fim.

Já estava deitada, fingindo dormir, quando Martha bateu de leve na porta e entrou.

—Oh, desculpe, não imaginei que já tivesse se recolhido. Tive a impressão de que você estava preocupada...

— Não, estou apenas cansada.

— Tem certeza?

—Absoluta... — Erin não queria dizer muito mais, pois sentia que poderia começar a chorar.

— Você e Josh não brigaram, não é mesmo?

— Não.

—Não me refiro a hoje à noite, Erin. Josh não costuma ignorar seus convidados e...

— Não sou exatamente uma convidada.

— Eu sei disso, mas é que...

— Prefiro não tocar no assunto.

—Como queira — disse Martha, levantando-se. — De uma coisa tenho certeza: o que quer que Josh quisesse, nada chegou a acontecer...

Como ela tinha razão! A situação era profundamente irônica. Martha agiu com o intuito de fazê-la se sentir melhor e acontecera justamente o contrário!

—Não se preocupe, Martha. Acabará dando certo.

—Espero que sim. Detesto ver vocês dois tão infelizes. Erin ficou acordada até tarde. Temia a viagem do dia seguinte e suas conseqüências.

Quando Josh apareceu no dia seguinte, Erin ficou muito surpreendida. Ele usava um terno! Sua aparência mudara inteiramente e ele se tornara mais sofisticado, mais de acordo com a imagem de um artista famoso. Ela não duvidava ter diante de si Joshua Hawke, uma figura célebre.

Josh não viera com a perua, e sim com o Porsche. Acomodou a bagagem de Erin no banco de trás, juntamente com a sua, apesar do urso de pelúcia ocupar quase todo o espaço.

—Você decidiu levá-lo? — indagou Josh com um sorriso. — E o chapéu também? — ele perguntou, apontando o chapéu de feltro que comprara no local do rodeio.

—Também.

Erin levava consigo tudo o que ele lhe dera, inclusive a experiência mais maravilhosa de toda sua vida. Isso, entretanto, teria de ficar trancado em suas recordações e exposto somente quando ela estivesse sozinha, quando então evocaria suas palavras e suas carícias.

—Bem, acho melhor ir andando. O avião parte dentro de duas horas. Foi muito duro para Erin despedir-se de Martha e Jim, pois sabia que nunca mais os veria. Martha prometeu escrever e Erin sabia que ela cumpriria a promessa. Quem sabe ela, de vez em quando, mencionaria Josh em suas cartas?

Viajar de avião na companhia de Joshua Hawke revelou-se uma experiência e tanto. A partir do momento em que se apresentaram no balcão da companhia aérea, Erin descobriu o que era ser famoso.

Foram imediatamente conduzidos à sala de espera dos passageiros da primeira classe, onde lhes serviram drinques até a hora do embarque. O sorriso da aeromoça foi particularmente acolhedor e ela os acompanhou até seus lugares.

—Se precisar de alguma coisa, é só pedir — disse a Josh, com muita delicadeza.

— Não duvido que ela venha atendê-lo correndo — murmurou Erin.

— O que foi que você disse? — perguntou Josh.

— Nada.

— Julguei que tivesse dito alguma coisa.

—Enganou-se! Se não se incomodar, vou dormir um pouco, pois me sinto cansada.

—Mas você acabou de se levantar!

—Mas acontece que estou fatigada! — Os olhos de Erin fuzilaram, pois naquele momento ela morria de ciúmes da aeromoça.

— Você tem se alimentado bem? Martha disse que sim, mas...

— Você acaso está querendo me controlar?

— Estou apenas perguntando!

—Quando é que irá acreditar que não sofro daquela maldita doença? Não sou sua irmã, Josh. Meu nome é Erin Richards, e não preciso que você tome conta de mim o tempo todo.

— Evidentemente não.

— Definitivamente não!

— Pois então estamos de acordo!

Eles ficaram se encarando como se existisse ódio entre ambos. Erin não tinha a menor idéia do que aconteceria em seguida, mas a aeromoça aproximou-se e ofereceu-lhe champanha.

Champanha às onze e meia da manhã! Erin recusou e, recostando-se, fechou os olhos, como se estivesse dormindo.

Isso, porém, não aconteceu. Não perdia uma única palavra do que a aeromoça dizia, certa de que estava tentando fazer charme para Josh, e ele correspondia à sua amabilidade.

Os dois mal se falaram durante toda a viagem. Erin chorava por dentro, mas por fora agia como se não se importasse com nada.

Quando chegaram ao aeroporto, em Londres, ela teve uma outra revelação, pois a imprensa em peso esperava por Josh. Os repórteres fotografavam-no sem parar e bombardearam-no com perguntas. Durante o tempo todo ele a segurou pelo braço, não permitindo que ela se afastasse.

— Podemos saber o nome da jovem que o acompanha, sr. Hawke?

— Os dois se encontraram no avião ou vieram juntos para Londres?

— É sua noiva, sr. Hawke?

— Ou quem sabe sua esposa?

— Sr. Hawke...

Josh os encarava com calma e naturalidade, a despeito de toda a confusão reinante.

—Limitem suas perguntas à minha vida profissional e talvez consigam algumas respostas — declarou secamente.

— Mas...

— Certamente o senhor não se incomodará se...

— Ela é muito bonita, sr. Hawke, e...

—É, de fato, mas perguntas de caráter pessoal não serão respondidas por nenhum dos dois. Josh passou por entre eles, ainda segurando com força o braço de Erin, e praguejou entre dentes:

- Eles que vão para o inferno!

— Sinto muito, caso tenha lhe causado algum constrangimento...

— De modo algum. Vamos dar o fora daqui.

— Sr. Hawke...

Josh voltou-se indignado e tenso, decidido a dar uma resposta atravessada.

— Penso que já lhe disse que...

— Meu nome é Geraid Parker. Fui enviado pelo sr. Smythe.

— Ah, desculpe. Vamos, Erin.

Ela o seguiu, apressada, e acomodou-se na enorme limusine negra, enquanto o chofer colocava a bagagem no porta-malas. Erin teve vontade de rir, ao notar o desdém com que o chofer encarava o urso de pelúcia...

Josh e o homenzinho que se apresentara como Geraid Parker tinham muito o que falar. Erin percebeu que Geraid era empregado da galeria onde Josh iria expor e que pertencia a Matthew Smythe.

—Ele sentiu muito não poder comparecer ao aeroporto. A sra. Smythe escolheu justamente esta manhã para dar à luz seu primeiro filho. Que coisa tão aborrecida!

Erin notou que Josh tentava disfarçar um sorriso, enquanto procurava dar uma resposta apropriada. Pelo visto, as inclinações de Geraid Parker não pendiam para o lado das mulheres, e o nascimento de um bebê era para ele algo de muito inconveniente...

— Reservei lugar para ambos em um hotel, conforme o senhor solicitou. Trata-se de uma suíte.

—Obrigado. Creio que ainda não lhe apresentei a srta. Richards.

— Não. — Geraid Parker inclinou-se e apertou a mão de Erin. — Qualquer pessoa amiga do sr. Hawke é também minha amiga...

— E ela não passa disso, Parker. Apreciaria muito que você mantivesse o nome dela afastado da imprensa sensacionalista.

— Oh, mas...

— Será que fui suficientemente claro?

— Sim, mas...

—Conheço muito bem Matthew Smythe e seus truques publicitários. Se sair alguma notícia sobre eu e a srta. Richards, removerei todos os meus quadros de sua galeria.

— Certamente, sr. Hawke. Pode deixar por minha conta.

— Ótimo.

Erin, que até então estivera calada, manifestou-se.

— Josh, em relação ao hotel...

— Falaremos mais tarde no assunto, Erin.

— Mas...

— Mais tarde.

Aquele Josh era bastante diferente do que ela conhecera até então. Ainda se mostrava autoritário, mas havia nele uma imensa segurança, que fazia com que homens como Geraid Parker se mostrassem quase servis. Era como se ela tivesse sido apresentada a um outro Josh, e levaria uma vida inteira para conhecê-lo!

A suíte do hotel era luxuosa e superava em muito as previsões de Erin, mas Josh parecia sentir-se perfeitamente à vontade naquele ambiente.

Ele pegou no telefone e encomendou flores pra Ginny Smythe, após solicitar a Geraid Parker o nome do hospital.

— Imagino que você gostaria de repousar um pouco — disse para Erin, desligando o telefone. — Qual quarto prefere?

— Não posso permanecer aqui, Josh. Tentei falar a respeito disso no carro...

— Qual quarto, Erin? Este aqui me parece muito bom — disse Josh, como se não a tivesse ouvido.

— Não vou ficar no hotel.

— Mas é claro que vai. E, pelo amor de Deus, largue esse urso! Você parece uma menina de dez anos.

— Pare de me dar ordens, Josh. Talvez isso funcione com o sr. Parker, mas comigo não dá certo.

— Desculpe. Quando a gente entra numa floresta, imediatamente começa a se tornar tão agressivo quanto os outros animais. Agora você sabe por que só apareço em público durante três meses ao ano. Levo os nove meses restantes para voltar a me humanizar. Quando me tornei famoso, quando os meus quadros começaram a ser apreciados, eu era de uma inocência total. O que sabia sobre exposições, promoções, contratos? As pessoas abusavam de mim e tiravam vantagem da minha ignorância. Ataque antes de ser atacada, Erin. Foi a lição mais dura que aprendi.

— Sinto muito. Josh, mas ainda digo que não posso permanecer aqui. Isso não faz parte do nosso acordo.

— Pois esqueça esse maldito acordo! — ele disse, empalidecendo. — Quero que você permaneça aqui, pois me importo com o que possa lhe acontecer. Você achou que eu iria trazê-la a Londres para simplesmente abandoná-la? Ficará comigo até encontrar um lugar decente para morar e um emprego que lhe permita sustentar-se.

—Mas isso pode levar dias e até mesmo semanas!

— Exatamente. Não, você vai ficar aqui mesmo. Agora quero que descanse. Preciso ir até a galeria, mas jantaremos juntos, quando eu voltar.

—Mas...

—Por favor, Erin... deixe-me fazer isso por você. Afinal de contas, eu lhe devo algo!

Ele estava agindo daquela maneira porque se sentia culpado pelo fato de ter feito amor com ela!

— Está bem. Vou descansar.

— Erin! — Josh obrigou-a a encará-lo. — Erin!

Subitamente ele beijou-a com ternura, e aos poucos a paixão começou a inflamá-lo. — Desculpe — ele disse, afastando-a, muito pálido. — Não tive a intenção de incomodá-la...

—Mas então por que agiu assim?

—Porque... porque... nós nos veremos mais tarde. — Josh deu-lhe as costas e retirou-se.

Assim que ele saiu, Erin pegou sua bagagem e deixou o hotel, sem saber para onde ir. Não se importava nem um pouco com o que pudesse lhe acontecer.

CAPITULO X

Era esquisito ver seu retrato no jornal. Que sensação engraçada! A garota da fotografia parecia muito calma e controlada, e seu acompanhante, alto e bonito, segurava seu braço com ar possessivo.

"Joshua Hawke e sua nova namorada, a srta. Erin Richards, chegaram ontem a Londres para a inauguração de sua última exposição", dizia a legenda da foto. Seguia-se uma breve notícia: "O sr. Hawke recusou-se a dar declarações sobre seu relacionamento com a linda srta. Richards, e ela por sua vez não se manifestou, limitando-se a olhar para o artista com ar de adoração. O casal, ao que se sabe, hospedou-se em um dos mais famosos hotéis de Londres."

Erin ficou rubra de indignação ao ler o jornal. Seu fascínio por Josh era tão evidente assim ou o repórter estava apenas embelezando a verdade para poder fazer uma boa matéria? Preferia acreditar na última versão.

Após deixar o hotel hospedou-se em um outro, muitíssimo mais barato, e no dia seguinte conseguiu emprego em um restaurante. A estação turística estava no auge e havia grande necessidade de empregados.

Felizmente ninguém relacionou seu rosto com a foto dos jornais, provavelmente porque não se esperava que a "namorada" do famoso pintor fosse garçõete em um restaurante. Erin sentia-se satisfeita com isso, pois preferia permanecer na obscuridade e desejava esquecer que um dia conhecera alguém chamado Joshua Hawke,

Isso, entretanto, não era tão fácil assim. A medida que se aproximava a data de estréia da exposição, os jornais davam cada vez mais notícias. Certo dia publicou-se uma foto de Josh ao lado de uma jovem e linda morena, e naquela noite Erin chorou muito, até finalmente dormir.

— Você não está com boa aparência, meu bem — disse uma das garçonetes no outro dia. — Talvez esteja trabalhando demais. Não precisa se esforçar tanto...

Erin atendia todos os pedidos do gerente do restaurante, pois quando trabalhava não precisava pensar em Josh. A exposição seria aberta dentro de dois dias, e logo em seguida ele viajaria para outros países da Europa, regressando à Inglaterra somente no próximo ano. Erin queria ir à exposição e pretendia pedir uma folga. Para ela era um consolo ver os quadros, mesmo que não pudesse avistar quem os tinha pintado.

Quase derrubou uma bandeja cheia de xícaras de chá quando Josh entrou no restaurante. Não viera ali por acaso, pois caminhou diretamente para ela, com uma expressão tensa.

Fazia mais de uma semana que ela não o via e o encarou com fascínio, sem deixar de notar aquela beleza que tanto a impressionava e seu ar autoritário.

—Afinal de contas, o que é que você pretendia, ao me abandonar? — ele indagou, com os olhos verdes fuzilando.

—Eu...

—Ponha de lado essa maldita bandeja e vamos embora. Quero lhe falar.

— Você é arrogante como sempre.

— Erin! — Josh estava a ponto de explodir.

—Espere um minuto. — Ela foi servir a mesa e em seguida aproximou-se de Josh. — Só termino daqui a uma hora.

— Não, vai sair agora mesmo — disse Josh, agarrando seu braço.

— Não!

— Sim! Pegue o casaco, enquanto isso eu falarei com o seu patrão.

— Josh!

— Faça o que digo. Erin, caso contrário eu a carrego daqui à força!

—Estou sem o casaco. Pode deixar que eu mesma falo com o sr. Simpkins.

—Está certo. Eu a espero lá fora.

Erin foi ao encontro dele dez minutos mais tarde. Tomando-a pelo braço, Josh levou-a para a limusine que os havia esperado no aeroporto.

—Como foi que você me localizou, Josh?

—Não foi nada fácil. Matt, o dono da galeria, colocou alguém na sua pista.

—Um detetive particular?

—Não foi tão dramático assim. Trata-se de um amigo dele, que teve suficiente habilidade para descobrir como é que uma garota pode desaparecer nesta cidade.

—Mas por que você queria me localizar?

— Acontece que você me abandonou e me deixou muito preocupado. Por que se retirou desse jeito?

— Julguei que o estava livrando de uma situação constrangedora. Achei que a imprensa o deixaria em paz se eu não ficasse a seu lado. Você parecia estar indignado com a idéia de que eles pudessem publicar notícias a nosso respeito nos jornais...

—Fiquei indignado por você, não por mim, mas o maldito artigo acabou saindo.

—Foi Geraid Parker?

—Não, e muito menos Matthew, Não foi ninguém da galeria, caso contrário não deixaria os meus quadros lá. Algum empregado do hotel acabou ganhando dinheiro às nossas custas.

— Bem, e agora para onde vamos?

— Para o meu hotel.

— Não!

—Vamos, sim. Quero conversar a sério com você, e o interior de um carro não me parece o local mais apropriado.

Erin manteve-se em silêncio e deixou Josh tomar seu braço, enquanto entravam no hotel e subiam de elevador. Afinal de contas, devia-lhe aquele diálogo. Em seguida nunca mais o veria.

—Agora conte por que me deixou — ele solicitou, assim que entraram na suíte.

—Eu não o deixei.

—Então não sei como qualificar a sua atitude, a menos que você tenha fugido de mim!

Aquela noite ele se assemelhava um pouco mais ao Josh que ela havia conhecido no Canadá: O temo havia sido substituído por uma calça negra de lã, muito esportiva, e por uma camisa verde, displicentemente desabotoada. Erin ainda sentia dificuldade em acreditar que ela e aquele homem haviam feito amor, e que Josh a possuía.

—Quer dizer, então, que você não suportava mais ficar a meu lado? Mesmo assim, não precisava afastar-se sem me dizer nada.

—Eu deixei um bilhete.

—Ah, sim... "Adeus, Josh, e obrigada"... Muito esclarecedor, não acha?

—É que eu não tinha mais nada a dizer.

—Imagino que não, mas por que não me telefonou, para dizer ao menos que estava bem?

— Não telefonei por que...

— Porque você não está bem! Você...

—Deixe-me falar! Tenho dezenove anos, Josh, e, segundo as leis deste país, já sou maior de idade.

—Mas não age como se fosse.

—Não mesmo? Você não acha maduro de minha parte afastar-me de uma situação que só pode trazer constrangimentos para as pessoas que estão envolvidas nela?

—Mesmo assim, poderia ter telefonado. Não gostei nem um pouco de pôr um estranho para procurá-la, mas é que não tinha a menor idéia de como localizá-la.

—Como foi que ele me descobriu?

—Teve um trabalho dos diabos. Afinal de contas, você podia ter morrido! Saiba que fui a todos os hospitais e necrotérios!

—Oh, Josh, não era preciso!

— Era preciso, sim! Afinal de contas, sinto-me responsável por você!

—Mas não tem por quê! Já arranjei emprego, tenho onde morar e estou bem. Está contente?

—Pelo menos tem se alimentado decentemente?

—Por favor! Quantas vezes terei de repetir que não sou Sharon? Como, durmo e sobrevivo sem que o onipotente Joshua Hawke tome conta de mim. Agora posso ir embora?

— Erin...

— Posso ir embora?
— Creio que sim...
— Desejo-lhe boa sorte na exposição.
— Você não comparecerá à inauguração?
— Irei visitá-la um dia destes, se tiver tempo.
— Por que não vai amanhã à noite? Farei uma exibição especial para críticos, compradores e alguns amigos. Gostaria que você estivesse presente.

— Não.
— Sim! Acho que não estou pedindo demais, não é mesmo?
— Talvez eu tenha de trabalhar...
— Por favor, Erin. Preciso... quero que você esteja lá.
— Está bem, irei — declarou Erin, após uma breve e dolorosa luta interior. — Depois disso você terá de aceitar o fato de que eu sou perfeitamente capaz de cuidar de mim. e que não aceito ficar sob a responsabilidade de quem quer que seja?

— Sim. Irei buscá-la...
— Não.
— Então mandarei um carro.
— Não precisa. Sei o caminho.
— Erin... Bem, acho que, afinal de contas, você é adulta... Então amanhã, às sete e meia. Sabe o endereço da galeria?

— Sei, sim.
Felizmente Erin recebeu seu salário no dia seguinte, e aproveitou a hora do almoço para comprar um vestido novo. Escolheu um vestido negro, muito justo, com um decote em "V" bastante ousado. Lavou os cabelos e pôs uma maquilagem bem leve, o que ia muito bem com sua pele queimada de sol. Estudando-se ao espelho, concluiu que Josh não se sentiria nem um pouco envergonhado de sua aparência.

Quando chegou à galeria, o porteiro imediatamente a fez entrar, bastando ela declinar seu nome. Lá se encontravam numerosas pessoas e todos tomavam champanha, enquanto iam de quadro em quadro.

— Onde é que você estava?
Erin voltou-se lentamente e encarou Josh, surpreendida com a rispidez com que ele lhe falava.

— Cheguei há algum tempo — respondeu, muito calma.
— Você se atrasou!
— Apenas dez minutos.
— Deviam ter me avisado, assim que você chegou.
— Não seja tolo, Josh. É surpreendente que você tenha me localizado no meio desta multidão.
— Não foi nada difícil. Você está linda, Erin.
— Obrigada.
— Eu...

— Josh, Atkins quer lhe dar os parabéns. — Um homem de uns trinta anos surgiu ao lado de Josh.

— Ele terá de esperar!
— Está se referindo a Adam Atkins? — perguntou Erin, sem dominar o espanto que sentia. O recém-chegado olhou-a durante alguns instantes, sem disfarçar o quanto estava admirado.
— Acho que não fomos apresentados...
— Erin Richards, Matthew Smythe — disse Josh tenso.
— É claro! Devia tê-la reconhecido...
— Como assim? Ah, é claro, os jornais... Não me surpreende que não tenha sido reconhecida. Eu mesma não me identifiquei com aquela foto... Como estão sua mulher e o nenê?

— E uma menina, e ambas passam muito bem.
— Você mencionou o nome de Adam Atkins, não?
— Sim. Admirou demais um quadro de Josh, e disse que é o melhor que ele fez até hoje. Concordo com ele. E, de fato, uma obra-prima.

— Josh, você não pode fazer um homem desses esperar — comentou Erin, escandalizada. Adam Atkins era um dos mais famosos críticos de arte do mundo e podia fazer ou

desfazer reputações, apesar de toda a importância de Josh. — Não precisa ficar a meu lado, Josh. Vou apreciar os quadros.

— Tomarei conta de Erin — ofereceu-se Matt. — Atkins está do outro lado da sala.

— Já o localizei — disse Josh com certa rispidez. — Erin, volto daqui a pouco. Não desapareça, ouviu?

— Claro que não!

— Ótimo.

Josh inclinou-se e beijou-a ligeiramente na boca, antes de ir procurar o crítico. Imediatamente ambos entabularam uma animada conversa.

Erin sentia-se muito constrangida. Por que Josh a beijara diante de toda aquela gente? Notava que as pessoas a encaravam com curiosidade, e entre elas estavam alguns dos repórteres que os aguardavam no aeroporto!

— Josh não devia ter pedido para ficar comigo, sr. Smythe. Tenho certeza de que muitas outras pessoas o solicitam. Por favor, fique à vontade.

— Claro que não! Vamos tomar champagne e em seguida eu a apresentarei a todo mundo.

— Prefiro examinar os quadros de Josh, se não se incomodar — declarou Erin, assim que ele lhe entregou uma taça.

— Ainda não os viu? Nesse caso, terei muito prazer em guiá-la.

Os quadros, em número de trinta, eram maravilhosos. A maior parte deles retratava o esplendor das paisagens do Canadá. Um ou dois eram retratos de velhos índios e outro reproduzia todas as peripécias de um rodeio.

— Agora veremos a obra-prima de que todos falam, mas é claro que já a conhece...

— Não, eu...

Erin ficou pálida como cera ao ver o quadro colocado em lugar de destaque na exposição. Era o retrato de uma mulher, de pele muito alva e que contrastava com a peça de veludo azul sobre a qual ela se reclinava. A luz revelava todas as curvas do seu corpo nu. Somente o rosto estava na sombra, e seus traços eram apenas esboçados. A cabeça era emoldurada por cabelos dourados, que lhe davam um ar espiritual. Sim, os traços não eram quase visíveis, mas Erin sabia que a retratada era ela, fato, aliás, do conhecimento de todos os que se encontravam presentes!

Naquele momento sentia uma única vontade: fugir de lá imediatamente. Josh havia finalmente pintado o quadro, revelando sua nudez! E não lhe tinha dado o nome de Inocência, mas de Amante Fugitiva!

— Erin! — Matthew, preocupado, segurou-a pelo braço. — Erin, você está bem?

— Sim, sim... Preciso ir embora.

— Venha comigo.

Mathew levou-a para o escritório e a fez sentar-se em uma poltrona.

— Vou lhe arranjar uma bebida bem forte. Tome! — disse, estendendo-lhe um copo com conhaque.

Erin bebeu, mas não sentiu aquele líquido que queimava como fogo. Josh a havia pintado nua! Ele a convidara para ir a exposição a fim de presenciar sua humilhação.

— Você não sabia, não é mesmo? — indagou Mathew, sentando-se no braço da poltrona.

— Não, não sabia...

— É uma obra-prima, Erin...

— Mas lá estou eu, nua, para que todos vejam!

— Você foi pintada através dos olhos de alguém que a ama...

— Não, fui pintada por alguém que me cobiça... Amante Fugitiva! É tão obvio que não pode ser verdade...

— Há várias maneiras de se fugir. Erin...

— Por favor, preciso ir embora. Não quero atravessar a sala de exposições. Seria incapaz de encarar aquela gente. Não tem outra saída?

— Sim, mas...

— Pois então mostre, por favor!

— Não posso deixá-la ir nesse estado.

— Você não pode me deter.

— Pelo menos deixe-me procurar alguém que a acompanhe até sua casa. Por favor, Erin, eu me sentiria bem melhor se você consentisse.

—Está bem, mas aja com rapidez!

Como é que Josh tinha a coragem de lhe fazer aquilo? Dissera-lhe que não pintaria o quadro e acabara mentindo! Pintara-a com todos os detalhes, não esquecendo nem mesmo a cicatriz deixada pela operação de apendicite quando ela era criança.

—Erin.

Ela se voltou e defrontou-se com Josh.

— Vou embora. Matthew foi ver se alguém pode me acompanhar.

— Já encontrou. Sou eu quem a levará.

—Não! — Ela sacudiu a cabeça e seus olhos estavam marejados de lágrimas.

— Não acredito que isto esteja acontecendo, Erin.

— E eu muito menos!

—Matt me contou que você pensa que a pintei movido apenas pelo desejo e a fim de magoá-la.

— E não foi o que aconteceu?

— Claro que não. Você sabe como me sinto a seu respeito...

—E as pessoas que estão na exposição também sabem... Amanhã o mundo inteiro ficará a par!

— Era minha intenção.

— Não duvido. Joshua Hawke, o grande amante!

—Não funcionei tão bem com você, não é mesmo? Você não conseguia sequer me encarar, depois que tudo terminou.

— Você só soube dizer que sentia muito!

—O que mais poderia fazer? Seria capaz de cair de joelhos e suplicar o seu perdão, se achasse que isso mudaria alguma coisa, mas era tarde demais.

—Sem dúvida...

—Pus o que havia de melhor em mim naquele quadro. Achei que com isso poderia lhe mostrar que...

—Mostrar o que, Josh?

—Lembra-se de que não conseguia pintá-la? Depois que fizemos amor descobri por quê.

—Devido unicamente à luxúria!

—Não! Trabalhei primeiro o rosto, pois não ousava pintar seu corpo. Não consegui. Amo todos os seus traços, amo seu sorriso e não podia selecionar apenas uma expressão. Simplesmente não consegui terminar o rosto da mulher que eu amo.

— Josh, não entendo... Você está se declarando a mim?

— Você sabe muito bem que sim!

— E... há quanto tempo me ama?

— Acho que desde sempre.

— Estou falando sério, Josh.

—E eu também. Não lembro de ter havido um momento em que eu não te amasse.

—Quando fizemos amor...

—Oh, como te amei naquele momento! E você me detestava. Durante dias e dias eu lutava para fazer amor com você, e é por isso que passava tanto tempo trancado no estúdio, Quando você veio ao meu encontro naquela noite, não consegui mais resistir.

— E nem eu queria que você resistisse... Josh... eu também te amo!

— Você não está brincando comigo, não é mesmo?

—De modo algum. Eu te amei naquela noite, e já te amava bem antes, mas nem mesmo naquele momento você mencionou que me amava...

— Você também não!

— E que... eu sentia medo.

— Eu também.

— E mesmo?

— Nunca amei antes e não sabia como lidar com a situação.

— Nós agimos como dois tolos, não?

— Pelo jeito, sim. Você me ama de verdade?

— Muito.

— E casará comigo?

— Oh, sim!

—Que felicidade! Eu te amo, Erin! — disse Josh, tomando-a nos braços. — Erin, quando Matt me contou que você odiou o quadro, achei que a havia perdido para sempre.

—Odiei-o, porque achei que o seu objetivo era zombar de mim.

— Jamais! Depois do incêndio não ousei deixá-la regressar à fazenda. Você parecia ter vergonha diante do que havia sucedido entre nos e eu não confiava em mim, pois seria capaz de voltar a possuí-la. Foi por isso que a deixei com Martha e Jim e, enquanto isso, pinteí o quadro. Era tudo o que me restava de você, mas preferia infinitamente tê-la a meu lado!

— Achei que você estivesse decepcionado comigo, arrependido de tudo o que havia acontecido.

— Como assim, se não penso em outra coisa desde então?

— Josh! Quando foi que você se apaixonou por mim?

— Não sei. Não gostava que aquele sujeito do hotel pusesse a mão em você, e até mesmo senti ciúmes por você gostar de Dave. Quando você me revelou que Bob era marido de sua mãe, e não seu amante, senti-me tão feliz que até tinha vontade de gritar. Imagine só, fiquei debaixo de um chuveiro frio durante quinze minutos até me acalmar!

—Josh, preciso lhe confessar algo: eu também só pensava em fazer amor com você, desde aquela primeira vez...

—Será que poderemos fugir daqui sem que ninguém nos perceba?

—Acho que não! Além do mais, quero que todo mundo veja o original da pintura!

—Tem certeza? Se quiser, posso ordenar que a retirem da exposição.

— Não ouse! — disse Erin, pois agora tinha certeza de que o quadro havia sido o produto de um grande amor.

— Erin, tem certeza de que quer ser minha esposa? Você já sabe como sou. Vivo como um recluso a maior parte do tempo e em seguida me torno uma personalidade, sou assediado pela imprensa...

— Ah, me faz lembrar uma coisa... Quem era aquela charmosa morena com quem você esteve recentemente?

— Acaso está com ciúmes?

— Desesperadamente.

—Não é necessário! Eu nem sequer estava com ela. A garota encontrava-se a meu lado quando tiraram o retrato. Só fui àquela festa porque Matt achou que eu devia ir. Saí depois de dez minutos. Estava tão preocupado com você que não conseguia pensar em mais nada. Quando descobri que não se encontrava mais no hotel... Não quero nem me lembrar disso...

—Oh, meu amor! — Erin beijou-o apaixonadamente na boca, e foi amplamente correspondida. Subitamente, ouviram alguém que tossia com exagero.

— Sinto muito interromper esse... devaneio... mas a imprensa quer uma declaração sua, Josh.

— Estou pronto para dá-la. — Josh levantou-se e enlaçou Erin. — Podemos ir, meu bem?

—Sim!

Erin, tonta de emoção, não ouviu os comentários que se seguiram quando Josh anunciou: "Senhoras e senhores, quero lhes apresentar a futura sra. Hawke..."

Erin costurava e levantou os olhos quando Josh entrou no quarto.

— Acabo de completar o meu segundo nu — ele anunciou, depois de beijá-la.

— Não sei se aprovo! Seu estúdio está começando a ser freqüentado por mulheres nuas!

— Pois a retratada começou a dormir enquanto posava. Tive de mudar a sua fralda e levá-la para o berço.

— Coitadinha de Amy! Não entendo por que seu pai quer pintá-la.

— Já lhe agradei a filha que você me deu?

A garotinha tinha três meses de idade e havia herdado do pai os cabelos negros, e da mãe os olhos azuis e límpidos. Ambos adoravam-na, e após dezoito meses de casamento seu amor se aprofundara, ainda mais.

— Sim, já me agradeceu centenas de vezes, mas gosto do modo como você diz "muito obrigado".

— Eu também! — ele murmurou, tomando-a nos braços. — Por que acha que o faço com tanta frequência?

— Não consigo imaginar — disse Erin com malícia.

— Sua espertinha!

Josh riu, deitou-a na cama e juntou-se a ela, beijando-a com profunda paixão.

Fim